



SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac †
As ultimas regatas—Aspecto da Avenida da Beira-Mar	
A Guerra Russo-Japoneza	Gravuras
Por Darwin	Fritz Muller
Os nossos indios	X.
Os bois chucros	Virgilio Varzea
Coisas da India	Dr. Theodoreto Nascimento
Caxias	J. Henrique Aydos
Poços tubulares	
O Monumento a D. João VI	Mario Behring
Visita do Presidente da Republica a Prefeitura	
Divorciada	Cunha Mendes
Conferencia de Haya	Gravuras
Um grande guerreiro e um grande diplomata	Medeiros e Albuquerque
O Aranhairo da Escola	Gonzaga Duque.



Malaguti



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR . . . 20\$000 EXTERIOR . . . 25\$000
NUMERO AVULSO 25\$000 — ATRAZADO 35\$000

Redacção e Officinas

RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

AGOSTO 1907

N. 8

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES



CRONICA

Agosto e Setembro são dois meses de martyrio para a gente elegante e rica (ou que se suppõe elegante e se finge rica) do Rio de Janeiro.

As corridas, as regatas, o corso, os almoços, os jantares, as recepções, o theatro, os bailes, — juntem tudo isso, e vejam que torvelinho, que redemoinho, que maelstromm! é o delirio do divertimento, é a exasperação do prazer, é o assanhamento da folia!

Uma destas manhãs, encontrei um amigo, no seu escriptorio, cabeceando sobre a mesa cheia de papeis. Despertei-o com um safanão: — Dormindo aqui, a esta hora?

Elle, estremunhado, esfregou os olhos, soltou do peito um longo suspiro, e abriu a torneira das lamentações:

— Que vida, meu amigo, que vida! Eu sou o calceta da Elegancia! Em que dia estamos hoje? sabbado, não? Pois ouça a historia da minha vida nesta semana fatal... No domingo

tive um almoço na Tijuca, passei a tarde no Pavilhão de Botafogo a ver as regatas, e levei a familia á casa do Fagundes, cuja senhora fazia annos; depois do jantar, as meninas entraram a dansar walsas; deitei-me na madrugada de segunda-feira, ás 4 horas. A's 9, vim para o escriptorio, de onde me veio arrancar ás 11 o Melciades para um almoço de cerimonia, que acabou ás 3 da tarde; ás 3 da tarde arrastaram-me para a Exposição do Photo-Club, e, depois, para um *five-o'clock* em casa do Mello; quando cheguei á casa, já a familia tinha jantado, e estava vestida para ir ao theatro; enverguei ás pressas a casaca, e voámos para o Coquelin. Na terça-feira, houve um *pic-nic* nas Furnas, um jantar em Botafogo, — e outra vez Coquelin. Na quarta-feira, cahindo de somno e sobrecarregado de trabalho urgente, tive de ir a bordo de um paquete inglez receber um amigo, almocei com elle no *City-Club*, levei-o ao Club dos Diarios onde joguei o poker até ás 4 da tarde; das 5 ás 6 1/2, fui ao Corso na Praia de Botafogo, e abalei para casa, disposto a cahir na cama como uma pedra; mas as meninas queriam ir a um concerto; lá fomos; e, á sahida, esbarramos com as Alcantara, que iam acabar a noite num bailarico em casa das Fonseca: e lá fui eu, cochilando, ao bailarico, para poupar lagrimas ás meninas! Na quinta-feira, ás 10 da manhã, quando vinha para o escriptorio, fui

apanhado na Avenida pelo Bastos, que me forçou a ir a um almoço de caracter... íntimo, onde arrasei o estomago com *foie-gras* e *champagne*, e onde enchi os ouvidos de trocadilhos francezes e cançonetas. Às quatro horas, carregaram-me para uma conferencia musical; às sete, tive de jantar com o barão Procopio no Pavilhão Mourisco, e fui dahi encontrar a familia no Lyrico. Hontem, sexta-feira, tive de servir de padrinho a um casamento, às 11 horas; depois da cerimonia, *lunch* que acabou quasi á noite; á noite, outra vez Coquelin, e, depois do Coquelin, uma partida de voltarete no *Guanabara*. E, aqui onde você me vê, dormi esta noite apenas tres horas, e tenho de estudar e despachar toda esta papelada! Que vida, meu amigo, que vida!

— Console-se, meu caro! é a vida de toda a gente elegante do Rio nestes dois mezes de inverno. Tambem me queixo do mesmo mal, e não sei como resisto a tanta festa! Trabalhar, nestes dois mezes, é um verdadeiro milagre... Nem sei onde nem como descobrimos tempo para trabalhar!

— Para trabalhar? Quem é que trabalha? Nós todos fingimos que trabalhamos. Toda essa gente que vive connosco a cair de somno e de aborrecimento nesta existencia allucinante é uma gente que não sabe o que faz. O advogado, arrazoando uns autos á pressa, entre seis cochillos, engana-se, e descompõe o proprio cliente, em vez de injuriar a parte contraria. O medico, indo auscultar um doente, encosta o ouvido ao peito d'elle, e desata a dormir sobre esse travesseiro improvisado. O director de banco entra na repartição, senta-se gravemente á sua mesa, mas fica com medo de dormir á vista dos escripturarios, e vae espantar o somno pela Avenida... É um horror! O Rio de Janeiro é actualmente uma cidade que morre de somno!

— Realmente, é preciso ter uma saúde de ferro para...

— Qual saúde de ferro! Saúde é uma cousa que se inventa á vontade... Olhe! as minhas meninas são magrinhas, pallidas, anemicas; quasi não comem, quasi não dormem; e andam da manhã á tarde saracoteando por ahi a fazer compras e visitas, e passam as noites a walsar; não tem saúde, e, entretanto, vivem uma vida á qual não seria capaz de resistir o mais robusto dos soldados allemães! Mas por mim, confesso que não posso mais! Ouço uma voz, que me diz: «és homem; pára!», Vou parar, para não morrer! Hoje, começará para mim uma vida nova. Vou acabar este trabalho, irei depois tomar uma canja com agua de Caxambú, passarei a tarde no fóro, jantarei ás seis, e ás oito estarei dormindo.

— Pois é pena!

— É pena? porque?

— Porque eu vinha justamente convidal-o para um almoço. Teremos á mesa o Coquelin, o Arthur Napoleão, o Turot e o Chico Redondo. Depois do almoço, o Coquelin dirá monologos, o Arthur tocará a *Tarantella*, o Turot dirá cousas amaveis e profundas sobre *nos beaux paysages*, e o Chico Redondo cantará a aria de Falstaff... Bello almoço, hein?

— Realmente...

— Mas, enfim, como você está muito atarefado, paciencia! Adeus.

— Espere, venha cá! Onde é esse almoço?

— Na Tijuca.

— Tão longe!

— Tenho ahi á porta o automovel.

— Homem! não resisto á tentação. Hoje, que dia é? Sabbado, não? Pois onde é que se viu um homem começar uma vida nova num sabbado? Vamos lá a esse bello almoço!

— Vamos! você, depois do almoço, terá toda a tarde e toda a noite para descansar.

— Não! não é possível! hoje á noite, ha a despedida do Coquelin com *Nos bons villageois*, e a familia não ha de querer perder tão bello espectáculo.

— Pois bem! comece a sua vida nova amanhã.

— Amanhã, não, que é domingo. Quero assistir ao *match* de *foot-ball* no *ground* do Fluminense. E como faz annos o Senador Pitanga, irei jantar com elle.

— É segunda-feira?

— Segunda-feira?... Espere! creio que para a segunda-feira não tenho compromisso... Ah! esta minha pobre cabeça! na segunda-feira ha o baile do Club das Laranjeiras!

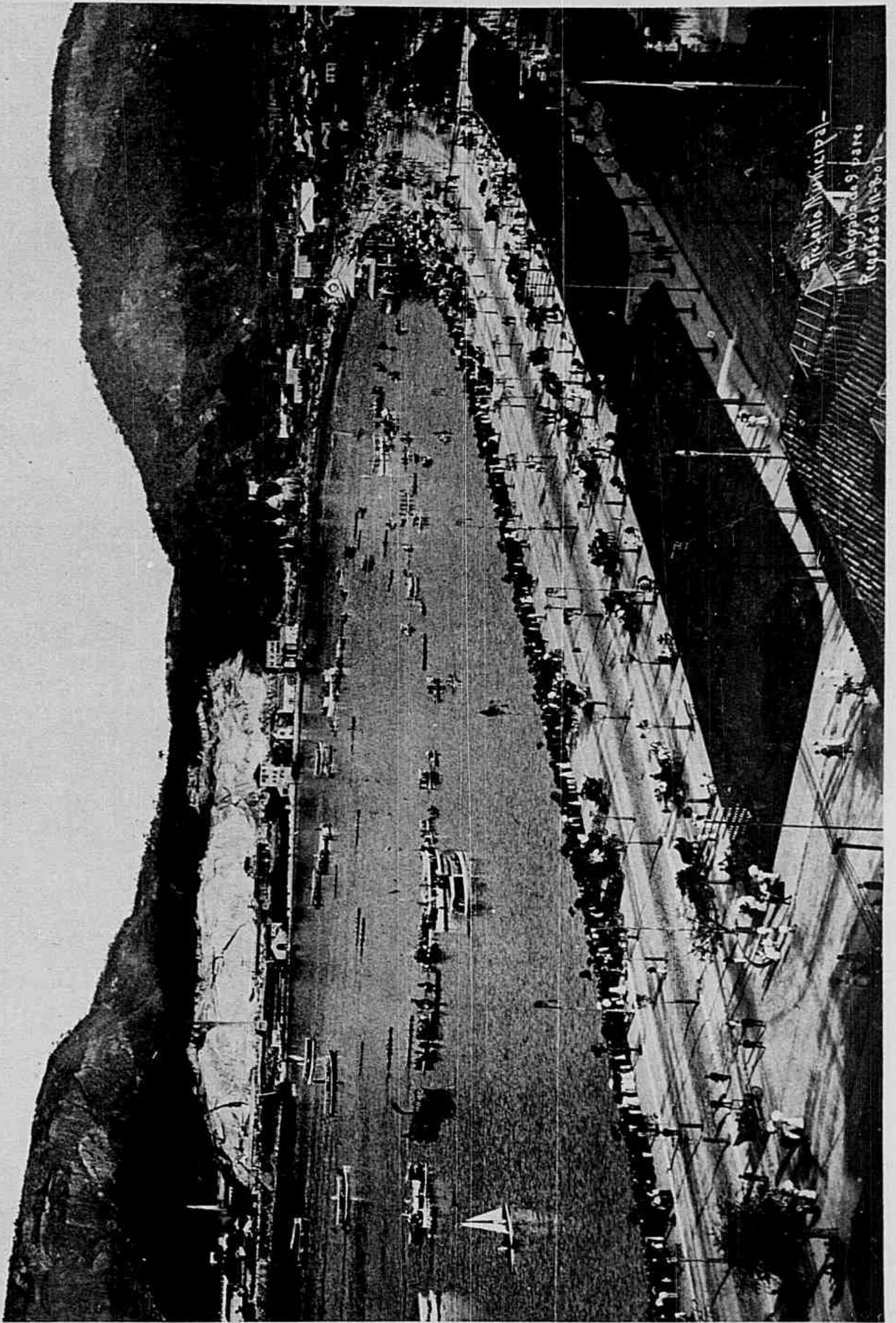
— É isso! e na terça-feira haverá o concerto do tenor Petrushevecz, e na quarta haverá a estreia da Companhia Lyrica, e na quinta haverá... o diabo, e... *si cette histoire vous embête, nous pouvons la recommencer!* Meu pobre amigo, deixe-se dessa tolice de querer começar uma vida nova! A vida é uma só, e é tão aborrecida que nunca vale a pena recomeçal-a. Venha dahi! vamos chegar tarde á Tijuca.

— Que tal o *menu* do almoço?

— Optimo! ha macuco...

— Bravo! vamos a isso, amigo! mostremos que somos fortes, e que não tememos a desgraça! Quando a *dyspepsia* e a *neurasthenia* nos matarem, morreremos no nosso posto. *La garde meurt...*

— ... *mais ne dort pas!*

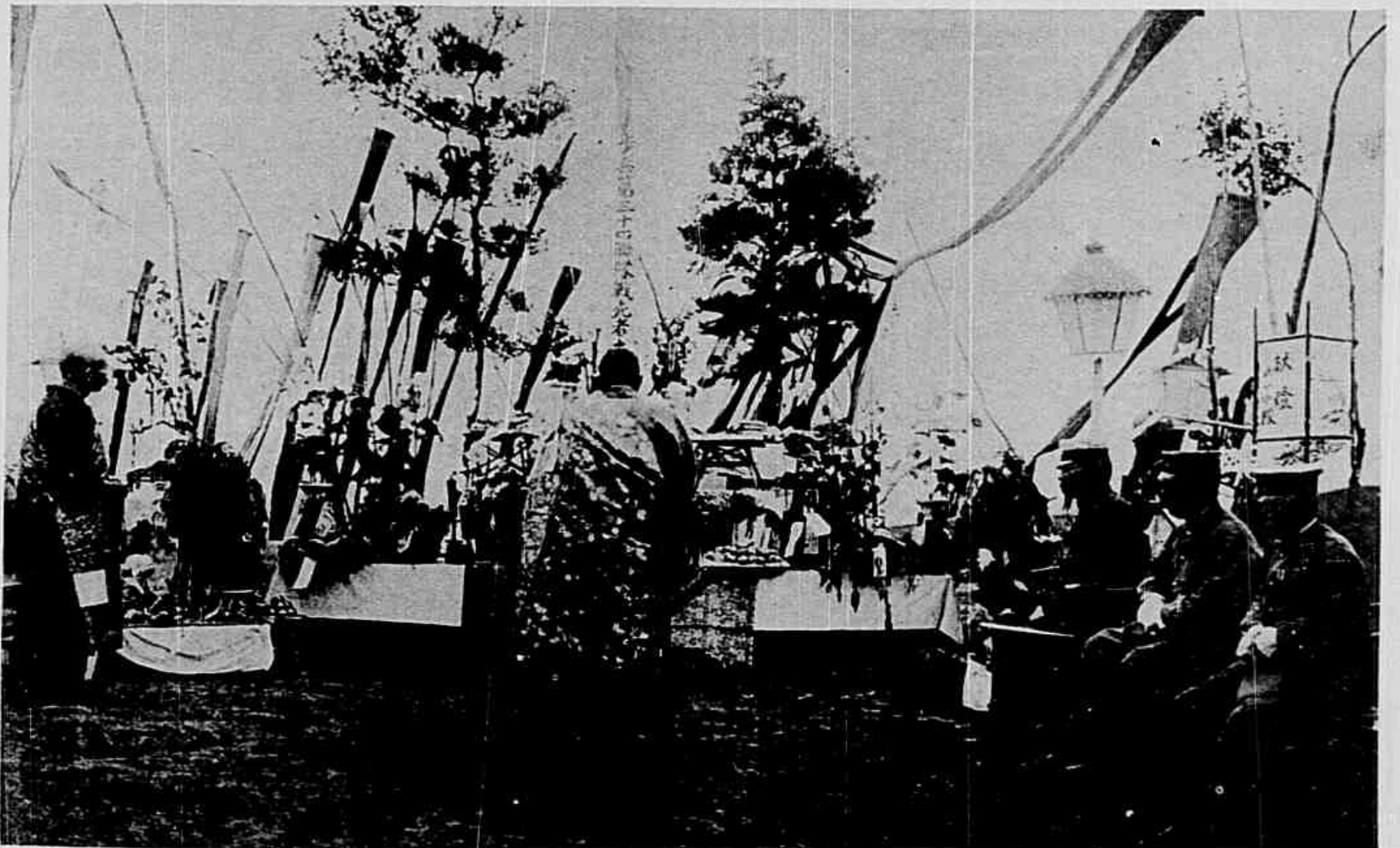


AS ULTIMAS REGATAS - ASPECTO DA AVENIDA BEIRAMAR - BOTAFOGO

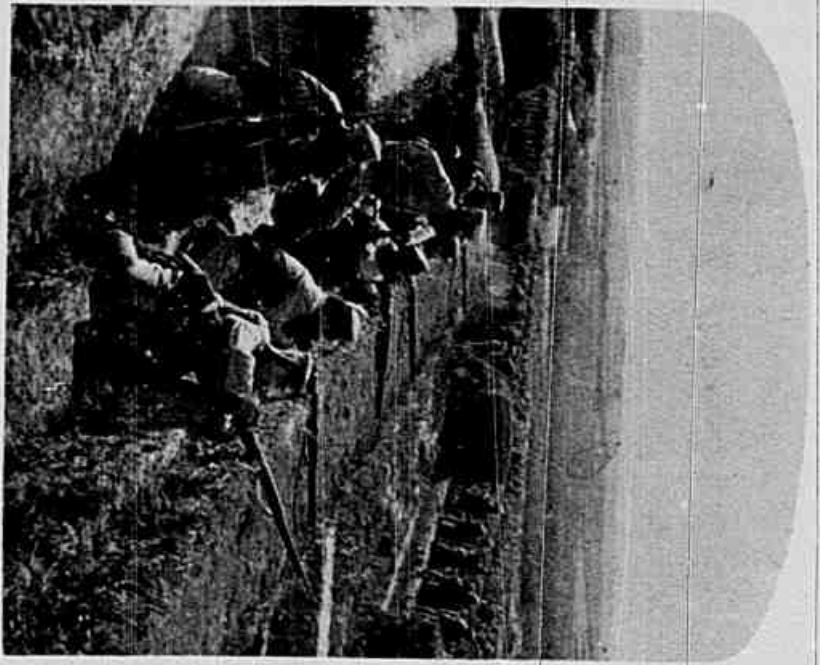
A GUERRA RUSSO-JAPONESA



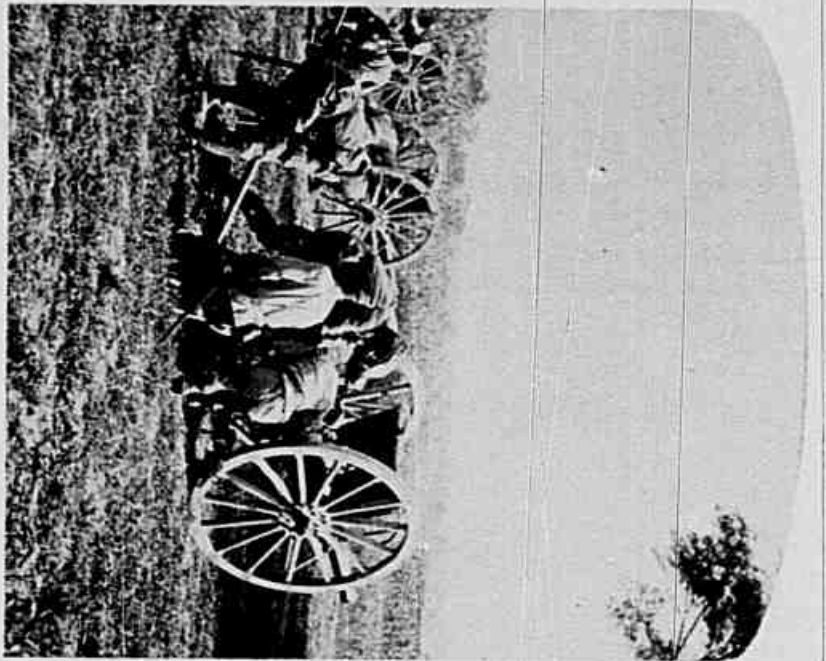
OBRAS DE DEFESA



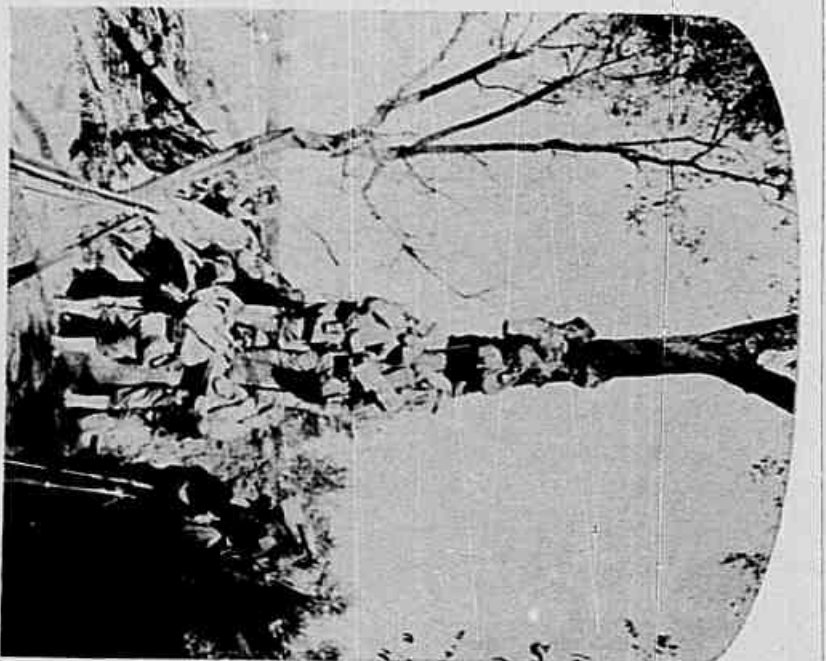
OFFICIO FUNEBRE



LINHA DE ATIRADORES



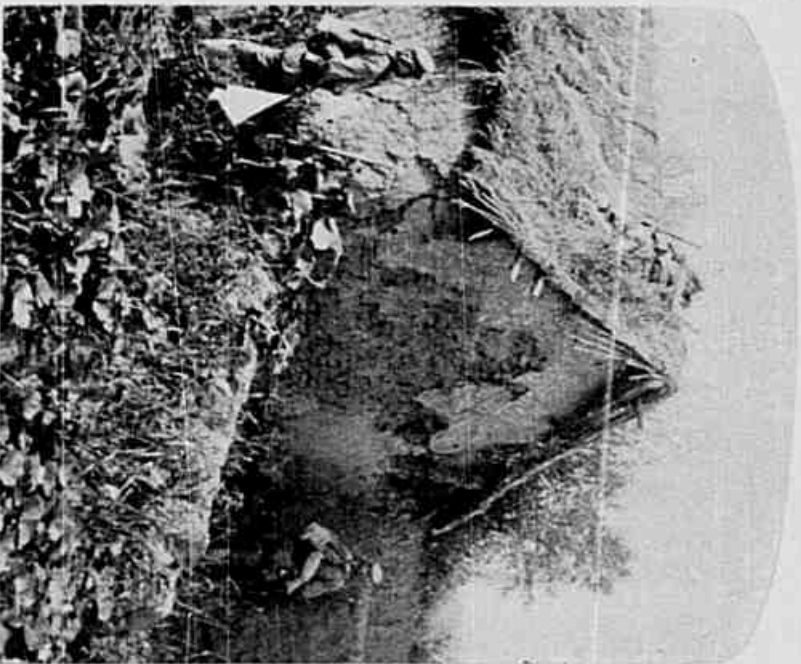
ARTILHARIA JAPONESA



EXPLORAÇÃO



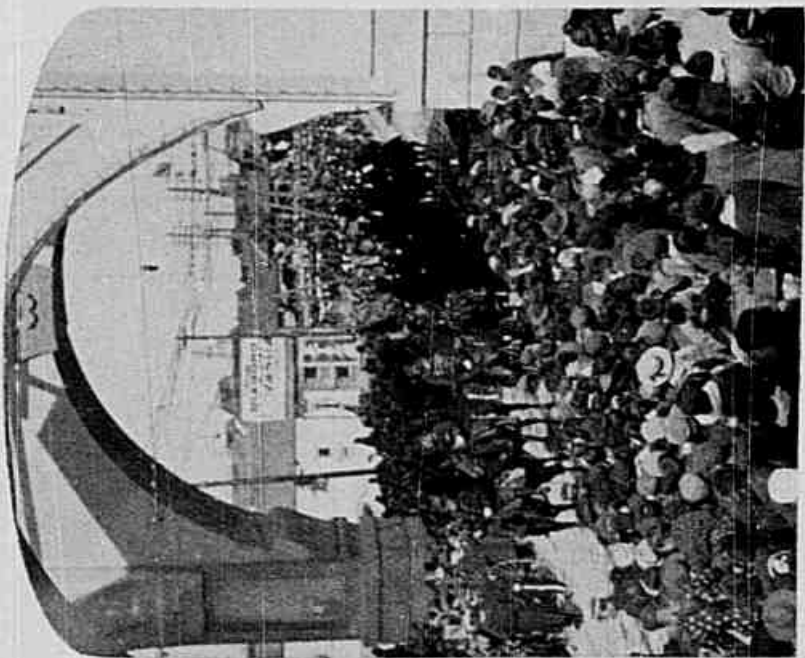
DESCANSO



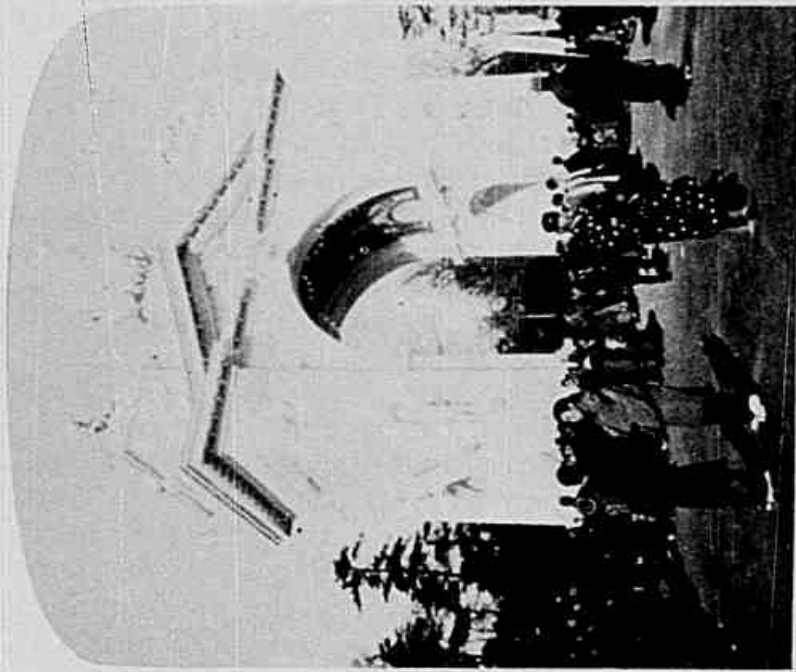
UMA SENTINELA



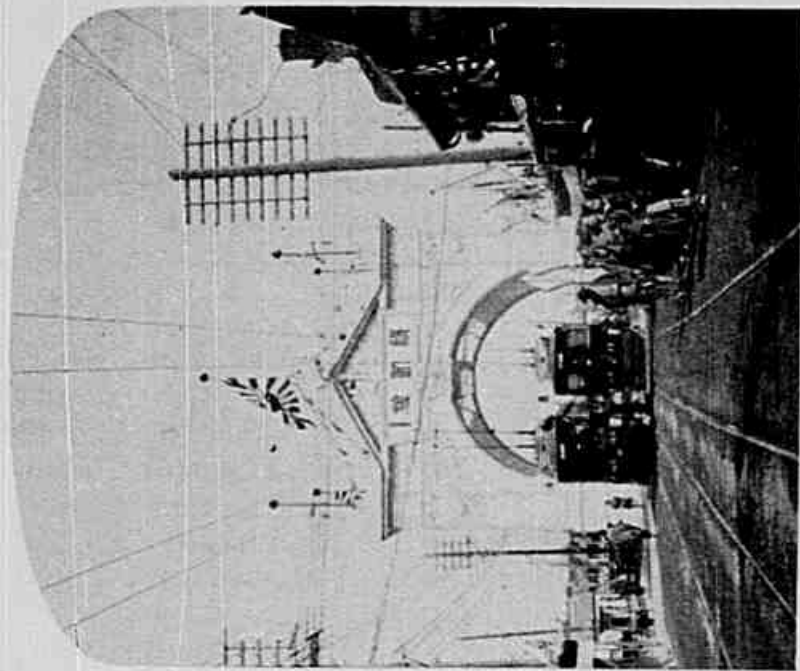
PASSANDO UMA BRECHA



REGRESSO DA GUERRA



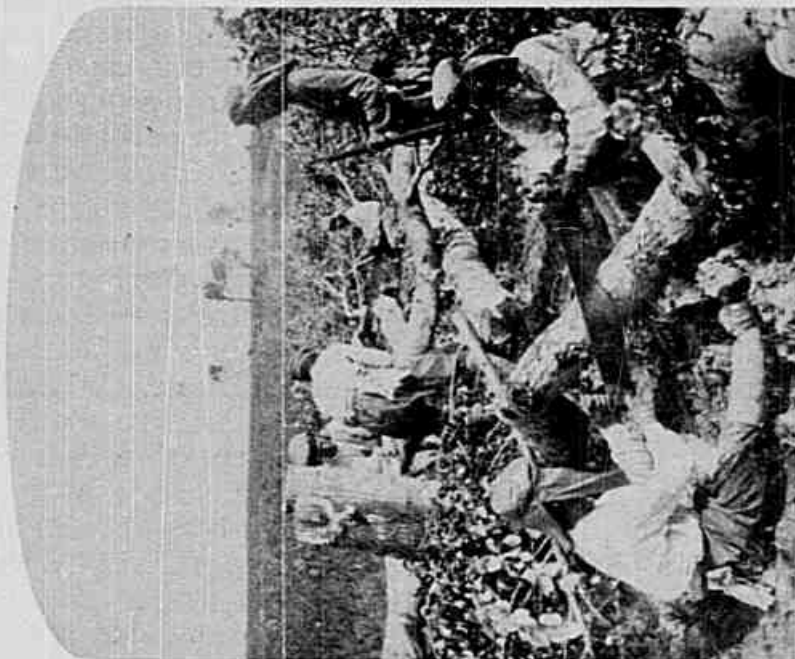
ARCO COMMEMORATIVO



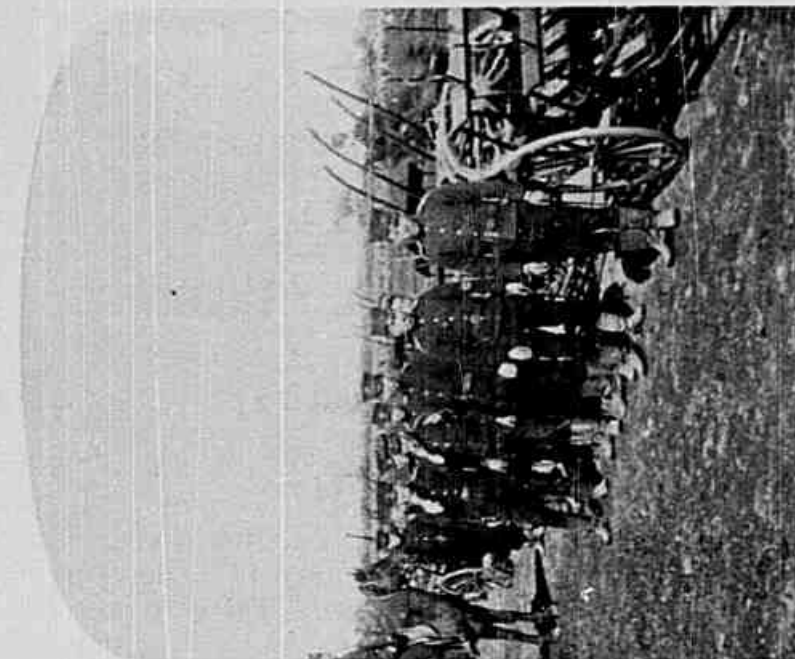
O MESMO VISTO A DISTANCIA



LIMPEZA DO ARMAMENTO



TRABALHOS DE ENGENHARIA



DESFILADA DE TROPAS

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 6 D'ESTE ANNO)

CAPITULO VI

Historia evolutiva dos Prodophthalmos

DISCORRAMOS primeiro sobre os factos consumados.

Entre os Crustaceos de olhos pedunculados (*Podophthalma*), só raras especies conhecemos cujos embryões tenham a forma de seus paes, com o numero total de appendices articulados ao corpo. Tal é o caso, segundo Rathke, (1) do carangueijo d'agua doce da Europa, e segundo Westwood do carangueijo terrestre das Indias Occidentaes (*Gecarcinus*). Ambas as excepções, por isso, pertencem ao pequeno numero de crustaceos de olhos pedunculados que vivem n'agua doce ou sobre a terra firme, como, na verdade, em muitos outros casos, animaes fluviateis e terrestres não soffrem transformações, ao passo que os seus alliados marinhos têm uma metamorphose á realizar. Quero referir-me ás minhócas e sangue-sugas, entre os Anelidos, que primeiramente pertencem á terra firme e á agua doce,—ás *Planarias* d'agua doce e ás *Tetrastema* do salobro Baltico entre as *Turbelariae*—aos Gastropodes Pulmonados, e aos Gastropodes Branchiados d'agua doce, cujos jovens (segundo o «Manual de Zoologia» de Tröschel) não têm lobos oraes ciliados, comquanto taes orgãos sejam possuidos pelos muito semelhantes petunclos (*Littorina*).

Todas as formas marinhas d'esta secção parecem sujeitas á uma metamorphose mais ou menos consideravel. Esta, parece sómente insignificante, na lagosta commum, cujos jovens, segundo Van Beneden, são distinctos do animal adulto, por terem as patas guarnecidas, como as de *Mysis*, de uma expansão nadadora livremente dirigida para fóra. Por uma figura dada por Couch, os appendices do abdomen e da cauda também parecem ausentes.

Muitissimo mais profunda, é a differença entre o producto immediato e o animal sexualmente maduro, da quasi totalidade dos *Podophthalma*, cujo embryão tem a forma de *Zoea*. Esta forma joven ocorre, tanto quanto o ensinam as nossas observações presentes, em

todos os carangueijos, com a unica excepção da unica especie investigada por Westwood.

Eu digo *especie* e não *genero*, porque no mesmo genero, *Gecarcinus*, Vaughan Thompson encontrou embryões *Zoea*, (1) que são também encontrados em outros carangueijos terrestres. (*Ocypoda*, *Gelasimus*). etc. Todos os *Anomura* parecem também começar a vida como *Zoetas*: testemunhas, as *Porcellanae*, o Tatuira (*Hippa emerita*) e o Carangueijo-Eremita. Entre os *Macrura* estamos familiarizados com a mesma forma primordial, em muitos camarões e lagostins, taes como *Cran-gon* (Du Cane), *Caridina* (*Joly*), *Hippolite*, *Palaeon*, *Alpheus*, etc. Finalmente, não é improvavel que o mais novo producto do Camarão-Louva-Deus (*Squilla*) esteja também no mesmo caso.

As peculiaridades mais importantes que distinguem a *Zoea* do animal adulto, são as seguintes:

O meio do corpo com os seus appendices, os cinco pares de patas á que estes animaes devem o nome de Decapodes, é ou inteiramente ausente ou apenas indicado; o abdomen e a cauda são destituídos de appendices e a ultima consiste em uma peça unica. As mandibulas, como nos insectos, não têm palpos. Os maxillipedes, cujo 3º par ainda falta frequentemente, não são a ainda empregados no serviço da bocca, mas apparecem em forma de patas natatorias bi-ramosas. As branchias faltam, ou quando os seus primeiros rudimentos possam ser distinguidos como proeminencias tuberculares, estas são deusas massas cellulares, pelas quaes o sangue ainda não corre e que, por isso, nada tem que ver com a respiração. Um intercambio dos gazes da agua e do sangue, pode ter lugar atravez da delgada pelle de toda a superficie do corpo; mas as partes lateraes da carapaça, devem indubitavelmente ser indicadas como a séde principal da respiração. Ellas consistem, exactamente como foi dito por Leydig, sobre as *Daphniae*, de uma lamina exterior e outra interior, cujo espaço intermediario é atravessado por numerosos septos dilatados nas extremidades; os espaços entre esses septos, recebem um fluxo de sangue mais abundante, do que qualquer outra parte do corpo da *Zoea*. A' isto deve-se addir que

(1) Bell (Brit. Stalk-Eyed Crust. p. XLV.) considera-se justificado em "eliminar" as observações de Thompson de uma vez, porque este sómente podia ter examinado fêmeas ovigeras conservadas no alcohol. Mas, quem quer que tenha prestado tanta attenção, como Thompson, ao desenvolvimento d'estes animaes, deve ter ficado bem apto á decidir com certeza sobre ovos, tanto si não estivessem demasiadamente afastados da maturidade ou mal preservados, como si uma *Zoea* devesse d'elles ser produzida. Além d'isso, o modo de vida dos carangueijos terrestres está á favor de Thompson. "Uma vez por anno", diz o Manual de Zoologia de Tröschel, "elles imigram em grandes bandos para o mar, affim de pôr os ovos e depois voltam extenuados ás suas moradas, as quaes poucos conseguem attingir". Para que fim se dariam estas migrações destruidoras, em especies cujos filhotes deixam o ovo e sua progenitora como animaes terrestres?

(1) As autoridades só são citadas para os factos que eu não tive oportunidade de confirmar.

uma corrente constante d'agua doce, passa por baixo da carapaça n'uma direcção de traz para diante, mantida, como no animal adulto, por um appendice foliaceo ou linguiforme do segundo par de maxillas (fig. 18). A addicção de finas particulas coloridas na agua, permite devisar essa corrente mesmo em pequenas Zoeas.

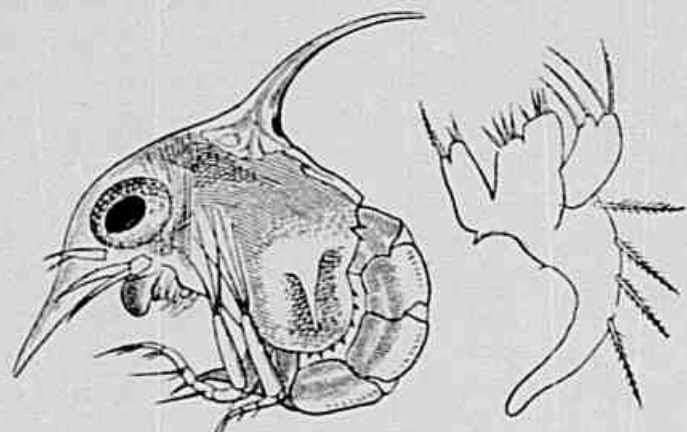


FIG. 17—Zoea do Carangueijo dos Pantanos (*Cyclograpsus?*)
augm. 45 diametros.
FIG. 18—Maxilla do 2º par da mesma especie, augm. 180
diametros.

As Zoeas dos carangueijos (fig. 17) deixam-se distinguir geralmente por longos processos espiniformes da carapaça. Um d'estes se projecta para cima do meio do dorso, um segundo para baixo, da parte anterior da cabeça e, frequentemente ha um mais curto em cada lado, junto dos angulos postero-inferiores da carapaça. Todos esses processos estão, comtudo, ausentes em *Mysis*, segundo Couch e em *Eurynome*, segundo Kinahan; e em uma terceira especie do mesmo grupo dos *Oxyrhynchi* (pertencente ou quasi alliado ao genero *Achaeus*) eu tambem achei somente um desprezivel aculeo dorsal, enquanto que a parte anterior da cabeça e os lados estavam desarmados.

E' este um outro exemplo nos avisando de ter cuidado nas deducções da analogia. Nada pareceria mais plausivel do que reportar á formação rostriforme da parte anterior da cabeça nos *Oxyrhynchi* ao processo frontal das Zoeas e, então, succede que os jovens dos *Oxyrhynchi* são, com effeito, totalmente destituídos de qualquer processo dessa natureza. As seguintes são peculiaridades mais importantes das Zoeas dos carangueijos, ainda que menos frizantes do que esses processos da carapaça que, em combinação com os grandes olhos, frequentemente lhes dão uma apparencia tão singular;—as antenas anteriores (interiores) são simples, não articuladas e providas na extremidade de dous ou tres filamentos olfactivos; as antenas posteriores (exteriores) correm frequentemente dentro de um processo espiniforme, notavelmente longo (processo esquiliforme, Spence Bate), e tem, no lado ex-

terno, um appendice que é, ás vezes, muito pequeno ("processo esquamiforme," de Spence

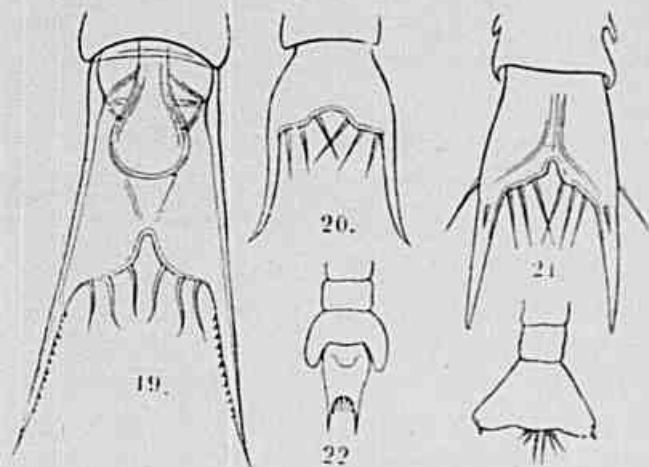


FIG. 19—Cauda da Zoea de *Pinnotheres*.
FIG. 20— " " " " *Sesarma*.
FIG. 22— " " " " *Xantho*.
FIG. 22 e 23— " " " " especies desconhecidas:

Bate), correspondente á escama antennal dos Lagostins, (1) e os primeiros rudimentos do futuro flagellum é frequentemente já reconhecivel. De patas nadadoras (depois maxillipedes, (sómente dous pares se acham presentes, o terceiro (e não o primeiro, como Spence Bate pensa) inteiramente ausente, ou, como os cinco pares de patas seguintes, apparecem apenas como pequenos botões. A cauda, de forma muito variavel, traz sempre tres pares de cerdas na sua margem posterior. As Zoeas dos carangueijos, commummente se mantem n'agua, de tal modo que o aculeo dorsal fica virado para cima, o abdomen curvo para diante, o ramo interno das patas nadadoras dirigida para fóra e o externo para fóra e para cima.

Além d'isso, deve-se notar que as Zoeas dos carangueijos, assim como as das *Porcellanae*, do Tatuira e dos camarões e lagostins, são envolvidas, ao sahir do ovo, por uma membrana velando os processos da carapaça, as cerdas dos pés e as antenas e que ellas rompem esta membrana em poucas horas. Em *Achaeus*, eu observei que a cauda d'esta pelle larval primitiva, se assemelha á das larvas dos camarões e lagostins; e o mesmo parece succeder em *Maia* (veja-se Bell "Brit. Stalk-Eyed Crut.", pg. 44).

Tanto quanto pareçam differir á primeira vista, as Zoeas das *Porcellanae* (fig. 24) aproximam-se das dos verdadeiros carangueijos, muito estreitamente. As antenas, os órgãos da bocca e as patas nadadoras, exhibem a mesma estrutura. Porém a cauda tem cinco pares de cerdas e o aculeo dorsal está ausente, enquanto que, ao contrario, o processo

(1) N'uma memoria sobre a metamorphose das *Porcellanae* eu descrevi erroneamente este appendice como "flagellum".

frontal e os espinhos lateraes são de extraordinario comprimento e dirigidos em linha recta, para diante e para traz.

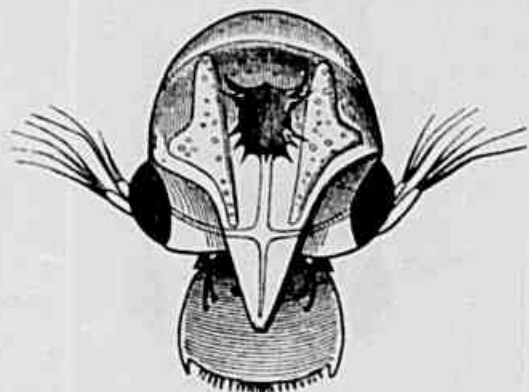


FIG. 25—Zóea do Tatuira (*Hippa emerita*)
augm. 45 diâmetros

A Zóea do Tatuira (fig. 25), também parece differir pouco das dos verdadeiros carangueijos, ás quaes ella igualmente se assemelha pelo modo de locomoção. A carapaça só possui um curto e largo processo frontal; a margem posterior da cauda é provida de numerosas cerdas curtas.

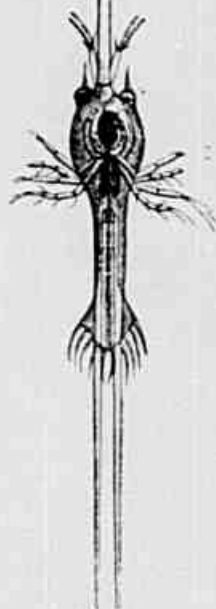


FIG. 24—Zóea de *Porcellana seticola*, F. M.
augm. 15 diâmetros.

A Zóea do Carangueijo-Eremita (fig. 26) possui as antenas, simples, internas da Zóea dos verdadeiros carangueijos; as antenas externas tem no lado exterior, sobre um curto pedunculo, uma lamella de tamanho consideravel, analoga á escama das antenas dos lagostins; no lado de dentro, um curto processo espiniforme; e entre os dous o flagello, ainda curto porém já provido de duas cerdas apicaes. Como nos carangueijos, ha sómente dous pares de patas natatorias bem desenvolvidas (maxillipedes), mas o terceiro par está também presente sob a forma de um côto bi-articulado, de tamanho consideravel,

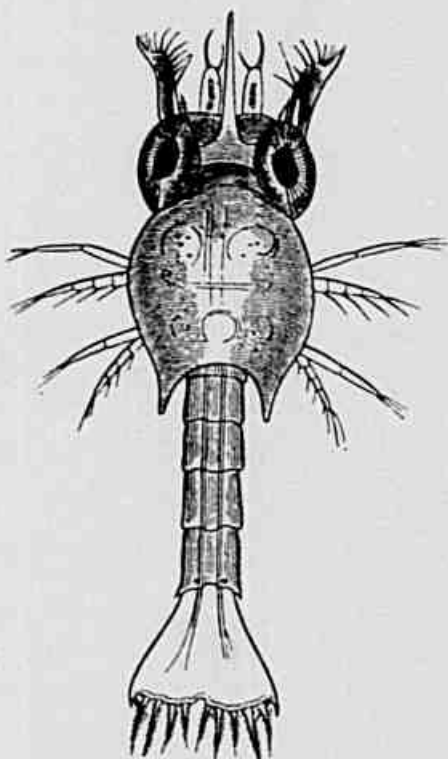


FIG. 26—Zóea de um pequeno Carangueijo Eremita: augm. 45 diâmetros.

ainda que destituído de cerdas. A cauda supporta cinco pares de cerdas. O pequenino animal na regra, conserva-se extendido em linha recta, n'agua, com a cabeça dirigida para baixo.

E' esta, também, a posição em que vemos, commummente, as Zóeas dos camarões e lagostins (fig. 27) que se parecem, no aspecto geral, com a dos Carangueijos-Eremitas. Entre os grande olhos compostos, ha nellas um pequeno olho mediano. As antenas internas tem, no extremo de uma articulação basilar, ás vezes de consideravel comprimento, sobre o lado interno, uma cerda plumosa, que também ocorre nos Carangueijos-Eremitas e, no lado externo, um curto articulo terminal, com um ou mais filamentos olfactivos. As antenas externas exhibem uma escama bem desenvolvida e distinctamente articulada; e dentro d'esta, geralmente, um processo espiniforme; o flagellum parece geralmente estar ainda ausente. O terceiro par de maxillipedes parece estar sempre presente, ao menos sob a forma de rudimentos consideraveis. A lamina caudal espatulada, tem cinco a seis pares de cerdas na margem posterior.

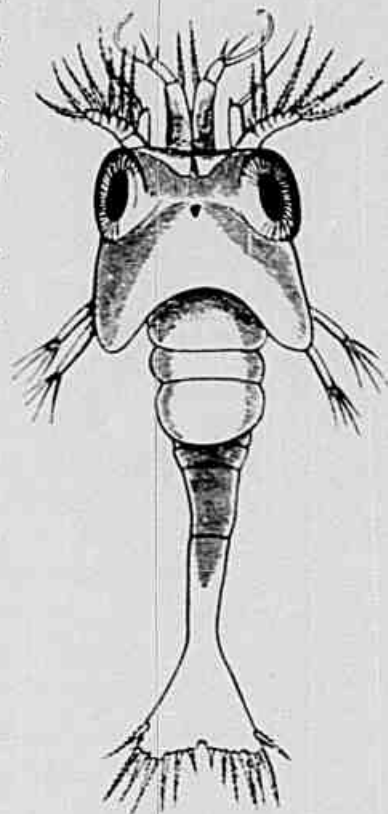


FIG. 27—*Palaemon* residente sobre *Phisostoma cruciatum*,
Les augm. 45 diâmetros.

O desenvolvimento da Zóea para o animal sexualmente adulto, foi traçado por Spence Bate em *Carcinus maenas*.

Elle provou que a metamorphose é perfeitamente gradual e que nenhum estado frisantemente distincto de desenvolvimento, tal como a lagarta ou a chrysalida dos Lepidopteros, poderia ser n'ella definido. Infelizmente só possuímos esta unica serie completa de observações, e os seus resultados não pôdem ser encarados de uma feita, como universalmente applicaveis; assim, os jovens Carangueijos-Eremitas, retêm o aspecto geral e o modo de locomoção das Zóeas, enquanto crescem os rudimentos das patas thoracicas e abdominaes; e então, quando estes começam á funcionar, apparecem de repente, n'uma forma perfeitamente nova, que differe da do animal adulto, principalmente pela completa symetria do corpo e pela presença de quatro pares de

patas natatorias bem desenvolvidas sobre o abdomen. (1)

O desenvolvimento dos *Palinuridae* parece ser muito peculiar.

Claus achou nos ovos da Lagosta (*Palinurus*) embriões com um corpo completamente segmentado, porém, carecendo dos appendices caudales, do abdomen e de dous ultimos segmentos do corpo mediano; elles possuem um unico olho mediano, consideravelmente composto; as antenas anteriores são simples, as posteriores fornidas de pequenos ramos secundarios; as mandibulas não teem palpos; os maxillipedes do terceiro par, como os dous pares de patas seguintes, são divididos em dous ramos de comprimento sub-egual; enquanto isto o ultimo dos pares de patas existentes e o segundo par de maxillipedes, trazem sómente um ramo secundario insignificante. Costa, como é bem sabido, assevera ter creado jovens *Phyllosomata* dos ovos d'esta lagosta—asserção que requer provas ultteriores, especialmente porque as investigações de Claus, mais recentes, sobre *Phyllosoma*, de forma alguma lhe parecem favoraveis.

Os grandes olhos compostos, que communmente se tornam logo moveis e, ás vezes estão collocados sobre longos pedunculos, mesmo no periodo o mais primitivo, assim como a carapaça, que cobre toda a parte anterior do corpo, indicam de uma vez que a posição das larvas até aqui consideradas, não obstante todas as suas differenças, pertencem aos *Podophthalma*. Mas, nem um unico dos caracteristicos desta secção é retido pelo producto de alguns lagostins, pertencentes ao genero *Peneus* ou á sua vizinhança. Estes deixam o ovo com o corpo indiviso, ovoide; um olho frontal mediano e tres pares de patas nadadoras, dos quaes os anteriores são simples e os outros dous bi-ramosos—de facto, na forma larvar, tão commum entre os crustaceos inferiores, á que O. F. Müller deu o nome de *Nauplius*. Nenhum vestigio de carapaça! Nem de olhos pares! Tampouco de orgãos mastigatorios proximos da bocca, que é sobrepujada por uma coifa em forma de elmo!

No caso de uma d'estas especies, foram descobertas as formas intermediarias que conduzem do Nauplius ao lagostim, em uma série quasi continua.

O Nauplius primitivo (fig. 28), é seguido immediatamente por formas em que uma préga da pelle corre atravez do dorso, por detraz do terceiro par de patas; e quatro pares de rijos processos (rudimentos de novos membros),

emergem da superficie ventral. Dentro do terceiro par de patas, se desenvolvem poderosas maxillas.

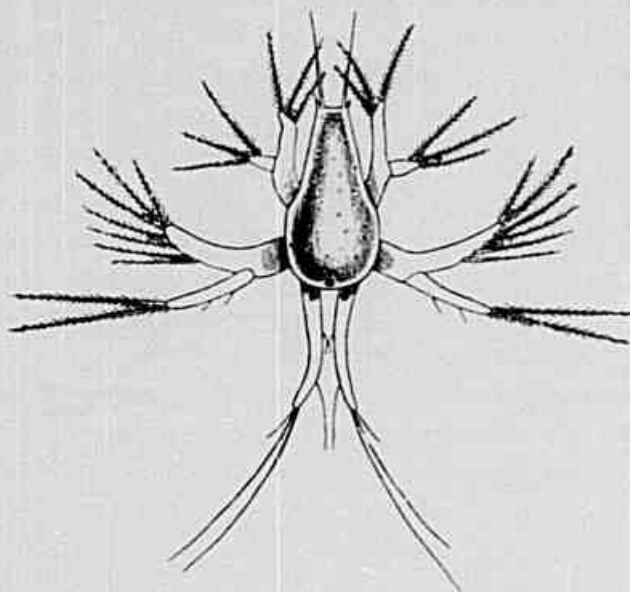


FIG. 28—Nauplius de um Camarão, augm. 45 diametros.

Em muda subsequente, os novos membros (maxillilas e maxillipedes anteriores e intermediarios) entram em função e, d'este modo o Nauplius se transforma em Zoa (fig. 29),

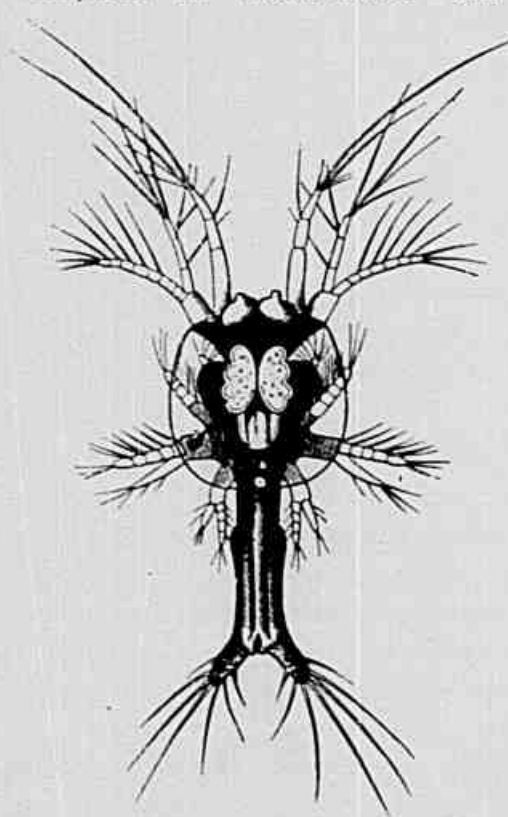


FIG. 29—Joven Zoëa do mesmo Camarão, augm. 45 diametros.

perfeitamente semelhante á Zoa dos carangueijos, no numero de appendices do corpo, commquanto muito differente na forma e no modo de locomoção; e mesmo em muitas particularidades da estrutura interna. Os principaes orgãos de movimento são ainda os dous pares de patas anteriores, que, são delgados e guarnecidos de longas cerdas; o terceiro par de patas, perde seus ramos e se converte em mandibulas destituídas de palpos.

O labrum adquire um espinho dirigido para diante e de consideravel tamanho que, occorre em todas as Zoaes das especies alliadas. Os maxillipedes bi-ramosos parecem entrar pouco na locomoção. A cauda furcada nos lembra mais depressa as formas que occorrem

(1) *Glancothoe peronii*, M. Edw., deve ser um *Pagurus* joven d'esta natureza, ainda symetrico.

nos crustaceos, especialmente nos Copepodes do que a placa caudal espatulada que caracteriza as Zoeas de *Alpheus*, *Palaemon*, *Hippolite* e outros lagostins dos Carangueijos-Eremitas, o Tatuira e as *Porcellanæ*. O coração só possui um par de fendas e não tem musculo algum atravessando o seu interior como trabeculas, enquanto que em outras Zoeas, reconhece-se sempre, distinctamente, dous pares de fendas e um aparelho trabecular, interno.

Durante este estado de Zoea, são formados os olhos pares, os segmentos do corpo mediano e abdomen, os maxillipedes posteriores, os appendices caudales lateraes e os rudimentos tuberculiformes das patas do corpo mediano, (fig. 30). Os appendices caudales emergem quaes outros membros, livremente, sobre a superficie ventral, enquanto em outros lagostins, *Porcellanæ*, etc., elles são produzidos no interior da placa caudal espatuliforme.

Quando as patas do corpo mediano entram em acção, simultaneamente á outras mudanças profundas, a Zoea passa á forma de *Mysis* ou de Schizopode (fig. 31).

As antenas cessam de servir á locomoção, sendo o seu logar occupado pelas patas thoracicas, providas de longas cerdas e do longo abdomen que, justamente antes fôra laboriosamente arrastado, como unitil carga, porém agora, com os seus musculos poderosos, lança o animal atravez da agua, em uma serie de saltos rapidos.

As antenas anteriores, perderam as suas longas cerdas, e, ao lado do ultimo «quarto» articulo, dotado de filamentos olfactivos, apparece um segundo ramo que é no principio, mono-articulado. O ramo externo, previamente multi-articulado, das antenas posteriores, tornou-se uma simples laminula, a escama antennal do lagostim; ao lado desta apparece o rudimento tuberculiforme do flagellum, provavelmente como uma nova formação, desaparecen-

do inteiramente o ramo interno. Os cinco novos pares de patas, são bi-ramosos, com o ramo interno curto e simples, o externo mais longo, annellado no extremo, provido de longas cerdas e mantido, como em *Mysis*, em constante movimento gyratorio.

Durante o estado de *Mysis* são formados os orgãos auditivos no articulo basilar das antenas anteriores; se desenvolvem em chelas e os dous ultimos pares em patas ambulatorias: os palpos nascem das mandibulas as branchias do thorax e as patas nadadoras do abdomen. O espinho sobre o labrum se reduz em tamanho. D'este modo, o animal gradual mente se aproxima da forma do lagostim, em que o olho mediano se torna indistincto, o espinho do labrum e os ramos externos das patas cheliferas e ambulatorias foram perdidas, os palpos mandibulares e as patas abdominaes adquiriram articulo distinctos e cerdas e as branchias entraram em jogo.

Em outro lagostim, os diversos estados larvaes, dos quaes pode ser reconhecida, como pertencente á mesma série pela presença de uma nodoa amarella escura, frisantemente definida, em torno do olho mediano, a Zoea primitiva (fig. 32), provavelmente oriunda do Nauplius, se parece, em todos as particularidades essenciaes com as especies

que acabamos de descrever; o seu desenvolvimento ulterior é, comtudo, muito diverso, especialmente em que tanto as patas do corpo

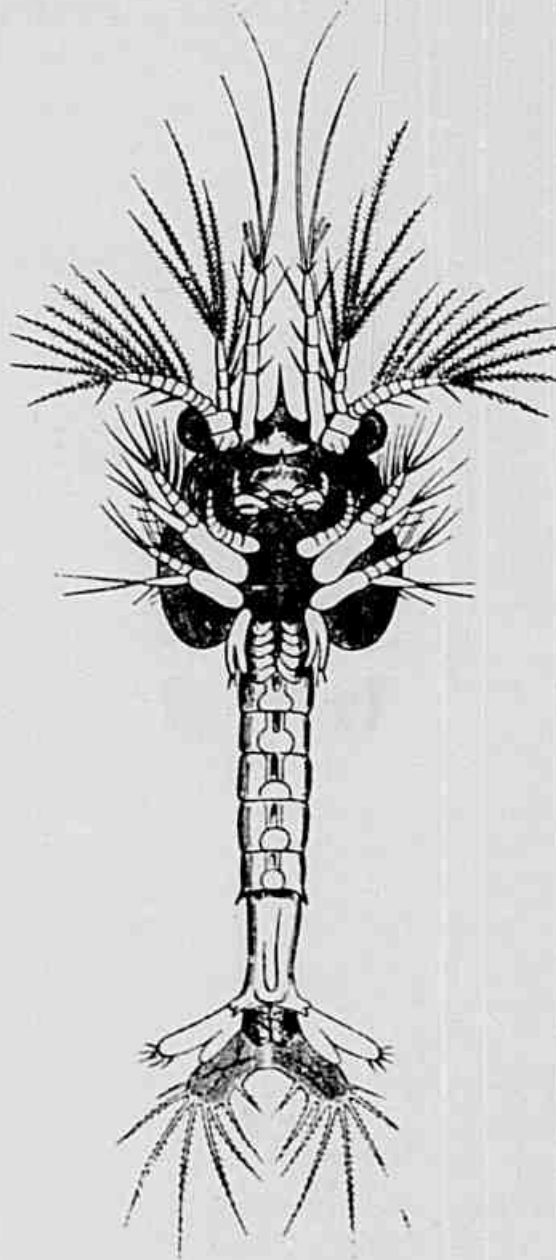


FIG. 30 - Zoea mais velha do mesmo Camarão, augm. 45 diametro

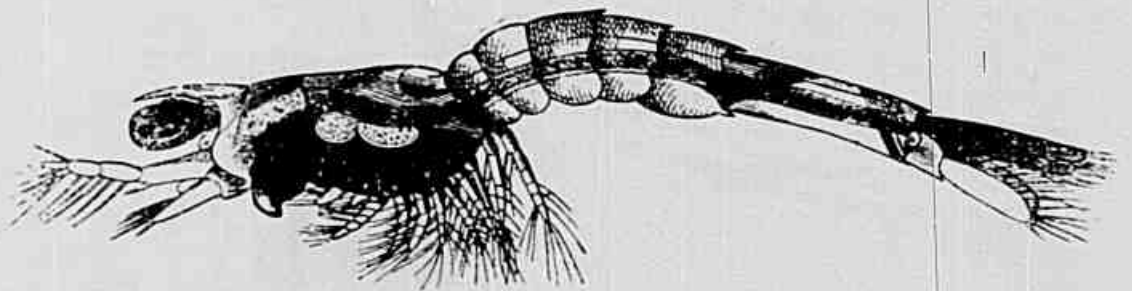


FIG. 31 - *Mysis* do mesmo Camarão, augru. 45 diametros.

mediano como a do posterior não são formadas simultaneamente, e não ha um estado de desenvolvimento comparavel á *Mysis*, no numero e estrutura dos membros. Os vestigios

dos maxillipedes externos apparecem cedo. Depois apparecem as patas sobre quatro segmentos do corpo mediano; e estas são bi-ramosas nos tres segmentos anteriores e simples, por deficiência do ramo interno, no quarto segmento.

As chelas se desenvolvem nos ramos internos; os ramos externos se perdem antes que o ramo interno tenha feito a sua aparição sobre o quarto segmento. (fig. 32)

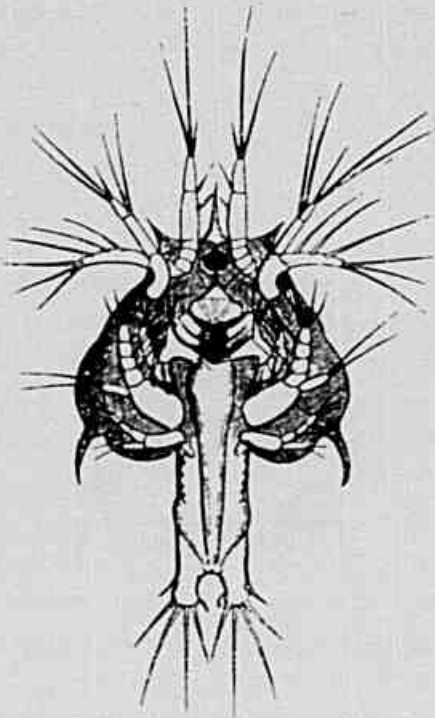


FIG. 32—A mais joven Zoëa de um outro Camarão. Tem visíveis os pequeninos botões do 3o par de maxillipedes. Está começada a formação dos segmentos abdominaes. Olhos pares ainda presentes. Augm. 45 diametros.

Este ultimo ainda se torna destituído de appendices, de modo que, n'este caso e n'um periodo primitivo, 4 e em outro ulterior 3 segmentos do corpo mediano, supportam membros. O quinto segmento está ainda completamente ausente enquanto que todos os segmentos abdominaes tambem adquiriram membros e estes, um após outro, de diante para traz. O animal adulto, como transparece pelos tres pares de chelas, será certamente muito proximo alliado das especies precedentes (1). A larva mais joven ao genero Schizopode *Euphasia*, observada por Claus, fica muito perto da mais nova Zoea dos nossos camarões; mas, enquanto as suas antenas anteriores já são bi-ramosas, e, por isso, parecem mais adiantadas, faltam ainda os maxillipedes medianos. N'ella Claus achou tambem o coração provido de um unico par de fendas. Não procederá á Zoea, tambem neste caso, o estado Nauplius?

A historia evolutiva de *Mysis*, cuja estreita relação com os camarões foi ha pouco tempo geralmente reconhecida, foi descripta em seus detalhes por Van Beneden. Pelo que eu tenho verificado só posso confirmar as suas asserções.

(1) As mais desenvolvidas larvas observadas (fig. 31) são caracterizadas pelo comprimento extraordinario dos flagellos das antenas externas e, neste particular se assemelham ás larvas de *Sergates* encontradas por Claus perto de Messina (Zeitschr. für Wissenschaft Zool. Bd. XIII est. 27. fig. 14) Este comprimento desusado das antenas conduz á supposição de que ella pertence ao nosso camarão mais commum, que é frequentemente servido nas nossas mesas e muito estreitamente alliado á *Penaeus setiferus*, de Florida. O *Acanthosoma* de Claus (l. c. fig. 13) é semelhante á mais nova forma de *Mysis* da larva que eu figurei nos "Archif. f. Naturg" 1836, est. 2. fig. 18 e que eu estou inclinado á referir á *Sicyonia curinata*. (Segundo Carlos Moreira a autoridade brasileira no assumpto, *Penaeus setiferus* vai até os estados meridionaes do Brasil, o que torna verossimil a supposição de Fritz Muller—Vide Crustaceos do Brasil—Arch. do Museu XI, 7 e 72. Cryptus.)

O desenvolvimento do embrião começa com a formação da cauda! Esta apparece como um lobo simples, cuja superficie dorsal está virada e estreitamente applicada á do embrião. (Os filhotes de outros crustaceos podophthalmos são, como é bem sabido, curvados, no ovo, de tal modo que a superficie ventral das ametades anterior e posterior do corpo, fica virada sobre si,—n'estes, por isto, a superficie dorsal e em *Mysis* a ventral, apparecem convexas). A cauda adquire logo a forma furcada com a qual travámos conhecimentos com as Zoeas dos camarões por ultimo descriptas. Então apparecem dous pares de appendices espessamente ensiformes, no extremo opposto do corpo; e atraz d'elles, um par de tuberculos que podem ser facilmente omittidos. Estes são as antenas e mandibulas. A membrana do ovo então rompe-se antes que qualquer orgão interno ou mesmo tecido, excepto as cellulas do revestimento cutaneo, esteja formado. O joven animal póde ser chamado um Nauplius; pois essencialmente nada existe ahi além de uma rude copia de um revestimento de Nauplius, quasi, semelhante á uma nova membrana de ovo, dentro da qual se desenvolve a *Mysis*. Os dez pares de appendices do corpo anterior (maxillas, maxillipedes) e mediano, apparecem simultaneamente, como os cinco pares de patas abdominaes em periodo ulterior. Logo depois a joven *Mysis* expelle o envolvero Nauplius e abandona o sacco ovigero materno (1).

Por algum tempo, devido á importancia indebita attribuida á falta de uma cavidade branchial particular, *Mysis*, *Leucifer* e *Phyllosoma* foram referidos aos Stomatopodes, agora limitados, como originariamente por Latreille, ao Camarão-Louva-Deus (*Squilla*) ao Camarão-Vidro (*Erichthus*) e mais proximos parentes. Da historia evolutiva d'estes, até agora apenas conhecemos fragmentos isolados. Torna-se difficil traçar o desenvolvimento desde o ovo, pela circumstancia de que taes camarões não trazem os ovos postos sobre o corpo, como os Decapodes, porém depositam-n'os sob a forma de delgadas placas redondas e amarellas, nas passagens subterraneas que lhes servem de habitação. A ninhada, é, por consequente extraordinariamente difficil de ser procurada e, infelizmente ella se corrompe em um dia, quando removidas do seu logar natural de postura, enquanto que, ao contrario, o progresso de desenvolvimento póde ser seguido por semanas

(1) Van Beneden, que encara os pedunculos oculares como membros, não póde comtudo evitar a declaração seguinte sobre *Mysis*. "Este pedicelo não apparece de modo algum como os outros appendices e parece ter um outro valor morphologico".

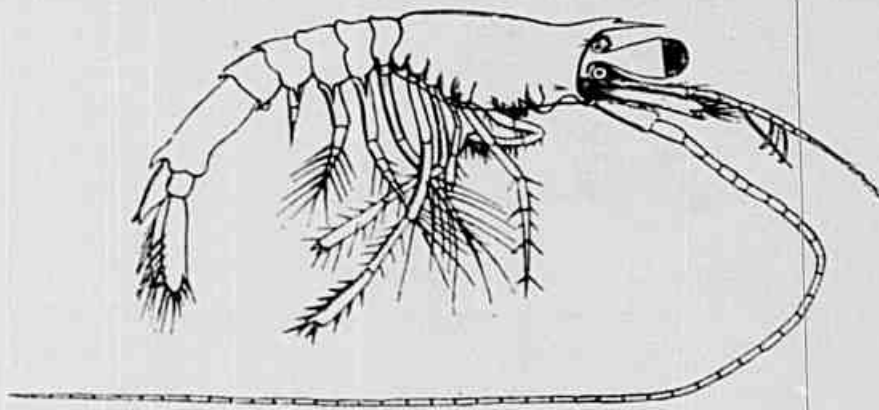


FIG. 33 - Larva mais velha resultante da Zoëa representada na figura 32. Falta os últimos segmentos e os dois últimos pares de patas do corpo mediano. Augm. 20 diâmetros.

a fio, nos ovos de um unico carangueijo conservado preso. Os ovos de *Squilla*, como os que são retirados do corpo do carangueijo, morrem porque ficam privados da rapida corrente d'agua fresca que suas mães introduzem nas respectivas tócas, provendo a propria respiração.

A figura seguinte do embrião de *Squilla*, mostra que elle possui um longo abdomen segmentado, sem appendices, cauda bilobada, seis pares de mem-

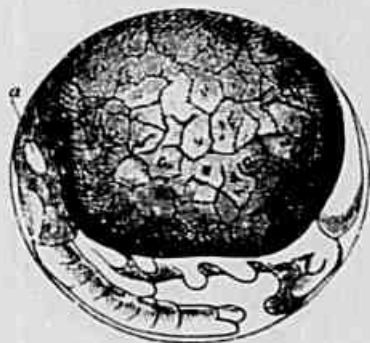


FIG. 34 - Embrião de *Squilla*, augm. 45 diâmetros, a coração.

bros e um curto coração; este ultimo só pulsa fraca e lentamente. Se elle adquire mais membros antes da exclusão, a larva mais nova deve ficar no mesmo nivel que a mais nova larva de *Euphasia* observada por Claus.

Das duas formas larvares actualmente conhecidas que devem ser referidas com certa senão á *Squilla* mas, ao menos á um Stomatopode, passo sobre a mais joven (1) porque

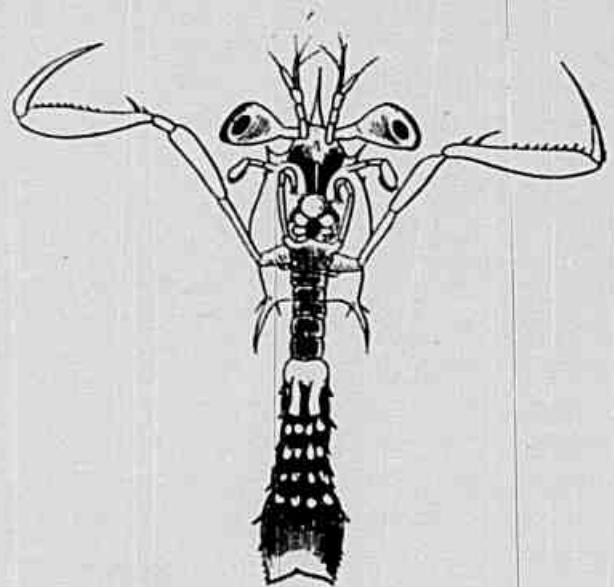


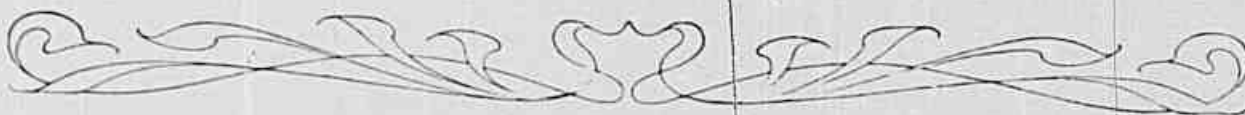
FIG. 35 - Larva mais velha (Zoëa) de um Stomatopode, augm. 15.º diâmetros.

os seus membros não podem ser interpretados positivamente, e mencionarei sómente que n'ella os tres ultimos segmentos abdominaes ainda são destituídos de appendices.

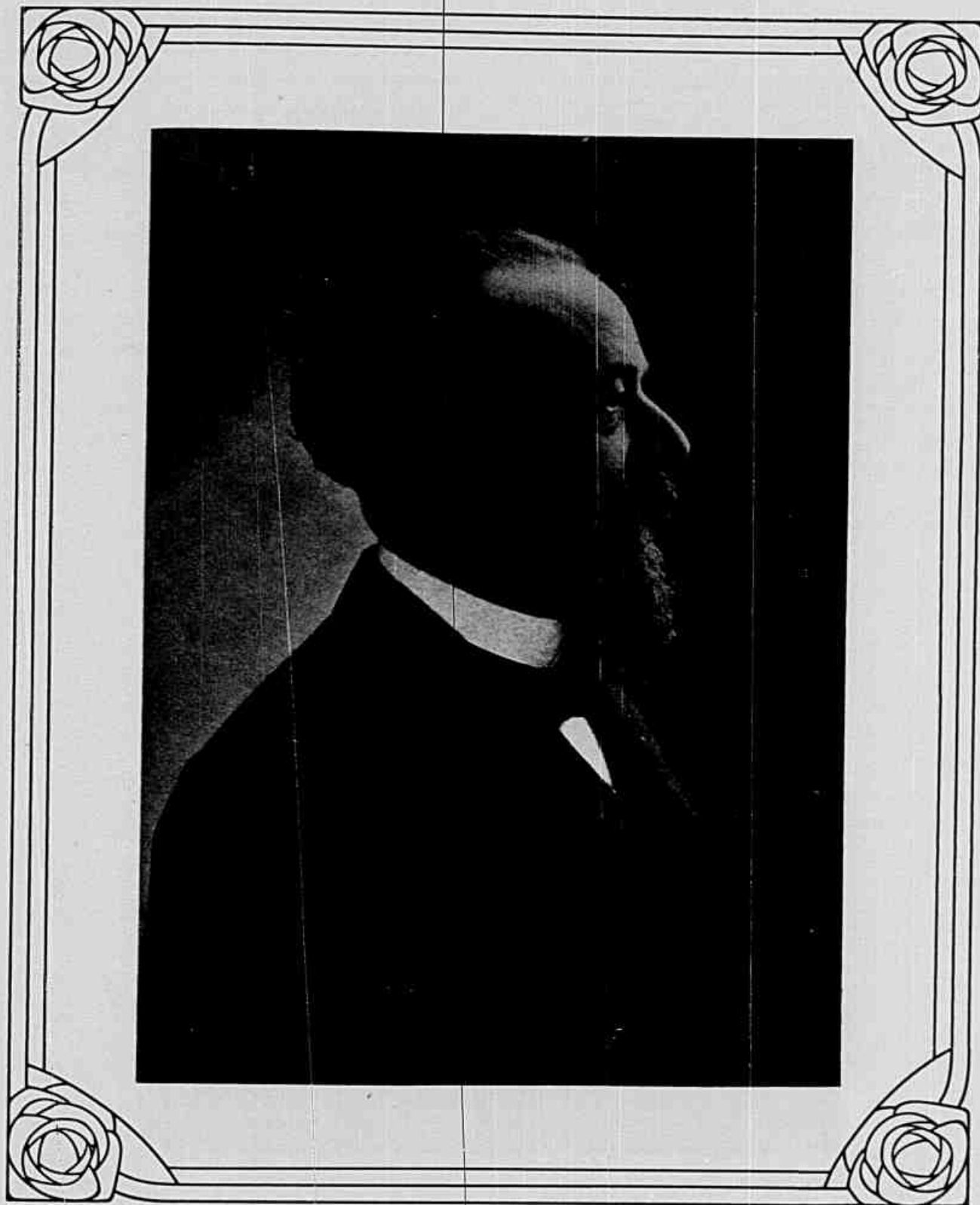
A larva mais velha (fig. 35) que se assemelha á *Squilla* adulta, especialmente na estrutura das grandes patas raptoras e do par procedente, carece ainda das seis patas seguintes ás patas raptoras. Os segmentos do corpo, correspondentes, já são bem desenvolvidos, um olho impar inda está presente, as antenas anteriores já são bi-ramosas, enquanto que o flagellum é ausente nas posteriores, assim como as mandibulas são destituídas de palpos; os quatro segmentos abdominaes anteriores, têm patas nadadoras bi-ramosas, sem branchias; o quinto segmento abdominal não tem appendices e é este, tambem, o caso para a cauda que apparece ainda como uma simples lamina, franjada no bordo posterior por numerosos dentes curtos. E' evidente que a larva corresponde essencialmente ao estado de Zoea.

FRITZ MULLER

(1) Archif. fur. Naturg. 1863 est. I.



KÓSMOS



M.^R PAUL DOUMER

O EMINENTE ESTADISTA QUE É ACTUALMENTE NOSSO HOSPEDE.

Os nossos Indígenas

É SEMPRE sob a impressão do medo que ouvimos fallar dos nossos selvícolas; as noções transmittidas pelos escriptores antigos, quasi sempre escravos do preconceito e imbuidos de intolerancia religiosa, não nos revelam de modo perfeito a alma desses homens simples, os quaes, por serem da nossa especie, possuem o nosso sentimento, modificado sem duvida pelas condições do seu meio.

Um unico brasileiro — Couto de Magalhães — se approximou mais da verdade, despindo-se de suggestões para narrar o que via; e se, na maioria dos casos, tal fôra o processo dos nossos escriptores, certamente não só nesse assumpto, mas em muitos outros... não veríamos repetidas e adaptadas idéas exóticas, com a unica utilidade de induzirem ao erro.

Considerados pelos poderes publicos, os indígenas constituem letra morta; pelo particular, nacional ou estrangeiro, elles não passam de «bugres».

O «bugre» é como um synonymo de animal irracional, de féra domada ou recalcada a bala para o meio da selva. Matal-o não envergonha a ninguem, não sendo crime.

O *civilizado*, que tem deuses superiores aos dos outros homense prega a tolerancia e a bondade, entra pelo matto levando ao pescoço uma veronica e na mão a carabina; encontra o indigena; o alcool e os vicios primeiro, a faca e a bala mais tarde, revelam o seu intento justo.

E o sentimento da vingança, isto é, o sentimento da applicação justiceira da pena de Talião, despede a flecha do «bugre» contra o

branco invasor. D'ahi por deante, está justificado o conceito do branco e justificados estão todos os seus actos ulteriores.

*
*
*

Em tempos idos, enviados por uma repartição nossa, dous homens seguiram para Mucury afim de obter umas ossadas de «bugres» daquela região. Um destes homens era Carlos Schreiner, naturalista já fallecido e o seu companheiro éra Eduardo de Siqueira, ainda vivo e funcionario da dita repartição.

Elles se localisaram em casa de um colono de nome Schröder, ousado e destemido teuto,



CHEFE GUARANY EM TRAJE DE GALA



GUARANYS PASSANDO A CACHOEIRA DO FUNIL—RIO ITARIRY

que ali vivia ha annos, com os maiores cuidados para evitar os assaltos dos selvagens. E' desnecessario dizer que para se firmar, Schrøder havia eliminado uns quatro bugres, enterrando-os cuidadosamente em terrenos de seu quintal. A sua casa ficava em plena matta, tendo apenas uma estreita orla em torno, a qual lhe servia de terreiro; os seus empregados trabalhavam perfeitamente livres, alguns iam mesmo ás aldeias dos indios e não sofriam perseguição alguma; Schrøder no emtanto, vivia perseguido pela visão phantastica da vingança do bugre.

«Na refrega que tivemos, disse elle á Schreiner, consegui aprisionar uma bôa porção de bugres; com os meus homens trouxe-os para o terreiro e com receio que fugissem, fui ao ao meu quarto para buscar cordas e os enviar amarrados á villa proxima (Philadelphia). Procurei a janella para encurtar caminho e d'ahi lancei as cordas aos meus homens, ordenando que amarrassem os indios. Ao me curvar do peitoril para deixal-as cahir, ouvi uma pancada secca e exclamações entre os meus e me levantando, sem comprehender do que se tratava, esbarrei numa flexa cravada na bandeira da janella,

á altura da minha cabeça! De dentro do matto um indio me havia visado, quando eu appareci; e o meu movimento, para deixar cahir as cordas, salvára-me a vida. D'ahi em deante foi constante o meu sobresalto.

Comtudo, ninguem ouvia fallar em indios nas visinhanças de minha casa.

Eu já sahia, mais seguro, ao terreiro; pois que impressionados pela minha salvação miraculosa do tiro de flexa que me fôra dirigido, á janella, elles haviam jurado matar-me ao fogo.

Os mezes passaram e tudo annunciava que o rancor do selvagem tinha se apagado.

*
**

Ao terreiro sahiam, ás vezes, veados que eu matava de casa; não poucas vezes, a minha cadella de caça impellia-os á morte, indo buscal-os na matta.

Certo dia, ouvi-a na pista de um veado; a trilha era proxima e eu, animado pela idéa da caçada, apanhei a espingarda e embrenhei-me alguns cem metros pelo matto; a cadella tóca-va longe e só pelo écho eu á ouvia; nenhum rumor á não ser o ligeiro farfalhar das folhas



RANCHO DE PESCA DE INDIO GUARAÑY - ITARIRY

perturbava a calma da floresta. Um mutum pousou á distancia de tiro e eu pensei em aproveitá-lo; a cadella vinha longe e o veado não retrocederia com o tiro, mas logo depois chega outro mutum e estando em casal, começaram os dous a executar a curiosa cerimonia que sempre precede aos amores desses volumosos galinaceos. Apreciava eu a dança sem querer atirar, distraído de todo, quando um pio de macuco me fez arrepiar as carnes — Os bugres! Avisados de que eu me havia afastado pelo matto, por alguma sentinella, elles estavam no meu encalço e distribuíam-se para me apanhar.

Ah Schreiner! A idéa de morrer queimado me fez tremer! Outro pio mais adiante mostrou-me que elles procuravam me envolver. Era preciso fugir e tal problema era de véras difficil. Abaixei os cães da arma, e de rojo, por entre as pedras, não fazendo o menor ruido, não fazendo estremecer sequer a menor planta, eu segui por uma excavação natural, em busca da clareira; e os pios se repetiam! Não havia eu caminhado ou melhor deslizado cincoenta passos quando um pio se fez ouvir de em frente a mim, d'onde um enorme tronco de arvore se elevava; e ali, encostado ao tronco, confun-

dindo o corpo côr de cobre com o sombreado da arvore eu vi um bugre experimentando a elasticidade do arco...

Critica posição! Estava bloqueado!

Levei a arma á cara. Despejo-lhe os dois canos, pensei, ao menos este fica. Mas a reflexão de que éra a minha sentença de morte a morte deste bugre, pois que ouvindo o tiro os outros conheceriam o logar onde me achava e correndo a elle me apanhariam, deixei para o extremo o recurso da espingarda e rastejei, contornando por detraz do bugre; nunca me hei de esquecer desse momento terrivel em que de um simples estalar de um ramo dependia a minha vida.

A dança dos mutuns fôra a minha salvadora; se eu houvesse atirado, os indios que me procuravam saberiam onde me encontrar e não teriam necessidade de imitar o macuco, para se avisarem mutuamente dos pontos em que ficava cada sentinella, em toda a zona da matta em que me haviam visto entrar. E eu, desprevenido, não estaria hoje contando este facto aos senhores!

Quando cheguei á clareira, minha casa estava fechada, os meus haviam visto a passagem

dos indios pelo matto e esperavam, apòs a morte do chefe, o proprio exterminio; corri ao sino para dar o rebate chamando á casa os colonos. E foi assim que escapámos desta vez.»

Tal é, sempre, a tragedia das selvas — variam apenas os detalhes.

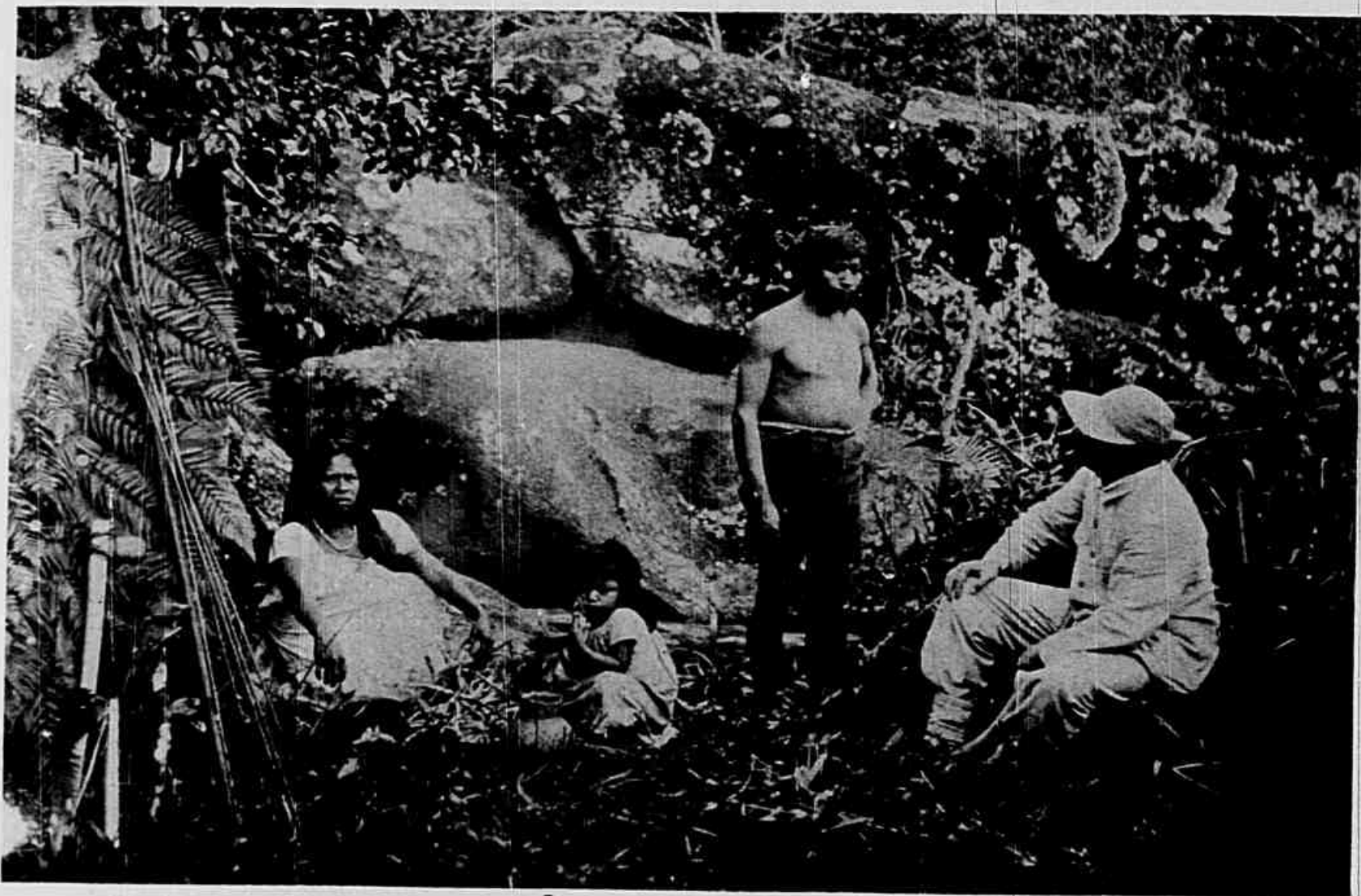
Entretanto o indio não é um ente máo.

Mas, dir-se-ha, como é que sendo assim não se consegue trazel-o ao nosso gremio, não obstante o esforço de tantos e tantos catechistas?

Entretanto a resposta é facil; as nossas pri-

do o contrario se dá vemos que elles constituem um elemento muitissimo aproveitavel.

O nosso primeiro cuidado quando pretendemos catechisar o indio é trazel-o ao nosso credo religioso; é este justamente o peor meio; se homens adiantados, mas imbuidos do prejuizo de sua religiãõ, não admittem quartel ás crencas alheias, como intentar abolir o credo religioso de individuos que nenhuma noção têm dos conhecimentos do homem civilisado, e que receberam as suas crencas dos seus carinhosos



VISITA NUM RANCHO DE INDIOS GUARANYS

meiras estampas representam grupos de indigenas civilisados, vivendo civilisadamente; ellas reproduzem GuaranyS do S.O de S. Paulo, que se comportam melhor do que muitos dos europeus que mandamos immigrar para o Brazil a custa dos cofres publicos. Em todo o sertão do Brazil ha muitas e muitas tribus cujos costumes puros desafiam os dos civilisados e que vivem como plantas incultas só carecendo de que se lhes aproveite as virtudes.

Dir-se-ha que são indolentes, que não trabalham.

A isto se póde responder com vantagem tendo em vista que nada lhes ensinamos. Quan-

parentes, sem duvida, dignos de mais fé que o forasteiro intrujão?

É altamente notavel que tenha sido um indio quem primeiramente tenha mostrado o verdadeiro caminho para a civilisação dos selvagens; e foi a imprensa diaria desta capital a portadora do brado do pury que, se abalançou numa viagem do interior de Goyaz ao Rio para pedir — *Ensino! Instrucção!*

Porque se não aproveitou a boa vontade desse homem?

Porque se deixou perder essa esplendida occasião?

O eterno governo da politica avassalando

tudo, não dá tempo para que se pense no indígena miserável.

E tanto é verdade que o indígena já disso se apercebeu.

Dos sertões do Paraná veio para esta capital o chefe dos Guaranys, Gê-Pia-Jú. De pequena estatura e formas delicadas, Gê-Pia-Jú revela intelligencia viva, e vontade firme nos seus designios. E' casado e veio com sua mulher.

Perguntei-lhe o que desejava e elle sahio-se-me com este discurso:

Alves, ao Presidente da Republica e não voltarei para minha tribu se não for attendido; assim eu prometti aos meus, assim eu farei.

—Mas a protecção que pretendes devias pedir ao Presidente do Estado do Paraná.

«Não, respondeu, não nos attendem, a questão é de politica, só a politica move a gente do governo. E além da protecção que eu peço, senhor, quero mais que nos deem mestres que nos ensinem.»

Compreendi que havia alguma cousa atraz do pedido simples do indio, e insisti.



CABANA DOS INDIOS GUARANYS NO RIO ITARIRY

«Senhor: Nós vivemos no Paraná; a nossa tribu consta de uns quatrocentos homens que vivem do trabalho; não perseguimos nem maltratamos ninguém, mas ao contrario somos perseguidos e mortos como se fossemos cães. As nossas terras são a causa da nossa desgraça. Antigamente, no tempo do imperador, por terem medo que elle soubesse que nos maltratavam, ninguém nos atacava; e respeitavam as nossas cousas; mas agora, na Republica, nós somos dizimados porque querem as nossas plantações e as nossas terras e porque sabem que ninguém mais protege o bugre. Senhor: Eu abandonei os meus para pedir protecção ao Dr. Rodrigues

— Desembucha, Gê-Pia-Jú, o que é que vaes fazer com os mestres contra os ladrões da tua tribu?

«Eleitores; quando soubermos todos o que os brancos sabem, ensinaremos aos outros nossos visinhos e nos faremos eleitores e então teremos deputados nossos para defender os nossos direitos e estaremos nas condições dos civilizados.»

Fiquei attonito entre as palavras do indio e a idéa de que elle podia estar sendo victima de algum embuste e tive que me convencer do contrario.

Com effeito, esta conversa já foi em tempos

e o indio ainda se acha na capital da Republica. Para viver decente e independentemente elle está empregado numa das nossas repartições publicas.

E o chefe dos Guarany's se sujeita ao cabo da enxada porque não obteve protecção em prol de sua tribu.

*
**

Ha entre nós uma alma caridosa e ao mesmo tempo varonil que tem sido uma especie de bandeira de misericordia para os indigenas.

Quando veio ao Rio de Janeiro o indio de Goyaz pedir instrucção, essa creatura não trepidou em correr em auxilio do selvagem.

Privações de toda a sorte, riscos continuos de perder a vida, o afastamento dos seus, e por fim o ridiculo com que muitos espiritos myopes procuraram feril-a, nada a demoveu do seu elevado fim. E voltou do sertão apenas com a benção daquelles espiritos puros. Essa creatura é a senhora D. Leolina Daltro. Esta senhora, a principio bafejada pelos louvores da imprensa, mas depois deixada só, acha-se prompta a aceitar a incumbencia da catechese dos selvagens do Brazil central; ella pede apenas a sua aposentadoria — para beneficio de seus filhos — do

cargo que ha mais de vinte annos exerce como Professora Municipal. Porque é que o Governo não lança mão deste ensejo favoravel?

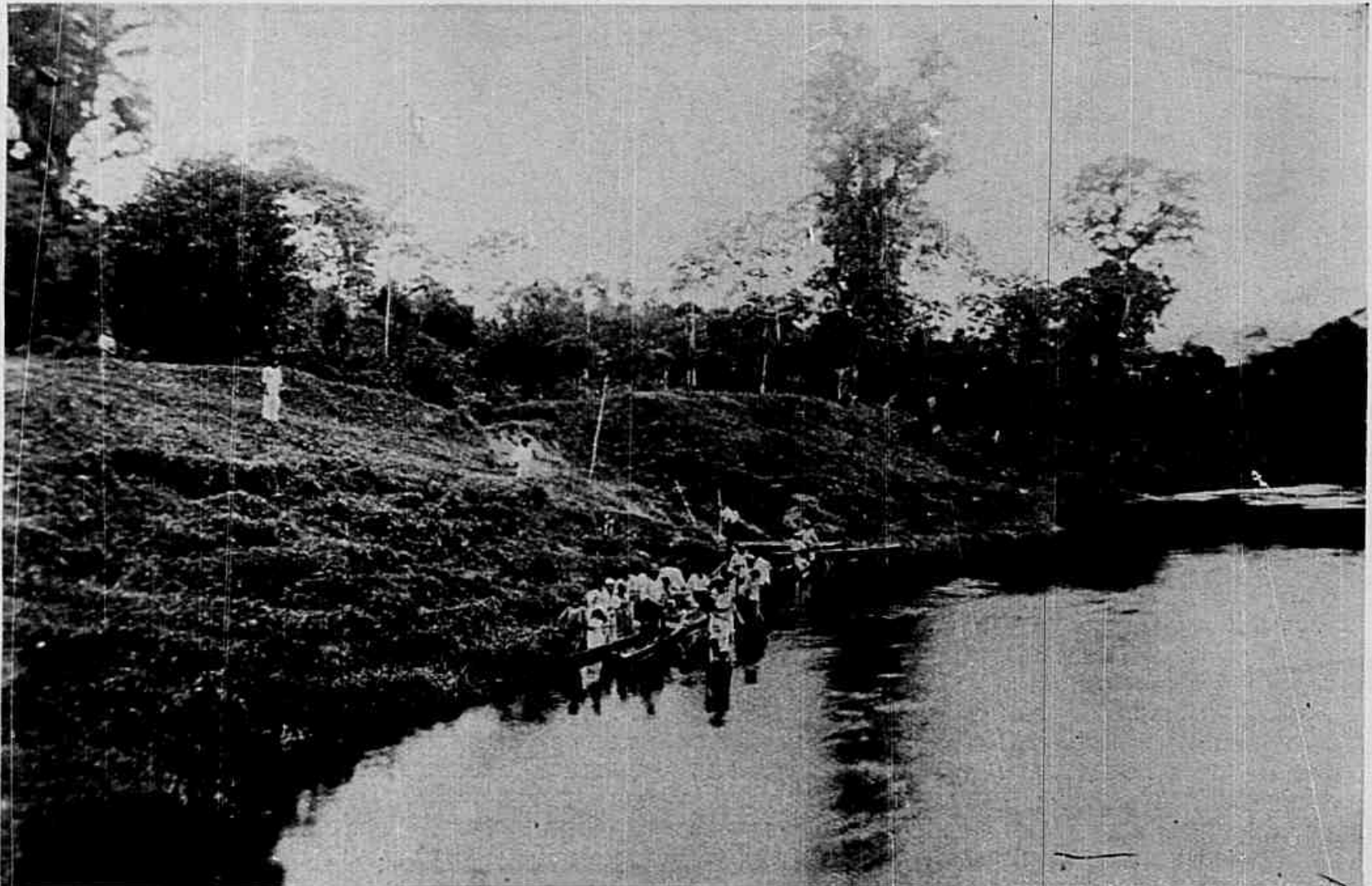
Deita-se dinheiro fóra ás mãos cheias em cousas sem utilidade e injustas, porque se não ha de dispender alguns mil réis com uma obra tão meritoria? Para que ha uma verba de « catechese » no orçamento de despeza da Republica?

Porque é que se ha de dar aos frades estrangeiros que sahem daqui a passeiar pela Europa — « o filho do chefe tal, do Brazil » numa esplendida propaganda contra a nossa civilisação, dinheiros dessa verba e se negar á uma pessoa — profissional, brasileira — o mesmo favor? Porque é que havemos de dar aos outros o que é destinado aos nossos? Porque se hade subvencionar a catechese religiosa quando a nossa Constituição é liberal e negamos á catechese scientifica o mesmo auxilio? Porque é que havemos de ser os primeiros a decretar a nossa incompetencia?

São questões para as quaes eu não desejo buscar respostas...

*
**

Uma vez veio a nossa residencia um *Caraó*



INDIOS GUARANY'S DO RIO ITARIRY

de Goyaz. Homem de estatura elevada, olhos pequenos, e bastos cabellos negros cahidos sobre o paletot de civilisado, *Porpipó*, tal é o seu nome, tem sempre um sorriso de bondade nas respostas que dá a quem o interpella.

É uma alma de poeta. A' mesa portou-se como um gentleman, e conversou com bastante presença de espirito. Bebe pouco. É o futuro chefe de sua tribo e está hospedado em casa da Professora Daltro a quem considera muito.

O meu filho, um pequeno de tres annos e meio, ao vel-o fugio com todas as forças e só depois de longo discurso se convenceu que o indio não fazia mal.

Este, ao ver a creança chamou-a e deu-lhe um abraço, repetindo: — «Não tenha medo — eu sou um amigo!» e depois, encarando-me, disse: — «Eu tambem tenho um filho; justamente do tamanho deste menino. E eu o deixei, coitadinho, lá no sertão! Tenho muitas saudades, e gosto muito do meu filho; o senhor, quando o seu faz artes, castiga-o?»

Confesso que percebendo logo onde ia o intento do indio, respondi por uma evasiva.

«Não é isso retrucou o selvagem; o senhor dá-lhe pancada?»

— Quando merece uma ou outra palmadas, retorqui.

«Ah! disse o indio, o meu filho nunca apanhou das minhas mãos, elle é creança, não sabe o que faz, coitadinho; póde quebrar as cousas que não lhe dou; isso fica á encargo de minha mulher, porém não á minha vista.»

Porpipó deleitou-se ouvindo musica. «Gosto muito de modinhas, disse; as nossas não são como as dos brancos, são tristes. Estou estudando primeiro o portuguez e quando souber bem ler e escrever hei de copiar as d'aqui para repetil-as em Goyaz, entre os meus.»

«O nosso canto principal é o da morte do Gavião; elle é cantado quando morrem os chefes, as pessoas importantes; o Gavião é a ave valente, só se canta a morte do Gavião quando morre um valente.»

Porpipó escreve correntemente o portuguez, e gosta de ler os jornaes diarios. Tem bôa calligraphia e é discipulo da Professora Daltro.

Dous outros indios estão tambem hospeda-



NO ALDEAMENTO DE INDIOS GUARANYS — RIO ITARIRY

dos em sua casa — são Cherentes e ambos leem e escrevem sofrivelmente o portuguez, sendo também discipulos da mesma senhora.

*
**

Ao ouvir discorrer Porpipó, eu me recordava da ferocidade attribuida á esta gente simples, do maravilhoso que emprestavam aos seus

OS BOIS CHUCROS

I



ERAM principios de agosto. Começavam, nessa noite, os terços do Bom-Jesus em casa do Nicacio.

A's avé-marias entrava a affluir para alli, aos poucos, a boa gente das circumvisinhanças. No céu sahira já a rondar a lua, illuminando tudo com a poeira subtil da sua luz fria de grande lampada incandescente de Brush. As pequeninas casas de S. Francisco de Cannavieiras branquejavam afastadas umas das outras, entre sébes, cafezaes e laranjaes murmurosos, semelhante um rebanho de ovelhas espalhado pelos socalcos e inclinações das planuras e morros, naquella minuscula área geographica.

II

Desde meia tarde que as raparigas da Maria Verissima — Bertha, Bernardina e Clara — corriam pelas casas das amigas, gárrulas, alviçareiras e alegres, a communicar as novas occorridas, durante o dia, na freguezia. Contara-lh'as o irmão, o João, que andara na rêde, lá fóra: eram o casamento, no dia seguinte, do José Alexandre com a Maria Luiza Rosas, a do *patacão*; o escandalo do Manoel Théa apanhado ao romper do dia com a Maricota Sodré, na casinha do carro, lá no sitio do Claudino — oh! que pouca vergonha! —; o Mauricio esbofetado pelo Joaquim valente, no caminho do Campo, por umas historias de ciumes; o Luiz Cunha, o filho da Leandra, o *magricela*, «o do casacão do vigario», então caixeiro na cidade, que viera pela manhã do Desterro; o Antonio Rego, chegado dos Ratores com uma tropa de bois chucros, dos quaes o Justino já havia apartado um para a «vara», verdadeiro «bagual», que assim que via gente no pasto investia como um raio, como um damnado, e que na Cachoeira partira já dois laços só de um tirão!...

Mas, de tudo isso, o que mais as encantava era o terço do Nicacio, desde ha muito esperado, que ia afinal ter começo e só terminaria uma semana depois, conforme o velho lavrador promettera quando estivera de cama, quasi a «espichar», com as sezões.

—la ser «só do fino» o terço do Nicacio! exclamavam ellas, numa balburdia adoravel. Uma semana inteirinha... Ai-ai! ia «doer» de bom!...



actos, da phantasia com que a pintam quando ella nada mais é que imitativa, profundamente crente e timida, até o momento do primeiro desengano, paciente e soffredora de todas as barbaridades que lhe proporcionam os civilisados!

Pobre raça, ingenua, fadada ao exterminio em futuro não remoto!

X.





E combinaram com as do Chico Pereira para ir todas juntas, com a boa mamãe, assim que anoitecesse. Mas careciam da companhia de um homem por causa dos bois chucros. E quem havia elle de ser? O pae não podia, andava fóra, pela altura do Arvoredo, na pescaria do mar grosso, e não voltava senão d'ahi a dois dias; o João, o irmão, esse, nem contar, sempre assombrado de tudo e mais medroso de almas do outro mundo que ellas proprias, coitadas, umas pobres mulheres! Mas então quem havia de ser?...

E na pressa de se ajustarem e se irem logo preparar, não achavam quasi um parente, um amigo, um conhecido que as acompanhasse.

Entretanto, quem havia de ser? repetiam, reflectiam. Eram raros os rapazes daquelles lados e os poucos que havia andavam agora em derricho, a «azeitar», lá para a Varzea de Baixo, onde tambem se rezavam novenas, em casa do Luiz Boião. Os primos das Areias, esses não viriam, de certo, por terem peorado das febres. Só se fossem os do Luiz Maria ou os do Rufino, que não perdiam divertimentos na rua Velha ou na freguezia, principalmente no Nicacio, que era ainda contraparente d'elles...

Assentaram, pois, em aguardal-os, ir com elles de companhia. Mas de balde esperaram. Desceu o occaso, entrou a noite, fez-se o luar, e nada dos rapazes! Ficaram num desespero, numa inquietação, afflictas, quasi a chorar. Perderiam, desta vez, a primeira noite de terço, a melhor — que tristeza Nossa Senhora!

Emtanto a noite subia, o luar clareava deliciosamente. Para os lados do Nicacio, de vez em quando, foguetes, em filetes de luz rubra, erguiam-se, cresciam a prumo, num rojão, varando o ar, estourando em explosão de faiscas.

— Lá atijam foguetes! lá atijam foguetes! murmuravam anciosas, de cabeça erguida e as fitas das tranças a dansarem á aragem fria e fina daquelle inverno em despedida, os negros olhos pregados no céu, ineffavel e deliciosamente radiando á lua, que já ia horisonte acima algumas braças. Já principiou a festa!... Não! ninguem podia perder aquelle tercinho d'alma!...

D'istante a instante davam uma chegadinha á porteira, ao Caminho Novo que vinha sahir quasi defronte. Nada! ninguem!

E entraram a pedir á boa mamãe para irem mesmo sósinhas.

— Tambem tantos medos eram uma bobagem! Encontrariam de certo muita gente na estrada com aquella noite tão linda! Pozessem de parte tolices, que era melhor... Depois os bois chucros não iam sahir do pasto á noite e áquellas horas...

E convenceram a velha, a Maria Verissima, que, desejosa de vêr as filhas satisfeitas e felizes, enfiou logo para a estrada, resoluta mas

supersticiosa, o seu chale de lã azul á cabeça, murmurando:

— Olhem, depois não se queixem se vier por ahi alguma!...

E pozeram-se em marcha, numa algazarra adoravel, cheias de risos em que transparecia a animação de alegria — as mais audazes adiante, as mais timidas atraz, cosidas umas ás outras.

O caminho desenrolava-se branco, deserto, aqui e além malhado de sombras pelos espinheiros, cafezaes e laranjaes das margens. O azul limpido do céu resplandecia muito alto, cheio de um mysterioso encanto, numa vasta paz mystica que as risadas das cachopas agitavam sonoramente.

III

O Sebastião e o Vicente, companheiros inseparaveis das correrias nocturnas, os mais famosos e temidos «quebras» da freguezia, que vagavam todas as noites pelos caminhos em endemoninhadas estrepolias, escondendo-se entre as sébes e as ramagens para dar sustos ás mulheres — vinham repontando na encruzilhada da praia quando ouviram de repente, no vasto silencio, para os lados da Ponte Velha, falas de moças, exclamaçõesinhas, risadas. Pararam e pozeram-se á escuta: queriam reconhecer as vozes... Ah! eram as da Maria Verissima e outras que iam para o terço! E combinaram logo em lhes pregar um susto.

— Havia de ser com os bois chucros. Ellas tinham muito medo de bois chucros. A tropa toda estava no pasto do Constancio...

E ja descalços, com os tamancos nas mãos, largaram á disparada pela picada que dava para lá. Esconderam-se numa roça de canna, do lado da porteira, junto á cerca de espinhos. Ahi, de vez em quando, chegavam-lhes ao ouvido, nas lufadas do vento, toques de gaita ou viola, alguma cantiga ao desafio, a algazarra ruidosa do terço do Nicacio.

A casa ficava a um kilometro, logo passando o riacho do Zé Rocha, num alto, do lado do morro. Pelas janellas abertas sahia uma illuminação festiva, que dourava a verdura circumjacente manchando a fria dealbação do luar. No pequeno terreiro em frente, silhuetas escuras moviam-se, apinhadas, á flammejação das luzes. E vozes frescas e agudas de creanças brincando, punham na noite silenciosa e albente uma grazinada feliz.

Mas os dois «québras» terriveis não queriam saber de nada, com o ouvido assestado para os lados de baixo, de onde vinham as raparigas. As risadas d'ellas continuavam, cada vez mais proximas, mais nitidas, com o encurtar da distancia, no seu timbre alegre e crystalino. E d'ahi a instantes faz-se um estrepido claro de passos e vozes femininas.



O Sebastião e o Vicente podéram vêr então, por entre o crivo da folhagem, já proximo á porteira, á esquerda, o bando das cachopas, todas de branco e lindas ao luar. Vinham pela margem opposta á em que elles estavam, rente á cêrca, agarradas umas ás outras, aterrorisadas, com passos curtos e miudos, num frú-frú de saias roçagantes, estacando, ás vezes aos gritinhos e saltos, á porporção que enfrentavam á porteira do pasto onde se achava a tropa. E murmuravam a tremer:

—Ninguém fale! ninguém fale! Lá estão os bois, Virgem Santissima!...

E avançavam cautelosamente, subtilmente, como pisando uma alcatifa, por sobre a grama das beiradas.

Já haviam passado a porteira quando os levados rapazes se lançaram ás corridas dentro do cannival, espalhando em torno a matizada de um gado em tropel, e gritando:

—Arreda! arreda! Ahí vêm os bois chucros!...

As raparigas debandaram, estonteadas, loucas, aos gritos, tomadas de invencível panico, numa corrida de desastre, precipitando-se dentro do riacho ou ferindo-se contra os espinheiros da estrada...

Da casa do terço homens e mulheres acudiram logo, numa anciedade e nesse costumado e generoso impulso de socorro que move sempre espontaneamente as multidões quando ha alguém em perigo.

E todos vieram encontrar as pobres raparigas numa lástima — as véstes ensopadas, rasgadas, empastadas de lama. Ampararam-nas immediatamente, levando-as para a casa do Rosas que ficava muito perto d'alli. Ahí mudaram de roupa, ainda muito nervosas, decepcionadas, quasi a chorar...

No caminho os curiosos, apenas testemunharam o desfecho do caso, entraram a dispersar. Mas um velho, que chegára da praia a cavallo e que soubera de tudo minuciosamente, exclamava brandindo o rêlho com cólera:

—Aquillo tinha sido de certo perversidade do Sebastião e do Valente... Canalthas! Ah! que se os apanhasse, lanhava-os! Grandissimos cães!...

E, têsso na sella, com a destreza de um cosaco, deu de rédea irado, partindo a galope, num impulso vingador.

Então os dois famosos noctambulos, que tudo haviam saboreado escondidos, agachados entre as cannas para não serem vistos nem espancados pelo furor popular, já tudo em calma outra vez e certos da sua impunidade, saltaram para a estrada, a correr, e, como gozando o seu triumpho, a sua perfidia e maldade, irromperam ás gargalhadas na noite clara...

VIRGILIO VARZEA.



Coisas da India



SEMPRE nos pareceu interessante e indispensavel à bisbilhotice do espirito occidental, nunca saciado de emoções novas, assistir a cerimonia da cremação dos cadaveres na India. Foi pois com a maior curiosidade que, de volta do Jardim Botânico de Calcutá, um dos melhores do mundo, pela variedade systematisada de suas riquissimas colleções, nos dirigimos, já um tanto atrazados, para o logar das incinerações, o *Burning Ghats*, onde chegamos quasi findo o crepusculo da tarde.

Era enorme o movimento do bairro que se estende ao longo do Hoogly e a poeira suffocante das estreitas ruas que atravessavamos, augmentada pelo correr apressado da nossa carruagem, fazia-nos conter a respiração, até porque a idéa de que particulas humanas fluctuassem naquella atmosphera, acarretadas pelo fumo espesso das fogueiras proximas, nos dominava o espirito, mau grado nosso. Mas, o triste logar nada apresenta de notavel; é um recinto fechado por quatro muralhas, a céu aberto, situado immediatamente sobre o rio sagrado, onde vão ter as cinzas e os membros semicarbonizados dos cadaveres que não tiveram bastante lenha para sua completa destruição.

O dia tinha sido escasso e das fogueiras feitas em pequenas depressões do terreno, á distancia regular umas das outras, apenas restava uma que acabava de consumir um amontoado de restos ennegrecidos e irreconheciveis.

Um policial indigena uniformisado, mais tres ou quatro pariás semi-nús e indifferentes, esperavam ainda, como certos de não haverem concluido a tarefa do dia; e de facto, no momento em que nos retiravamos, encontramos a poucos passos daquella lugubre fornalha, mais um cadaver que para alli era conduzido. Vinha envolvido em um lençol branco, sobre varas de bambú arranjadas a guiza de padiola, tendo sobre o ventre uma grande pasta de algodão com que, por certo, teria de começar a fogueira respectiva. Não havia sequito de familia, nem de amigos; o abandono era o mais completo porque, mais espiritualista do que nós, aquella gente entende que o corpo só é digno e nobre enquanto serve ás manifestações da actividade espiritual. Uma vez roto o liame da vida, a carcassa humana nada mais vale. Para uns, só o fogo e as aguas sagradas do Ganges poderão purifical-o; para outros porém, nem disso mesmo acham mercedores os restos humanos; atiram-nos ás aves do céu, como dizem, para não polluirem com elles a terra, a agua e o fogo, elementos que adoram.



São estes os Parsis que não enterram, não atiram ao rio, e não queimam os cadáveres de seus mortos que preferem dar de pasto aos corvos nas famosas torres do silencio, adrede preparadas, como as que existem em Bombay e das quaes posteriormente nos occuparemos.

Foi sómente em Benares que podemos depois acompanhar, de principio a fim, a cerimonia da cremação dos cadáveres, o que nos deixou uma impressão inextinguivel e verdadeiramente dolorosa.

e de todos os hemispherios, só pela munificencia do governo que fornece uma lenha insufficiente e de má qualidade, são incompletamente incinerados e os respectivos membros atirados ao rio, apenas tostados! Então vê-se commumente descerem a corrente do Ganges grupos famintos de corvos a se disputarem, agarrados á presa, os restos fluctuantes das fogueiras minguidas! Estavamos bem installados numa barca que nos offerecia o conforto de umas velhas cadeiras de vime e que por tres ou quatro rupias pas-



ONDE SE FAZ A CREMAÇÃO DOS CADAVERES — (HOTS BENARES) BURNNGGI

E' sempre ao ar livre, junto ao Ganges em cujas aguas tomam o seu ultimo banho e de preferencia ao cahir da tarde, que os mortos, allí abandonados, são levados para suas fogueiras, de onde enormes labaredas enchem o espaço de lugubres reflexos e de onde uma fumaça espessa e gordurosa transporta, a grande distancia, um cheiro nauseabundo e difficilmente supportavel.

A gente mais abastada gosa de fogueira alentada pela melhor lenha e perfumada com sandalo e resinas odoríferas, enquanto os pobres, eternos soffredores de todos os tempos

sejava o viajante ao longo dos dous kilometros de caes da curiosa cidade e onde se nos offerecia talvez o mais grandioso e mais raro espectáculo do mundo!

Imagine-se uma colossal escadaria cobrindo toda a margem do rio e nelle mergulhando, escadaria só interrompida por enormes palacios que, solapados pela corrente do Ganges, se submergem e se desmoronam e sobre a qual se estendesse uma multidão de milhares e milhares de crentes em todas as attitudes que a fé, a oração e a exaltação religiosa, podessem dar ao homem ; imagine-se além disso, a molestia e



a dôr em todas as suas variedades, dando áquellas physionomias todas as nuarças possíveis; imagine-se todo um povo n'um extase completo e feliz, egoisticamente immerso no goso inefavel de uma ventura que fôra o sonho de toda sua existencia e pela qual se transportára de todos os recantos da India, arrostando as molestias e a fadiga, ventura que então realisava: ver o Ganges, banhar-se em suas aguas sagradas e morrer ás suas margens, para ser pelo mesmo transportado ao paraíso de Siva no Hymalaia!

Imagine-se sobre tudo isso, o concerto inaudito, o alarido indiscriptível de milhares dos mais desconexos sons, arrancados do alto dos milhares de templos visinhos a um sem numero de instrumentos semi-barbaros, gaitas, clarinetos, sinos, tamtams, zabumbas etc., capazes de vibrar os nervos dos proprios mortos; pensem os leitores no effeito de semelhante ruido e de uma tal scena, acrescida do fumo e dos clarões sinistros das fogueiras proximas; imaginem ainda os primeiros effeitos do colorico sobre os cadaveres, dilatando e fendendo-lhes as carnes em largas brechas de gordura candente; os dedos dos pés e mão a se abrirem em verdadeiros leques, como a completarem os tetricos esgares das faces enegrecidas e disformes; troncos que, parece, se agitarem n'um retesamento lugubre, como a protestarem impotentes, contra as varancadas que, para apressar a combustão, vibram-lhe brutalmente os executores do trabalho; pense-se em tudo isso que meus olhos testemunharam como através um horripilante pesadêlo e ainda não se fará idéa desse quadro extraordinario que tanto a photographia como a linguagem humana não conseguem descrever em toda sua hedionda verdade. Mas passemos a outro assumpto menos tetrico, mas não menos interessante.

O templo de ouro, The Golden Temple, de Benares, que é considerado um dos lugares mais santos da India, tambem é um dos monumentos mais dignos de serem visitados pelo estrangeiro. Sua construção foi feita em honra de Siva ou Bisheswar, deus do Veneno, assim chamado porque, segundo a crença hindú, em-

quanto os demonios agitavam violentamente o mar, elle tragava venenos para acalmal-o.

Seu nome provem de que suas torres são chapeadas de ouro esculpido e *repoussé* em esplendidos lavores que lhe dão um aspecto de rara magnificencia pelo intenso brilho com que refletem a luz solar, brilho claro e permanente que nenhuma pintura barata pode imitar



GOLDEN TEMPLE, BENARES

e manter. Como de justiça, completaremos estas ligeiras informações consignando conjunctamente o nome do Maharajah Rangit Singh, de Lahore que foi o piedoso crente a cujas expensas teve realisação tão original e tão cara phantasia. E não fosse o tecido emaranhado de vielas de pouco mais de um metro de largo, em cujo seio está elle encravado, verdadeiramente grandioso seria o seu effeito, visto a distancia.

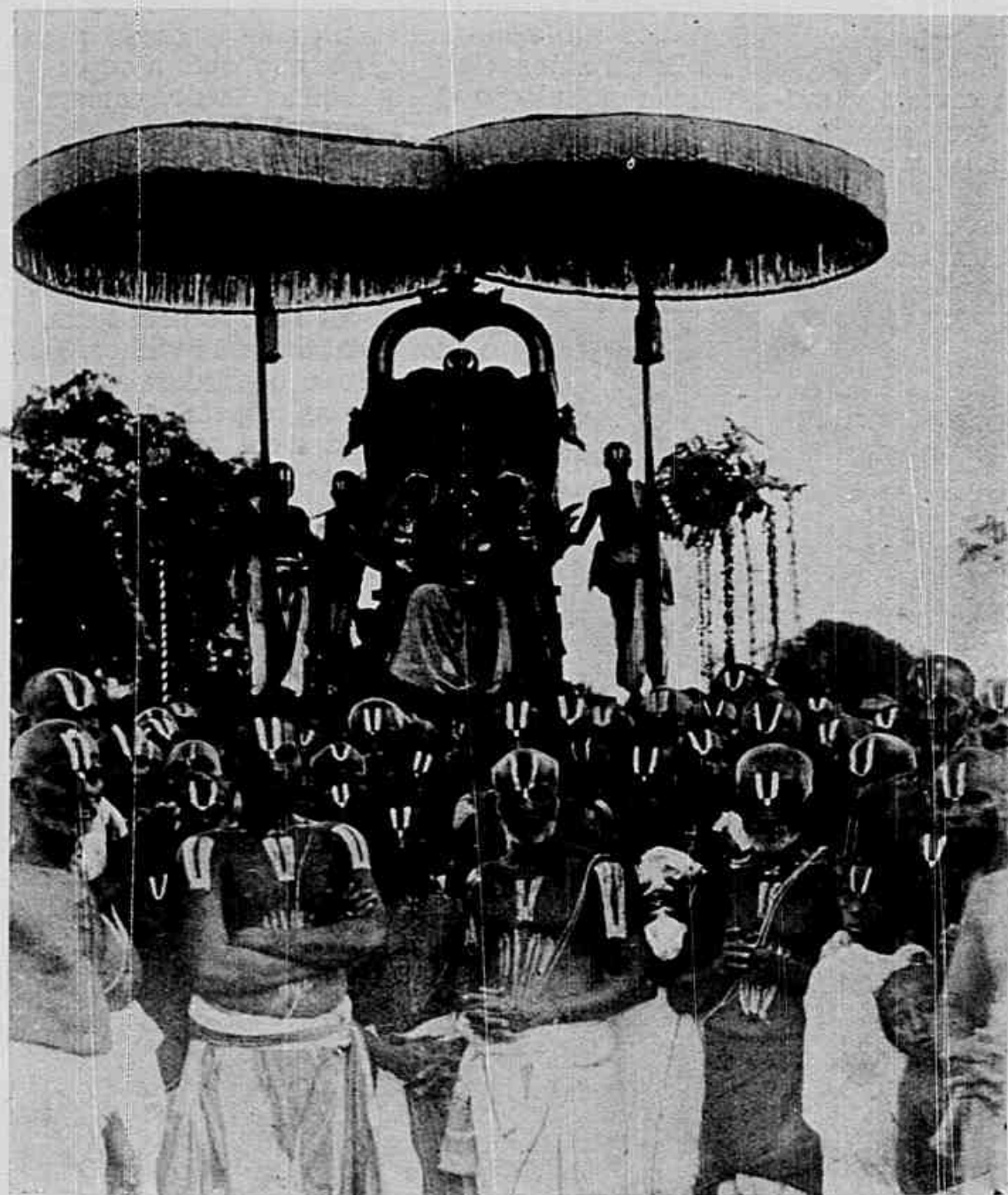
E' curioso porem observar o movimento incrível de semelhantes vielas: Peregrinos que se acotovellam n'um *pêl-mêl* de estrangeiros

de todas as procedencias; de bois e vacas sagradas; de fakires miseraveis, cobertos de cinza da cabeça aos pés; vendedores de flores em esplendidos collares amarellos e brancos de mimosos jasmims; de sacerdotes de todas as seitas; Joghis santificados em vida; cegos e leprosos pedintes; mercadores de pequenos idolos, emfim o espectáculo mais animado e mais interessante que a confusão mais completa e disparatada poderá offerecer aos nossos olhos.

imagens de Ganesa com cabeça e tromba de elephante, alem de deuses outros, de pés e mãos de prata; moedas encrustadas no ladrilho representando enormes sommas; flores esmagadas e servindo de pasto aos bois sagrados; crentes que fazem oração e offerenda de oleo, eis em ligeiros traços o que se vê no interior sombrio do famoso templo.

Uma cerimonia religiosa interessantissima da India é tambem a procissão annual realizada em todo o paiz pelos adoradores de Vichnú. Alem dos elephantes ricamente ajaezados e amestrados, ajoelhando e fazendo todo o ceremonial exigido, elephantes que conduzem emblemas sagrados e marcham entre sacerdotes de frente marcada com o signal da respectiva seita, como se vê da photogravura, um carro colossal é arrastado pela multidão no mais exagerado transbordamento de fanatismo religioso. E tal é elle, que muitos se atiram sob as grossas rodas, deixando-se esmagar em verdadeiros transportes de exaltação mystica!

Os habitos inglezes porem, o seu *savoir faire* no tratar com os indigenas, as suas leis sabias já vão triumphando de semelhantes praticas, de modo que ellas vão desaparecendo pouco a pouco em abono da civilização britanica e christã. A immolação da viuva sobre a fogueira do fallecido esposo, o sacrificio das *suttis*, como era conhecido antigamente, já não existe tambem, graças a sabedoria do governo inglez que, para suavisar, tornando ao mesmo tem-



PROCISSÃO RELIGIOSA

O estrangeiro não penetra no templo sagrado, mas pode apreciar-o de uma pequena casa fronteira, onde se faz uma musica infernal de tam-tams gaitas e zabumbas, tal qual a que fazem á margem do rio por occasião do banho vespertino e da cremação de cadaveres a que já nos referimos.

Grossas portas de bronze, lingams e sinos de pedra; emblemas allegoricos de deuses de quatro e seis braços e outras tantas cabeças;

po mais pratica, sua intervenção em tão escabroso terreno, qual é o terreno religioso e a satisfação integral de suas praticas de tempos immemoriaes, principiou por exigir a declaração explicita e terminante da viuva de que queria se sacrificar para que então fosse ella submettida ao horrivel martyrio. A fragilidade humana porem o temor da dor e da morte, deveriam triumphar de todos os preconceitos religiosos e de todas as dedicações intermatrimoniaes,

especialmente quando levadas a semelhantes apuros, contavam os ingleses, como aconteceu afinal, sem atritos e sem dificuldades.

Nem era de esperar outra cousa; a India aliás tão diferente do resto do mundo sob tantos outros pontos de vista precisava de dar

essas provas de solidariedade ao commum dos homens, ao menos neste particular, onde toda a humanidade parece nivellada em todos os tempos e lugares, isto é, ante a dôr e a contingencia da morte.

DR. THEODORETO NASCIMENTO

CAXIAS

A villa de Caxias, cabeça da camara e municipio do mesmo nome, teve seus principios em 1875, graças aos colonos italianos que ahi aportaram.

Tem cerca de 4000 habitantes e é mais importante do que algumas cidades do Estado

de 50.000 h., a maior parte de raça italiana, e originarios da Lombardia e Venecia. Esses calculos são approximativos, pois é sabido que no Brazil ainda estamos por conhecer a superficie e população de qualquer estado, camara ou municipio e do proprio paiz!

Não será para extranhar que a população seja maior do que se pensa, attendendo á reconhecida fecundidade da raça italiana. O autor d'estas linhas ja esteve morando algum tempo em Caxias e notou que entre os seus fornecedores, o vendeiro tinha 11 filhos, o padeiro 16 e o verdureiro 19, sendo que as respectivas mães estavam todas em condições de proporcionar novos herdeiros a seus maridos.

A mortalidade é insignificante comparada á natalidade, e se alguma epidemia por la tem apparecido é levada pela gente das cidades populosas que para essa região foge mas ja contaminada pela molestia.

Caxias não tem tido o desenvolvimento que era de esperar devido unicamente ás difficuldades de transporte. As comunicações com a capital do Estado se fazem por meio de uma estrada de rodagem de 10 leguas justas, da villa até o porto do Cahy e deste lugar até a



do Rio Grande do Sul. Acha-se a 806 metros acima do nivel do mar e a 29°10'25' de latitude sul pelo que o calor forte nunca atormenta a quem lá reside.

O frio, esse sim, ás vezes faz tremer a quem não está habituado a sentil-o. Quem, porem, está habituado a elle nada sofre e a prova temolla em uma das nossas photographias em que vemos um homem em mangas de camisa, com um bloco de neve na cabeça. Vêm-se tambem senhoras e creanças, com a roupa commum, enterradas na neve e com ella brincando.

O municipio de Caxias é um dos menores do Rio Grande do Sul. Não tem 1000 kilometros quadrados. Entretanto é um dos mais populosos devendo ter cerca





capital pelo sinuoso rio Cahy, em vapores que levam de 8 a 10 horas de viagem, quando as aguas permittem. A estrada de rodagem, pelo accidentado do terreno, é penosa, bastando dizer-se que custa 800 rs. o frete de 15 kilos, de carga no referido percurso de 10 leguas.

Dentro de 2 annos, porém, estará concluida a estrada de ferro, actualmente em construcção que ligará a região colonial com a cidade de Porto Alegre, iniciando uma nova era de prosperidade para esse rico torrão da nossa patria, ainda tão pouco conhecido.

A vinha, o milho, o trigo, e as fructas



em geral constituem a maior cultura de Caxias, assim como dos outros municipios visinhos, da mesmo origem. Infelizmente a carestia do transporte só permite a exportação de artigos, que, como o vinho, supportam frete alto.

Da facilidade de transporte depende, portanto, o futuro de Caxias.

Quanto às bellezas naturaes, como rio-grandense que é, o autor d'estas linhas seria suspeito em descrevel-as. Limita-se portanto, a transcrever unicamente o que espendeu o sabio naturalista sueco Dr. Lín-dman, a pg. 7 da sua importantissima obra

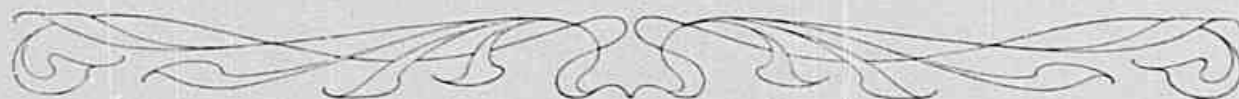


A vegetação no Rio Grande do Sul—:

A mattaria alta e luxuriante, os paredões de rocha imponentes, os ribeirões encachoeirados e as altas quedas d'agua fazem deste territorio colonial um dos mais bellos logares do mundo, ora romanticamente selvagem e grandioso, ora encantador e ridente: os seus attractivos são ainda augmentados pelo clima ameno e pelo ar puro, vivificante e caricioso.»

Porto Alegre, 18 de Agosto de 1907.

J. HENRIQUE AYDOS.



Poços Tubulares

Em nossa edição de maio do corrente anno publicámos uma photographia do Açude de Quixadá, terminado nos ultimos mezes do anno findo.

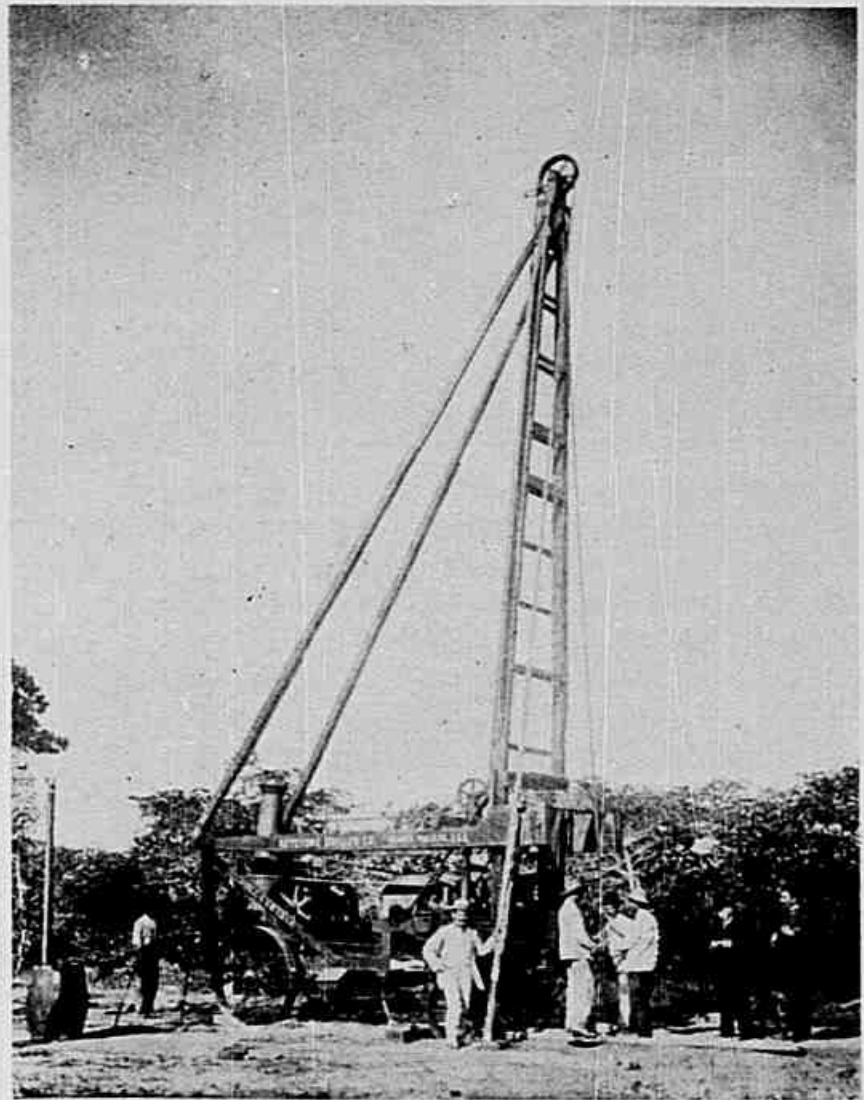
Hoje publicamos photographias de serviços de outra ordem, tendentes, como aquelle, a debellar os efeitos da secca, no Estado do Ceará.

E' conhecido o empenho do governo federal na organização dos elementos de resistencia, nos Estados semi-aridos do norte, para poderem elles supportar as calamidades que frequentemente os flogellam.

Ha muitos annos passados, todas as vistas se voltaram, no Ceará para a construcção de estradas de ferro: d'ahi a estrada do Baturité, que vae de Fortaleza a Senador Pompeu e a de Sobral, que começa no porto de Camocim e está, actualmente, na cidade do Ipú.

Depois, vieram os açudes, dos quaes o governo construiu ja dous grandes, — o do Quixadá e o do Acarahumirim e dezenas de outros pequenos, alguns hoje esboroados.

Ao lado desses serviços, tem-se pensado, recentemente, em outros, que podem



concorrer para a solução do mesmo problema: — as barragens submersas e o estudo das bacias hydrologicas.

As photographias que publicamos agora, representam osapparelhos de sondagem, que estão funcionando nos arredores da cidade de Fortaleza, no bairro do Bemfica, para a procura das aguas do sub-sòlo.

Toda a população da Fortaleza se serve dessas aguas; e não ha casa, naquella capital, que não tenha uma cacimba ou um poço profundo, havendo ja alli para mais de uma centena de cataventos, para elevar a agua dos poços aos reservatorios domesticos.

Uma das commissões federaes encarregadas de estudar, naquella zona, o problema da secca está procedendo a sondagens, que permittam conhecer o sub-sòlo de Fortaleza, afim de poder-se planejar o seu abastecimento d'agua, fazendo-a vir dos lençoes subterraneos à superficie.

Essas sondagens estão, por enquanto, circumscriptas ao bairro de Bemfica, que é o que está em maior altitude e dista cerca de tres kilometros do littoral.

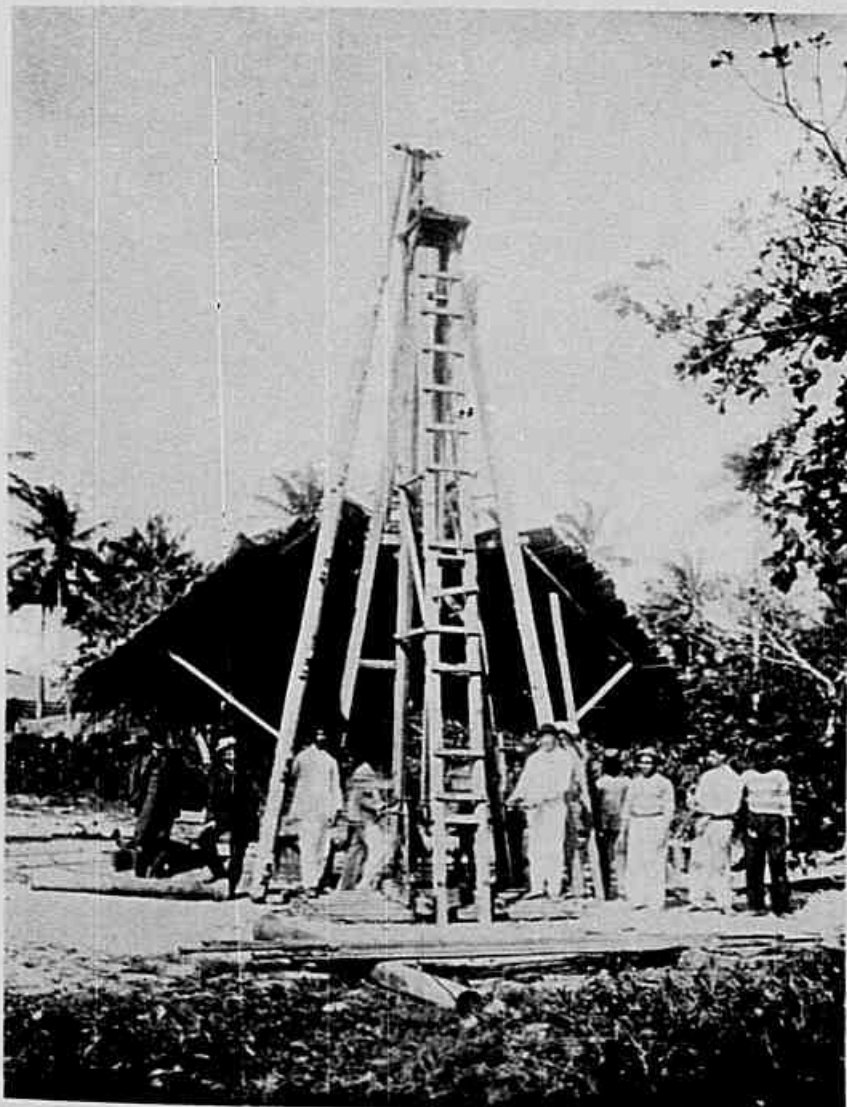
Uma das sondagens, feita por meio de hastes rigidas e manobrada á mão,



tem já perto de 60 metros de profundidade e é revestida por tubos de aço de 4 pollegadas de diametro.

Outra, aberta por uma excellente perfuradora *Keystone*, a vapor, já alcança perto de 50 metros de profundidade e é revestida por tubos de 6 pollegadas de diametro. Esta foi iniciada ha pouco mais de um mez e prosegue com grande rapidez.

Em ambas, a natureza geologica do terreno é a mesma: —camadas de ar-



gilla, mais ou menos silicosa, proveniente da decomposição das rochas circumvizinhas, intercaladas de camadas de areia grossa e de saibros, onde ja appareceram quatro lençóes de agua diferentes. Destes, apenas um, encontrado a cerca de 30 metros de profundidade, poderá ser convenientemente aproveitado. Os outros são,—ou delgados ou carregados de saes, que tornam a agua pouco potavel.

Em nenhuma dessas sondagens encontrou-se a rocha consistente; e, quando ella apparecer, possui a Comissão sondas a diamante, proprias para perfural-a, do mesmo modo que as outras camadas encontradas até agora.

As photographias que publicamos mostram o aspecto das duas sondagens, visto de pontos diferentes.

O sitio onde esses trabalhos estão sendo feitos é ensombrado por grandes cajueiros e mangueiras, além de coqueiros, de cujas folhas se faz uma cobertura para proteger os trabalhadores dos ardores do sol, em certas horas do dia.



O MONUMENTO A D. JOÃO VI

ENTRE os reivindicadores das glórias do primeiro rei do Brazil, que hoje em dia augmentam, não sei devido a que ternura de sentimentos de revelação tardia, alistou-se agora um representante da Nação, o joven deputado paulista dr. Eloy de Miranda Chaves, propondo ao Congresso destinasse a quantia de quinhentos contos de reis para a erecção em uma das praças d'esta Capital de um monumento, destinado a attestar ás gerações por vir a fama de nossa gratidão para com a memoria do caricatural monarcha, tão maltratado pela adamantina penna de Oliveira Martins, em premio dos serviços ao Brazil prestados por quem mais que nenhum outro contribuiu para a nossa independencia, instituindo no Brazil, que os acasos da guerra o fizeram buscar como um refugio suggerido por sua experteza *saloia* afim de burlar os planos de Bonaparte, uma era de avançamento, de progresso que o devia levar ao Sete de Setembro, — quando dos labios do principe D. Pedro cahiram as palavras — Independencia ou morte — quiçá com a mesma expressão com que dos de Cesar haviam cahido estas outras: *Alea jacta est!*

Louvavel empenho por sem duvida! Bem-dita obra de reparação! Mas é necessario dizer bem alto que os juizos da Historia jamais se subordinam ás conveniencias da politica nem aos deveres da cortezia, animem-n'os embora os mais vivos sentimentos de patriotismo.

A concepção historica de encarnar em uns tantos vultos que emergem da grande onda anonyma e obscura de trabalhadores, pelas circumstancias as mais das vezes de um simples acaso de nascimento, todos os factos, todos

os acontecimentos de uma epoca, de um periodo, já está algo desmoralizada, principalmente nas democracias. Trata-se hoje é de reivindicar para a massa popular as glórias que mentirosamente de louro ennastram as fronte desses vultos, cujas imperfeições a distancia esconde, fazendo-nos contemplal-os como os monumentos egypcios, perdidos na vastidão intermina das areias, de uma singular perfeição, de uma extranha harmonia de contornos.

E' a distancia que forma as lendas historicas como essa que agora nos tentam impingir dos serviços de D. João VI — o rei mais pusilanime, mais grotesco, mais carregado de defeitos, a figura mais chata e apagada, mesquinha de quantas têm até hoje occupado um throno em todo o mundo — pobre diabo cujas desgraças domesticas si provocam o riso compassivo, a sua poltroneria e goloseima nauseiam, a sua avareza desgosta, o seu physico ingrato repugna, a sua ingratitude indigna, a sua refalsada hypocrisia enoja, o seu egoismo sem igual conturba e entristece.



Severamente julgado pelos contemporaneos, mostrado pelos historiadores portuguezes sem sombra de parcialidade um soberano nullo, irresoluto, acovardado sempre, que levou toda a sua vida a fugir, ora dos francezes para o Brazil,

aqui dos liberaes para Portugal, lá das conspirações de sua propria familia, humilhado por seus servidores, por seus ministros, pelas Côrtes; soberano que de uma mulher recebia lições de energia e de altivez, sem que na physionomia sorna e apathica os sentimentos se lhe estampassem: victima de soffrimentos physiologicos constantes, causados por essa degradação moral do temor a tudo e a todos, que nova feição lhe descobriram agora esses que o endeosam atravez de não sei que extranhas concepções que visam destruir as taras chumbadas á sua memoria imperecivelmente, atravez das paginas da Historia, escripta sem preoccupações de qualquer natureza, antes em obedi-

encia as prescripções das doutrinas mais seguras

Caber-nos-á então, a nós brasileiros, os descendentes dos sonhadores de Minas e de Pernambuco, reduzidos no seu governo ao silencio dos tumulos, afogadas em sangue as aspirações libertarias, levantar a lousa em que apodrece o seu gordo corpanzil cevado a frangos assados, fazendo-o resurgir transformado, metamorphoseado em um typo ideal de novo Messias que veio propositalmente despertar-nos da immensa lethargia em que mergulhava o Brazil do Amazonas ao Prata, apparelhando-nos para a obra da independencia graças ao mecanismo administrativo aqui insituído?

Uma consideração apenas. Com a vinda da Côrte para o Brazil, ficando Portugal depois de desoccupado pelo invasor, simples dependencia administrativa de sua colonia, tanto assim, que esta logo se eleva a categoria de reino, com a permanencia da corôa em terras brasileiras, permanencia que maior seria se não fossem as agitações liberaes, se não fosse mais o desencadear de ambições do proprio herdeiro do throno, como seria possivel deixar de se instituir no Brazil todo o complicado aparelho administrativo que logo foi montado?

A *Gazeta do Rio de Janeiro* substituiu a *Gazeta de Lisboa* — e eis ali a criação da imprensa; a Bibliotheca Nacional era a Bibliotheca Real, comprada pelo nosso imperio com os demais bens da corôa por dous milhões esterlinos; o Museu canalizou para o Rio o que dantes todos os governadores e Capitães generaes enviavam para a corte desde tempos remotos.

A abertura dos Portos? Já Oliveira Martins a affirmou victoria da habilidade diplomatica commercial da Inglaterra, e tanto assim que o seu complemento foi em 1811 a redução de tarifas para todos os productos inglezes que dominavam sem concurrencia os mercados do Brazil

A elevação do Brazil a reino? Consequencia imperiosa, fatal da permanencia da Côrte,

Mas si apezar de tudo se affirmar que é tudo consequencia da vinda da Corte para aqui, então bemdigamos a memoria de Junot e de suas aguerridas phalanges, e ergamos monumentos a Bonaparte que riscou Portugal da carta da Europa apeando os dynastas do throno bragantino! O pobre rei bolonio, coitado, não merece.

“ni cet excés d'honneur, ni cete indignité”

Para elle cifrava-se a vida em ouvir missas, escutar musica de camera, comer ao almoço tres frangos, outros tres ao jantar e mais tres á ceia, coçar o corpanzil que a sarna afogueava á falta de hygiene; dormir a sésta, cantar no coro de sua capella em companhia

dos *castrati* trazidos de Lisboa; ouvir as informações que lhe traziam os seus servidores que elle excitava uns contra os outros de modo a ser sempre sabedor das intrigas cortezãs.

Cerebro tacanho, espirito mesquinho, não lhe coube a iniciativa de um só melhoramento nosso. Engano! Um houve, esse de sua provada iniciativa. A determinação de todos os navios que tocassem o porto da Bahia para consumo regio transportarem as magnificas laranjas que tão abundantes são naquella região do norte.

Porque então um monumento?

Era em 1803.

D. Eugenia José de Menezes, filha de D. Rodrigo de Menezes, mais tarde conde de Cavalleiros, nascida na capitania de Minas Geraes de que seu pae fôra governador e capitão general, em 1781, entrara para o Paço como dama de honor da infanta de Hespanha d. Maria Francisca, em 1800.

Era um typo formosissimo de mulher, enlevo de sua familia, das mais nobres do Reino.

D. João, já então convencido da infidelidade da esposa, cujos amores adulteros na Quinta do Ramalhão eram commentados picarescamente pela creadagem real e pela gentilha avida de escandalos, sentiu-se atrahido pela linda donzella em cujas veias corria o sangue dos Marialvas.

Não resistiu por muito tempo a incauta moça aos ardores do principe. Servia-lhe de medianeiro o seu afilhado o celebre Pe. João. Conta-se, que em companhia d'esse padre entrava para os aposentos de d. Eugenia o medico do Paço João Francisco de Oliveira. Depois sahiam os dous vultos outra vez, occultos pela propicias sombras dos corredores e dirigiam-se para os aposentos do Principe Regente. Mas é que nos aposentos de d. Eugenia ficava o Pe. João enquanto ella, em companhia do medico, e occulta sob o vestuario ecclesiastico ia receber as caricias regias. Isso foi até Maio de 1803. Sentiu então a dama de honor a gravidade de sua falta, por se conhecer prestes a dar á luz o fructo dos amores de D. João VI.

E este atemorizado com o escandalo, appellou afflictivamente para a amizade do dr. João Francisco a quem fizera muitos favores e que gratamente se prestou a auxiliar o monarcha.

A 27 de Maio, desapareceu d. Eugenia da casa de seu irmão para onde se tinha retirado licenciada, a pretexto de molestia. Na mesma noite sumiu-se o medico do Paço.

No dia seguinte commentava-se por toda a parte o escandaloso rapto praticado por João Francisco na pessoa da fidalga.

Chegou a autoridade a saber que haviam

embarcado em um cahique com destino a Cadix.

João Francisco de Oliveira era casado e tinha filhos. Ao sahir de Lisboa escreveu á mulher a seguinte carta, de que existe copia authentica em nossa Bibliotheca Nacional:

«Minha querida Consorte: não he por falta de amiz.^e q.^e parto sem ti: obriga-me a honra a sacrificar-me e a sahir sem perda de tempo. A m.^a. Patria a m. herança, os meus parentes e os teus vivem na Madeira: parte sem perda de tempo a viver com elles; lá te mandarei noticias minhas, logo q.^e me seja possivel: leva contigo os meus filhos q.^e reunirei a mim logo

pagos. Não escrevo a meu pae, mas hei de fazel-o de parte segura, se la chegar. Cuida na tua vida q.^e agora mais q.^e tudo me interessa; assim a dos meus f.^{os} em que cuidarás como Mai e como unico apoio, q.^e por agora lhes resta. Nada te digo porq. tudo saberás; mas o que não quero q. ignores é que te estimo m.^{to} e q.^e respeitarei sempre a tua virtude, e q.^e em tempo algum me esquecerei de ti seja qual fôr o lugar do mundo em q.^e eu residir.

Recommenda-me ao Bento, e m.^{to} estimo não estivesse agora na cid.^e por não ser tocada do conhecimto. da m.^a retirada. Torno a recommendar-te cuides m.^{to} na tua saúde, confia-a a pessoa habil, e acredita que te ama m.^{to} o teu

João Francisco

Lx.^a 27 Maio. 7 horas da tarde.

O sacrificio do Dr. João Francisco a ninguém illudiu. D. Carlota Joaquina que bem conhecia o marido, dizia alto e bom som:

«Dos tres Joões um foi, que todos tres lá andavam. O principe, o medico ou o padre.»

Entretanto, querendo varrer de si todas as suspeitas, o hypocrita e refalsado monarcha baixou o seguinte Alvará, que é o mais flagrante attestado de suas excellentes qualidades:

«Eu o Principe Regente Faço saber aos que este Alvará virem: que tendo-se verificado na minha Real Presença, que D. Eugenia José de Menezes, dama da princeza, minha sobre todas muito amada e prezada mulher, esquecida inteiramente da honra e decencia do Paço, de si mesma e d'aquelles de quem vem, se precipitara no crime torpe e abjecto de fugir com hum medico; offendendo assim o respeito e decoro do mesmo paço, e injuriando a familia e casa em que nasceu, com tanta infamia propria como escandalo geral: E sendo indispensavel não só zelar o respeito devido á casa real e a honestidade e louvavel procedimento da familia della, especialmente d'aquellas criadas, que pela sua qualidade e representação devem servir de exemplo na pureza dos costumes e gravidade de todas as suas acções; mas tambem conservar illesas a memoria e nobreza de familias illustres que não podem ser representadas por pessoas indignas; as quaes envilecendo por factos torpes, abjectos e escandalosos a distincção com que nasceram se desherdam por elles da grande representação dos seus maiores, e das prerogativas e privilegios que os mesmos lhes transmittiram por virtudes assignaladas, feitos heroicos e sacrificios gloriosos: sou servido mandar que a dita D. Eugenia seja riscada do titulo de dama, privada de todas as mercês e honras, e excluida da successão dos bens da coroa e ordens a que tenha ou possa ter



q.^e possa. Se o Principe N. S. dando ouvidos á sua Real Bondade se dignar conservar-me q.^e me deo por serv.^{os} que fiz e dos que tenha já feitos, tem com q.^e passem, aliás, viverão como viverião se eu lhes faltasse antes de vir ao Reino. Peço-te e encommendo-te m.^{to} q. não incomodes o Throno com supplicas. Não quero q.^e por meu respeito sejas desatendida: reduz tudo o q.^e puderes e não quizeses a dinheiro; e parte. Nada devo á Real Fazenda mais do q.^e. 300\$, e que ainda não satisfiz, resto dos mil cruzados q.^e, levei p.^a Abrantes e q.^e me cahirão da garupa na bolça de coiro, em q. os levava, e a esse respeito escrevo ao Correa. Paguei já mais de 800\$: nada devo na rua Augusta, nem aos creados até ao fim deste mez que ficam

algum direito: e outrosim ordeno que seja degradada da familia e casa em que nasceu, e de que ficará extranha por si e seus descendentes, se os tiver para todos os actos de feito e de direito, sem poder succeder em herança, *ab intestato*, nem em vinculos e prazos familiares, como se houvesse nascido da infima plebe, extinctos todos os direitos de sangue.

Pelo que mando á meza do Desembargo do Paço, que, sendo-lhe apresentado este Alvará, depois de passar pela chancellaria, o faça cumprir e executar com as ordens necessarias, sem embargo de quaesquer leis, instituições, investiduras, e mais disposições em contrario, que todas hei por derogadas para este effeito sómente, como se dellas fizesse especial menção, não obstante a ordenação que dispõe o contrario, pois assim é minha vontade, e o determino definitivamente de meu motu proprio, certa sciencia, poder pleno e supremo, para que mais não possa vir em duvida em juizo ou fora d'elle. E o mesmo observará o meu Mordomo-mór pela parte que lhe toca. Dado no palacio de Queluz em 2 de Junho de 1803.

Com a assignatura do Principe Regente e a do Ministro. (*)»

A perseguição feita aos fugitivos deu em resultado a prisão de D. Eugenia de Menezes, na cidade de Cadix. O medico João Francisco não foi encontrado em sua companhia, o que evidencia ser imaginaria a sua culpabilidade no delicto.

Recolheu-se D. Eugenia ao Convento das Monjas de Cister em Tavira e ahi teve uma filha que recebeu o nome de Eugenia Maria de Menezes.

Quanto ao medico, embarcára para a Inglaterra de onde se passou os Estados Unidos.

Em sua ausencia, continuou o processo que deu em resultado a sua condemnação, conforme se verifica do seguinte documento:

«Accordam em relação etc. Que vistos estes autos, que na conformidade do decreto do mesmo senhor com parecer do seu regedor, se fizeram summarios no accordam fl... ao reu João Francisco de Oliveira que foi physico mór dos exercitos, e medico da real Camara do mesmo senhor pelo torpissimo e abominavel attentado com que prevaricou no exercicio do seu emprego, abusando da faculdade e entrada que por elle se lhe permittia na pousada de D. Eugenia José de Menezes, dama do Paço, alliciando-a até ao ponto de a raptar ausentando-se com ella fugitivo pelo que se procedeu á devassa e mais averiguações appen-

sas de que o sobredito reu sendo citado por editos a ff... e sendo-lhe nomeado curador no dito accordam ff., se não exonera, reconhecendo o mesmo curador a enormidade do seu delicto na allegação ff... que fez por parte do mesmo reu, recorrendo sómente á equidade que possa abrandar o rigor da lei.

E como pelos autos se mostra que o sobredito réo João Francisco de Oliveira, prevalecendo-se da entrada no real Paço que lhe conferia o officio de medico da real Camara, temeraria e aleivosamente abusou della, para se introduzir na frequente assistencia que tratava na pousada da dama do mesmo Paço D. Eugenia José de Menezes, alliciando-a até ao ponto de a raptar da casa de seu irmão, para onde sahiu licenciada com o pretexto de molestias, e donde o mesmo na noite de 27 de Maio de 1803, a levou para as praias proximas ao lugar de Cachias, onde tinha preparada e prompta a embarcação em que com ella se transportou fugitivo, de sorte que sendo ella achada em Cadiz, não houve noticia d'elle, nem consta de parte certa onde possa ser achado; pelo que foi citado por editos ffs...

O que tudo é constante não só da devassa appensa mas até é facto de notoriedade publica, sem duvida em contrario, e por isso e como tal reconhecido na sentença appensa de degradação na ordem militar de N. S. Jesus Christo, proferida na mesa competente em execução do real decreto inserto no appenso ultimo, no qual foi o mesmo réo relaxado á justiça secular; e é de igual notoriedade a grande differença que ha de linhagem e qualidade da dama raptada á do reo levador, circumstancias que a lei manda observar para a comminação das penas, e que tem estabelecido que estes delictos, além da aleivosia, com que foram commettidos, quer se attenda á frequencia do réo no Paço, quer na casa do irmão da dama raptada; portanto e mais dos autos condemnão ao sobredito réo João Francisco de Oliveira a que com barão e pregão seja levado até ao lugar da forca onde morrerá morte natural para sempre; e visto estar ausente o hão por banido e mandam ás justicas do dito senhor que appellidem contra elle toda a terra para ser preso ou para que cada um do povo o possa matar não sendo seu inimigo; e na confiscação e perdimento de seus bens para o fisco e camara real e nas custas.

Lisboa, 12 de Junho de 1804.

Pereira de Barros
Saraiva d'Amaral
Rocha
Correa
Sacadura
Costa
Dr. Fonseca
Sampaio

(*) Coll. da Legislação Portugueza pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva.

D. Eugenia José de Menezes viveu com sua filha no convento de Tavira de 1803 a 1814, entregue unicamente ás occupações religiosas, como que a espiar a sua culpada fraqueza para com D. João VI.

Desligada de sua familia pelo Alvará Regio, privada das honras de sua linhagem, destituída de todos os seus bens, era sustentada no convento por uma pensão que mesmo do Brazil lhe remetia o monarcha.

Era seu confessor, director espirital um santo varão Fr. Thomé de Castello de Vide que misericordiosamente amparava aquelle atribulado espirito, dirigindo-o para as cousas do outro mundo, fazendo-o esquecer as misérias deste.

Em 1814 sendo esse frade removido para o Convento de S. Bernardo de Portalegre, dirigiu dona Eugenia uma petição á Corte, solicitando a sua passagem para o mesmo mosteiro, obtendo-a conforme se vê do documento seguinte:

Religiosissima M. D. Abbadessa.

Remetto a V. S. o aviso que acabo de receber, expedido do Rio de Janeiro, em que Sua Alteza determina, que a Exma. D. Eugenia José de Menezes, recolhida no nosso Mosteiro de Tavira, passe para esse, em que se lhe apromptará accomodação decente á sua pessoa e familia.

Portanto deverá V. S. de accordo com o P.^e Reitor fazer apromptar com a brevidade possivel, algumas casas que forem mais capazes para habitar uma tal personagem, acceitando-as e reparando-as do que precisarem como V. S. pode inferir do mesmo aviso e de instrucções que particularmente me são dadas.

Todo o obsequio e attenção com que V. S. e a sua communidade tratar a dita fidalga, eu o reputarei como feito á minha pessoa e ao logar que represento; e me persuado que V. S. saberá que ella é filha (*) do Marquez de Marialva e irmã da duqueza de Lafões.

Ds. g.^{de} a V. S. muitos annos. Alcobaça 7 de Setembro de 1814. Sou de V. S. muito attento venerador e obrigado.

Fr. Verissimo Barreto

Nesse novo convento viveram D. Eugenia e a filha até 1818, anno em que falleceu a primeira.

Expirou serenamente após uma molestia de dias; a unica palavra que proferiu ao exhalar o derradeiro alento foi: Misericordia!

Misera! Victima da lubricidade e da villania de um truão coroado, talvez a sua derradeira exclamação fosse ainda um pedido de perdão para elle! No Rio de Janeiro, D. João

collocava sobre a cabeça a corôa dos tres reinos por entre as festas pomposas que saudavam o seu advento ao throno.

D. Eugenia Maria de Menezes, depois da morte de sua mãe conservou-se ainda no convento até 1826, quando se retirou para Lisboa casando-se com o consul geral da Inglaterra Guilherme Smith.

Emquanto esteve no Convento D. João continuou a dar-lhe a mesma pensão; o documento junto o evidencia:

«Nós abaixo assignadas, religiosas do Mosteiro de S. Bernardo da cidade de Portalegre.

Attestamos que a illustrissima e excellentissima senhora Dona Eugenia Maria de Menezes Smith, e sua excellentissima mãe, a senhora Dona Eugenia José de Menezes, estiveram recolhidas neste mosteiro, recebendo aquella por



morte de sua excellentissima mãe, e esta enquanto viveu, uma pensão annual, a qual nos constava lhes era dada por ordem de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom João Sexto de saudosa memoria.

E por ser verdade o que affirmamos, passamos o presente que assignamos.

Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, vinte e sete de Junho de 1848.

(Seguem-se as assignatnas e o reconhecimento.)

Em 1849, requereu fosse revogado o Alvará que infamára a memoria de sua mãe; obteve-o pelo acto seguinte:

«Tendo em attenção ao que me foi representado por parte de D. Eugenia Maria de Menezes que pretende a revogação do Alvará

(*) Era neta

de 2 de Junho de 1803 para que depois de rehabilitada a memoria de sua mãe D. Eugenia José de Menezes, seja ella reintegrada nas honras e direitos de familia, de que pelo citado alvará fôra exautorada e possam as mesmas honras e direitos ser transmittidos á supplicante e sua descendencia:

Considerando que o Alvará de 2 de Junho de 1803 impoz á mãe da supplicante uma pena de natureza grave e extraordinaria, sem que a condemnada fosse previamente ouvida e convencida dos factos que se lhe arguiram;

Considerando que o referido Alvará fez applicação de uma pena nova, e singularmente creada para um acto anterior a ella, contra os principios de justiça universal, e sem que nem ainda se mandasse observar no futuro aquella providencia como regra geral;

Querendo eu por estas razões, outorgar a possivel reparação, depois de ouvir o Conselho de Estados e o Conselho de Ministros, em vista das respostas fiscaes:

Hei por bem revogar o mencionado Alvará de 2 de junho de 1803, para os effectos que, segundo as leis destes reinos, forem devidos.

Os ministros e secretarios de Estado de todas as repartições assim o tenham entendido, e façam executar.

Paço das Necessidades, em 8 de Setembro de 1849. — *Rainha — Conde de Thomar — Felix Pereira de Magalhães — Conde de Tojal — Antonio José d'Avila — Visconde de Castellões — Adriano Mauricio Guilherme Ferreri.*

João Francisco de Oliveira, dos Estados Unidos passou-se para o Rio de Janeiro, apesar da condemnação que sobre elle pesava. Foi magnificamente recebido pelo rei e voltando a Portugal a unir-se á sua familia, em 1821 o vemos deputado ás Cortes pela ilha da Madeira, conselheiro e secretario de Estado.

Tal é a unica aventura amorosa que se conhece de D. João VI.

Do seu procedimento tirem os seus glorificadores as conclusões e para um dos baixos relevos que forçosamente ha de ter seu monumento pode ser reservada uma das scenas desses amores que tão alto elevam as qualidades desse glorioso e magnanimo monarcha, cujos dotes de coração tão alto se collocam.

* *

A vida de D. João VI no Rio de Janeiro onde foi recebido de braços abertos por uma população cujas virtudes hospitaleiras até hoje tem resistido a todas as correntes cosmopolitas que a vem transformando, temol-a excellentemente descripta em memoria anonyma que guarda a preciosa secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Sem pretensões litterarias, descurada orthographia, é entretanto evidente pelas minucias que contem, ter sido feita por pessoa que privou das intimidades do regio paço, e aliás se revela affeioada ao monarcha cujos defeitos busca sempre justificar desde que assumiu as redeas do governo pela loucura da Rainha Dona Maria 1^a, facto que Oliveira Martins assim aprecia:

“D. Maria endoideceu de todo; e na scena portugueza levantou-se a expressa figura do principe regente, com o seu olhar vago, na immovel contemplação da regia ociosidade; bocejando em permanencia, a assistir com as mãos nos bolsos, indifferente e passivo, ao definitivo desabar ruidoso do carcomido edificio da Nação.”

Calcula-se que a comitiva real se compunha de 30.000 pessoas. Vinha a flor da nobreza e da magistratura. E para que toda essa parasitagem tivesse accomodações na altura de seus habitos de luxo na peninsula, foram despejados os habitantes do Rio de Janeiro de suas moradias. A lei das aposentadorias, fonte de innenarraveis abusos, dos maiores vexames, das mais inqualificaveis violencias como sò se commettem nos paizes conquistados, á barbara lei da força, durou até que Sua Magestade por occasião de sua coroação, em regosijo, hovesse por bem revogal-a.

E entretanto, foi esse povo assim expoliado de seus mais caros bens, que aguardara a realeza entre surpreso da novidade e alegre, de braços abertos e confiantes, doando palacios ao rei para seus prazeres (*) que cansado das violencias, em legitimo desforço das humilhações soffridas cada dia, soube evocar em despique a musa satyrica para vergastar os erros e vicios que descobria no Paço e nas casas dos fidalgos que tão desprezadoramente o tratavam.

Era assim que a poesia anonyma, escapa aos esbirros de Paulo Fernandes Vianna, ou ás justiças do desembargador Mosqueira, corria as praças e ruas, viellas e betesgas da cidade, penetrava nos salões, explodindo em gargalhadas truanescas aos ridiculos da gente altamente collocada, postos a nú os pequenos escandalos que a brejeirice das açafatas ia descobrir nas luxuosas alcovas da Corte, commentados os defeitos dos principaes que desprezavam insolentemente a gentalha mestiça dos naturaes do paiz.

Do principe se contava a avareza com que arrecadava os brilhantes vindos para o Erario pesando-os e embrulhando-os cautelosamente; depositava-os em gavetas expressamente para

(*) Elias Antonio Lopes a Quinta da Boa Vista; Tte. Corel. José Luiz de Gouveia a Quinta do Cajú; Thomaz Soares o Palacete da Praia Grande, etc.

isso feitas (*) que abria á noute, deleitando-se em fazer cascatear á luz das lampadas, as brilhantes pedrinhas das minas brasileiras.

Ria-se á socapa o capadocio do terror do principe que ao roncar o trovão nos dias tempestuosos de canicula, fechava-se em um quarto, e embrulhado em cobertas de seda da India, com um cirio acceso, de joelhos, em companhia do Visconde de Magé e do Conde de Paraty invocando Santa Barbara, S. Jeronymo, Santo Christo e todos os mais santos advogados contra phenomenos meteorologicos, só deixando esse aposento quando acalmada a trovoadá, o seu abatido organismo se reanimava.

A sua voracidade espantosa, que chegava a consumir nas tres refeições diariamente feitas nove frangos assados, tres em cada uma, alem dos mais pratos, causava espanto. E tal foi o consumo de gallinaceos durante a sua estadia no Brasil, que em 1819, os commerciantes do Rio de Janeiro representavam ao throno contra o Despenseiro Real que graças ao seu privilegio, não deixava em todo o reconcavo uma só gallinha com que os particulares pudessem fazer um caldo para os enfermos. (*)

A sua falta de hygiene corporal, a immundicie de seus trajes remendados á noite pelo velho alfaiate do Paço Thomaz Carneiro quando o rei repousava, até a irreverencia do carapato que em Santa Cruz agarrou-se ás regias canellas produzindo formidavel inflamação que quasi provoca a amputação da perna do principe, tudo era motivo de inspiração á troça popular.

Passado o entusiasmo dos primeiros dias, quando a gente do Brasil poude comprehender o que havia de vergonhoso na precipitada fuga de toda aquella gente em demanda do Brasil, acossada pelos soldados de Junot, cahiu o prestigio da realleza a que só a distancia emprestava grandeza, começaram as rugas entre os filhos do Rio de Janeiro e os do Reino, accentuando-se funda divergencia que mais e mais se aggravando na epoca da independencia e mais tarde mesmo no periodo regencial explodia em sangrentas lutas que enlutavam o paiz inteiro.

E mais que nenhum outro foram principal motor dessa divergencia os soffrimentos do povo com os vexames da parasitagem regia, e o desdem que ella mostrava acintosamente aos filhos do paiz.

A rainha D. Carlota que aborrecia o Brasil era chasqueada por seus adulteros amores attribuindo-se-lhe até a autoria do assassinato

(*) Don João VI, ao morrer, só em jóias deixou 22 milhões de cruzados.

(*) Representação dos commerciantes do Rio de Janeiro—Doc. authenticamente existente na Bibliotheca Nacional—Setembro ou Outubro de 1809. Aviso de 9 de Novembro de 1809.

de D. Gertrudes Pedra (*) por ciumes do seu marido.

Essa senhora dizia entre alegres exclamações quando de volta a Lisboa que em lá chegando certamente ficaria cega pois tantos annos vivera no Brasil na escuridão, entre negros e mulatos.

A prova do pouco amor do povo á realleza está no facto incontestado de quando se deu o embarque e ao saber o populacho que D. João VI mandára para bordo os cofres do Erario e o excesso das alfaias das Igrejas, enviou logo uma deputação ao commandante da Fortaleza de Santa Cruz chefiada pelo general Curado, intimando-o a não deixar sahir o navio sem que primeiro descarregasse as riquezas que transportava.

E aos magotes berravam pelas ruas os populares:

Olho vivo e pé ligeiro
Vamos a náu buscar dinheiro!

Ha um trecho curioso na citada memoria que vale a pena transcrever; diz o autor anonymo referindo-se a D. João VI: "se elle detestava os republicanos fazia o mesmo que fazem todos os coroados; não queria saber de constituições, dizia que soberanos constitucionaes herão reis de baralhos de cartas; quando Fernando VII acceitou a constituição (*hespanhola*) elle disse: está meu cunhado rei de copas...."



E foi entretanto esse mesmo principe quem, jurada entre espasmos de terror a Constituição de Portugal, e recebendo em face a lição que lhe deu a rainha sua mulher ao menos corajosa na repulsa ao que ella julgava uma humilhação para a realleza, desterrou-a para fora do Reino, em castigo desse crime, mostrando o fervoroso zelo pela carta que o tinham obrigado a outorgar ao seu povo!

Descrevendo o embarque da Familia Real

(*) D. Gertrudes Pedra era esposa de Fernando Carneiro Leão, tido como amante da Rainha.

Entretinha elle tambem relações intimas com uma viuva por nome Penna.

Em 1817 quando de volta da procissão das Dóres D. Gertrudes se recolhia á sua casa no Cattete o mulato Joaquim Ignacio da Costa—Orelha—desfechou-lhe um tiro no peito de que ella veio a fallecer. Instaurou-se um processo sobre o crime, mas não se sabe o que descobriram os magistrados; o certo é que por ordem superior foi posta uma pedra sobre os autos.

Appareceu então uma cantiga que terminava com o estribilho:

A Penna feriu a Pedra
E sobre a Pedra, pedra!

Joaquim Orelha desapareceu, só voltando ao Rio depois da independencia como capanga de José Bonitacio.

para o Brasil, diz o eminente historiador portuguez Oliveira Martins:

«Tres seculos antes Portugal embarcára cheio de esperanças e cubiça para a India; em 1807 (Nov. 29) embarcava um prestito funebre para o Brasil.

A onda da invasão varria deante de si o enxame de parasitas immundos, desembargadores e repentistas, peraltas e secias, frades e freiras, mosenhores e castrados. Tudo isso a monte, embarcava ao romper do dia, no caes de Belem.

Parecia o levantar de uma feira, e a mobilia de uma suja barraca de saltimbancos fallidos, porque o Principe Regente para abarrotar os bolsos das louras peças de ouro, seu enlevo, ficára a dever a todos os credores, deixava a tropa, os empregados, os criados por pagar.

Muita gente por indolencia recusava ir; outros preferiam o invasor ao bragança, que fugia miseravel e cobardemente; ao herdeiro de reis que jamais tinham sabido morrer, nem viver.

Napoleão estava burlado.

O principe D. João, a bordo, com as mãos nos bolsos, sentia-se bem, remexendo as peças de ouro, e contente com a sua experteza *saloia*, unica especie de sabedoria aninhada no seu gordo cerebro. Bocejava ainda; mas porque o enjão começava com os balanços do mar.

E' o que succede á historia, com os miseraveis balanços do tempo: vem o enjão encommo e a necessidade absoluta de vomitar.»

Tambem ninguem melhor que o mesmo historiador descreveu o typo de que damos no presente artigo quatro gravuras, feitas pelos melhores artistas da epoca, subsidio de valor ao seu futuro estatuario.

«Neste derradeiro representante do sangue bragantino appareciam vivos todos os caracteres da raça. Era necessario que ao extinguir-se a arvore desse o mais bem acabado fructo. Egoista e secco como D. João IV, tinha inclinações fradescas como D. João V; tinha a experteza soez e baixa de D. Pedro II e o plebeismo de Affonso VI, sem ser inteiramente idiota como fora o infeliz encarcerado de Cintra. Todas essas qualidades e por isso mesmo que as reunia todas, appareciam em D. João VI esbatidas e confundidas, sem nenhuma predominar, produzindo assim um typo complexo merecedor de louvores de alguns, egualmente digno do enjão de muitos.»

E' este bem D. João VI—o rei ao qual se quer erguer um monumento no Rio de Janeiro, commemorando serviços que não nos prestou.

Houve em sua *entourage* gente de algum valor que concorreu para introduzir no Brasil

melhoramentos innegaveis; as circumstancias da vinda forçada da Corte para o Brasil fizeram o resto. Já Araguaya o dizia, falando das queixas contra Napoleão e os seus excessos guerreiros, que o Brasil lhe devia um grande serviço: ter coagido a Corte a transferir-se de Lisboa para o Rio de Janeiro. E com essas palavras remontava elle á origem de nossos rapidos progressos no primeiro quarto do passado seculo.

Si comtudo se quizer argumentar como o fazem geralmente, dizendo que todos os serviços feitos pelos auxiliares da coroa, muitas vezes contra o sentir desta, se devem ao soberano que soube escolher esses auxiliares; si as glorias de todos os melhoramentos do Brasil cabem a D. João VI—o soberano de occasião a esse nullo typo de monarcha que conhecemos através de documentos e da tradição, eivado de vicios, tarado de defeitos, avaro, egoista, immundo, glotão, curto de intelligencia, sem qualidades que o recommendem mais que á compassiva benignidade, como um ente sem valor, então sobre elle devemos lançar tambem a tremenda responsabilidade dos crimes em seu nome praticados.

E contra o projectado monumento clama o sangue dos martyres de Pernambuco em 1817 victimas das sanhas do despotismo, que haviam ousado querer por terra.

Mais ainda.

Louca a rainha D. Maria, em 1792 assumiu o governo em seu impedimento o principe D. João. (*) Era elle portanto o responsavel pelo que se praticasse em nome da realza.

Pois bem! A conjuração de Minas—a Inconfidencia de 1789, só teve o seu sanguinoso desenlace em 1793. Si é verdade que as duas cartas regias que se encontram no processo são ambas firmadas pela Rainha, é preciso notar que mesmo a ultima que commutava as penas dos conjurados, lida em 20 de Abril de 1793, traz a data de Outubro de 1790.

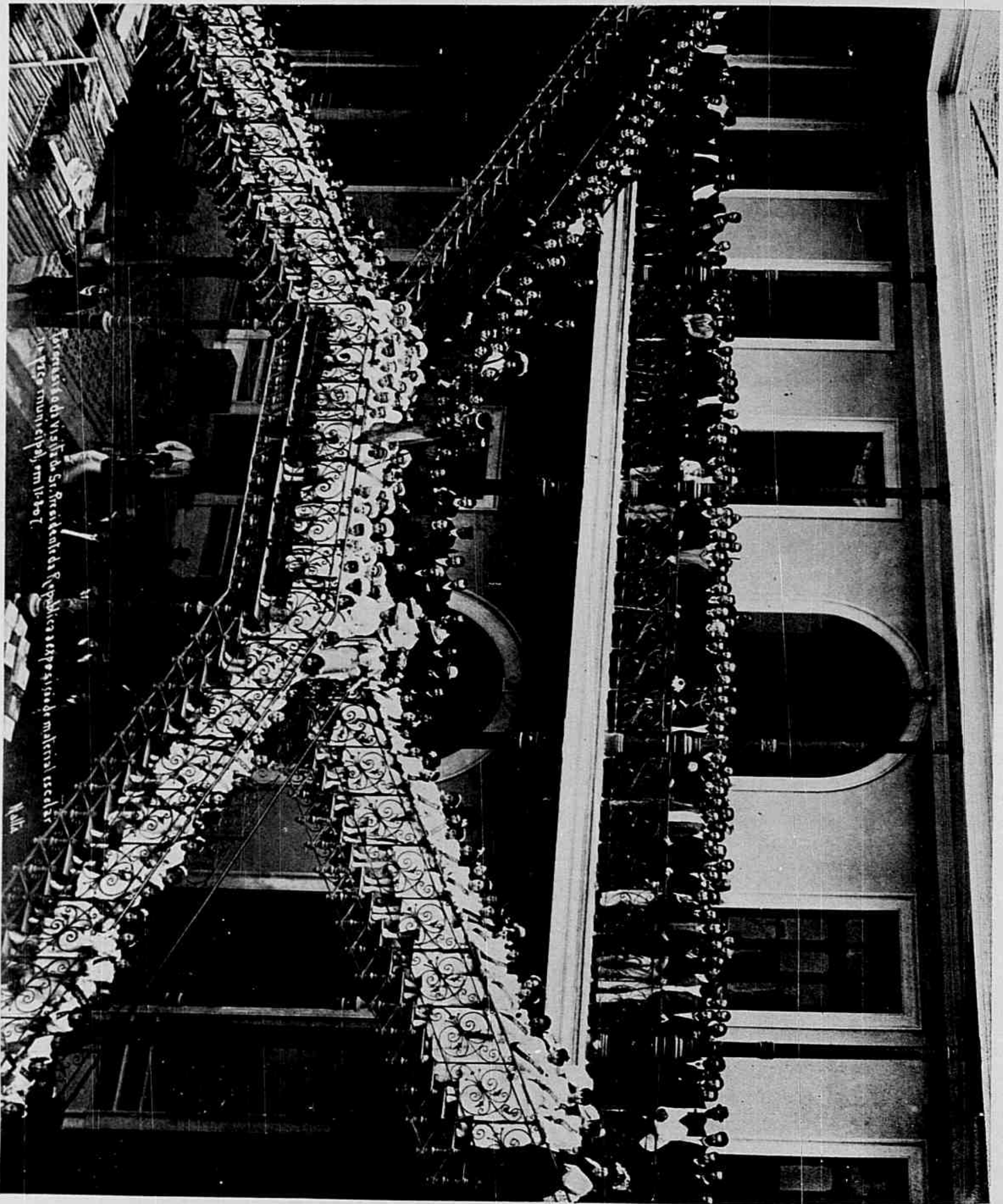
Desde um anno antes era D. João quem exercitava o governo; a elle pois a responsabilidade da barbara execução do inditoso mineiro.

E assim sendo, é impossivel que o Brasil que consagrou uma de suas datas festivas á commemoração do vulto republicano, nelle resumindo todas as outras victimas do despotismo, e que ainda não ergueu em uma das praças desta Capital um monumento ao protomartyr, concorra *agora* para a glorificação em estatua do assassino de Tiradentes!

gosto—1907.

M. B.

(*) D. Maria manifestou symptomas de alienação mental desde 1786 quando lhe morreu o marido; em 1788 com a morte de D. José, seu primogenito mais se aggravou o seu estado. Em 1792 D. João assumiu o governo em seu impedimento, e em 1799 foi officialmente declarado Regente.



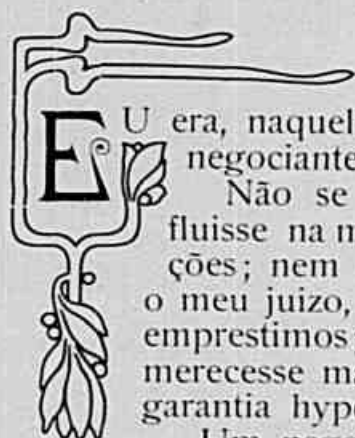
*Presidência da visita do Sr. Presidente da Republica a exposiçao de material escolar
na casa municipal, em Ilhó.*

M. A. M.

VISITA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA A PREFEITURA

DIVORCIADA

I



ERA, naquelles saudosos tempos, um negociante modesto e pacato. Não se pense que o cambio influísse na marcha de minhas transacções; nem os banqueiros aceitassem o meu juizo, relativo ao lançamento de empréstimos; nem a minha assignatura merecesse mais credito que uma solida garantia hypothecaria.

Um negociante de seccos e molhados, entregue aos lucros e ás perdas de vendas a retalho, não teria a pasmosa pretensão de discutir os altos problemas das finanças nacionaes, a origem da fortuna do marquez de Gerval, ou a quebra do nosso padrão monetario.

Limitava-me a conservar, como thermometro dos meus lucros commerciaes, a unanime sympathia dos freguezes, desfilando das seis horas da manhã ás nove da noite perante as mercadorias do estabelecimento.

Mãosinhas enluvadadas jamais offereceram ao balcão as honras de passageiro contacto; cartolas, panamás e chiles, mesmo em epochas das eleições mais disputadas, nunca me envaideram com ceremoniosos cumprimentos; e botinas elegantes, habituadas aos macios pelegos de automoveis e carros, teriam horror de visitar, em Santa Theresa, o humilde tecto do largo Guimarães em que eu, os saccos de arroz, as résteas de cebolas e outros numerosos artigos nos misturavamos familiarmente.

Ninguem diria que, sobrando-me talento para provar á famosa criada da viuva Fernandes a superior qualidade da manteiga mineira, me extiassem as producções de escriptores cujos versos derramavam na atmosphaera impregnada do cheiro de alho uma como doçura de vida sentimental, semelhante provavelmente á da sala das conferencias literarias no Internato dos Heroes.

Estavam ali, apertados entre garrafas de vinagre, muitos volumes de auctores celebres, com as paginas profanadas por nõdoas de banha de porco e transpirando a café torrado.

Nada se me dava que a minha vocação artistica, injectada de ambições commerciaes, deixasse de despertar o entusiasmo dos literatos, os elogios da imprensa, a sympathia das mães de familia e os sorrisos das senhoritas. Como as venerandas matronas admiram a alma dos poetas, enclausurada nas estrophes, e a dêtes-

tam, enjaulada nas responsabilidades de genro, assim as chloroticas senhoritas se enlevam com a harmonia dos versos, e, baixando o olhar sobre as cousas terrenas, evitam que entre o luxo dos vestidos e a magnanima pobreza do cantor surja a fragante desharmonia dos idéaes. Era por isso que, si a Phantasia me roçava pela frente as suas asas de fogo, a Realidade me calcava immediatamente sobre a cabeça a mão férrea, forçando-me á immobilidade, deixando-me com os pés ligados ao solo e com os pensamentos fitos nas prateleiras.

Compreende-se que um vendedor de seccos e molhados, embora escreva periodos de profunda philosophia e canções de lyrismo admiravel, embora seja profundamente honrado e admiravelmete trabalhador, nunca mereça dos jornalistas a consagração de grande artista da palavra, nem obtenha a inaudita felicidade de possuir a poeira das flores de laranjeira, conservadas duvidosamente pela viuva de um conde.

O philosopho que, morto de fome, com a sobrecasaca estragada pelos annos, aceitasse um ordenado para trabalhar a meu lado, perderia as honras de homem intellectual, merecendo a simples attenção de empregado de um modesto negociante. A espiritualidade de sua philosophia seria sordidamente devorada pela materialidade de seu emprego.

Não causaria, pois, admiração que, forçado pelas contingencias materiaes, me entregasse ao problema de occultar as minhas tendencias sentimentaes, adaptando-me á penumbra de humildade, explorando o proximo e pelo proximo sendo explorado. Era a lei do equilibrio.

Feria-me contudo a realidade da obscura profissão, incompativel com as finas etiquetas da arte, desprezivel á vaidade dos olhos femininos e indigna do apreço social.

As familias appellidavam-me o «rapaz da venda», e os que procuravam informações, relativas ao horario dos bondes, ou á residencia de qualquer burguez, se dirigiam ao «vendeiro da esquina». O meu nome de baptismo, José Pantaleão de Souza, nunca mereceu gentileza de ser pronunciado pela visinhança, como si a minha propria individualidade personificasse o pseudonymato.

Os freguezes preconizavam muitas vezes a superioridade de meu espirito, mas continuavam a julgar-me um simples interessado em cousas de dinheiro, merecendo-lhes grandes elogios por lhes dar abatimento no preço do sabão, ou inspirando-lhes qualificativos insultuosos por lhes vender, como de primeira qualidade, um producto de incontestavel inferioridade.

Arrastado entretanto por ambições de gloria, fazia-se-me intenso o desejo de ser conhecido, commentado e glorificado pelos pachorrentos

leitores da «Nascença» pelo fecundo auditorio do Internato dos Heroes e, sobretudo, pelas costureiras, habituadas a ouvir estrellas á meia noite por falta do gorgoeio de quaesquer passaros á luz d'alvorada.

Adveio-me d'isso um incomparavel nôjo ao «Armazem Celestial», que assim era denominado o meu estabelecimento.

Por força dos deveres profissionaes, que me coagiam a abolir o uso do paletot e colete, a pezar kilos de xarque, a embrulhar littros de farinha e a revelar em cada acto a indecencia de minha posição, sentia-me ferido na vaidade de homem intelligente, destinado a agir n'um plano mais alto e a conviver com pessoas conceituadas. E, ao passar dos dias, comecei de nutrir uma profunda antipathia á criada da viuva Fernandes, aos empregados das casas visinhas e aos numerosos freguezes.

Eu ambicionava relações com distintos cavalleiros do bom-tom, acariciados no mundo da politica, das finanças, artes e industrias. E, embora reconhecesse o orgulho do marquez de Gerval, a nullidade artistica do Pedro Honorio, a insignificancia politica do Senador Laranja, a desfarçada pobresa do commendador Melgaço e a immoralidade de madama Lucrecia, não me esquecia de lhes enviar um interminavel cumprimento, visto que, aos olhos dos transeuntes, a minha submissa e profunda saudação revelava os laços de amizade que me uniam a respeitaveis personagens, enlevados voluptuosamente nas delicias dos salões elegantes. Si o marquez era orgulhoso, si o poeta era ridiculo, si o senador era inutil, si o commendador era mendigo e si a madama era immoral, certamente esses predica-dos não os empurravam pelos degraus abaixo da escala social, porquanto ostentavam sempre as apparencias de dominadores, esmagando com um gesto de aristocracia a timidez das criaturas humildes.

Vendo-os assim, em exuberancia de magnificencia, augmentava-se-me a tortura de minha forçosa modestia, encurralada entre as mercadorias, ao passo que me crescia a ancia de apparecer ao grande publico, ao vistoso publico dos concertos, do lyrico, dos banquetes e das conferencias. Parecia-me extremamente justa a aspiração de conquistar as alturas e, si o cheiro de paraty, pimenta do reino, ou mantas de carne do Rio Grande, denunciasses a despresivel origem de minha profissão, sobrava-me bastante calma para me dar apparencias de burguez insolente, rebelde aos preconceitos, superior ao sarcasmo dos commentarios, habituado á ostentações de riqueza e ao despreso de conveniencias. Alem d'isso, eu estava na possibilidade de substituir os aromas «Ideal» ou «Inspiration» pelos de comestiveis, por quanto poderia justificar esse acto com innumerous exemplos de commendadores e barões que, nascidos na po-

bresa de despresiveis quitandas, falleceram no confôrto de excellentes palacios.

O meu caracter, n'uma tendencia irresistivel para a amizade de individuos aliamente collocados, ainda não havia soffrido os duros embates da hypocrisia social, d'essa mysteriosa hypocrisia, collada ao rosto dos aristocratas que, apreciando almoços de banana e farinha, assim como jantares de feijão e carne de porco, ostentavam publicamente um luxo glorioso, alimentado por negocios immoraes e contractos escandalosos. E, porque o terror de gastar o producto da liquidação do «Armazem Celestial», me forçasse a persistir na vida commercial e me impedisse de conviver com as celebridades politicas e literarias, o meu pensamento continuava a oscillar covardemente entre as prateleiras sortidas de seccos e molhados e as estantes desfalcadas de romances e poesias.

Fatigado de tanto pensar sobre as incertezas do futuro, resolvi-me de subito a vender o estabelecimento.

Foi então que entre mim e o marquez de Gerval surgiram as relações de amizade, sendo eu lançado ao mundo das finanças por força de nossas combinações intimamente lucrativas.

Antes que nos ligassemos pela sinceridade de sentimentos, parecia que o titular dissimulava um intimo desgosto de atravessar as ruas em minha companhia, como si o meu passado de «vendeiro da esquina», lhe manchasse a vaidade de director de banco.

Era-me absoluta a certeza de que si conhecesse a modestia de minha fortuna, me tractaria do alto de sua vaidade, fechando-me com delicada frieza a porta do escriptorio. Procurei, pois, apparentar excessos de grandeza, referindo-me a largas transacções, engendradas phantasticamente nas horas de minhas barbaras insomnias. E, dominando lhe e espirito, pude galgar uma posição respeitavel na sociedade, visto que elle e eu haviamos obtido os resultados de esplendida operação bancaria que, dando-nos lucros fabulosos, arruinara virtuosos pais de familia, magras viuvias e gordos commerciantes.

Desde esse momento, calcada na solidez dos nossos capitaes, perpetuou-se a solidez de nossas amizades.

II

Mendes, cortada pela estrada Ferro Central do Brazil, possúe limitado numero de casas, situadas nas proximidades de altos morros cuja temperatura secca e fria robustece os depauperados organismos. Goza-se uma vida de costumes patriarchaes, despida de preconceitos e alegrada pela doçura dos dias claros, frescos e cantantes.

O sol doura a vegetação rasteira, n'uma



Ora, na calma de uma d'essas noites, com o luar convidativo a proloquios amorosos, senti o violento desejo de penetrar no coração de Linda, possuindo-me da audacia de um soldado chinês assaltando um castello de papelão. Eu pensava d'esse modo porque, após o golpe de morte vibrado por minha esposa em nossa lastimavel honra matrimonial, imaginei descobrir em cada mulher uma brecha por onde seriam escaladas as frageis muralhas do pudor e da timidez, arrasados pela força de juramentos pérfidos e promessas artisticamente enganosas.

E, durante horas, entrei a estudar a probabilidade de uma conquista, a occasião propicia a maliciosos sorrisos, acompanhados de uma phrase vagamente significativa, seguida de um rápido e inesperado movimento de minha mão em sua mãosinha e, por ultimo, conforme as consequências d'essas primeiras escaramuças, desfechar a scena com a ousadia de um beijo, ou de um abraço, ou, melhor, com ambos.

Essas idéas esvoaçavam-me dentro d'alma como um bando de borboletas espantadas dentro de um jardim.

E, cerrando as palpebras, entre adormecido e acordado, parecia-me ver a minha esposa no pincaro de um monte donde me empurrava com uma colera brutal, rolando por ladeira abaixo o meu corpo e caindo macia e voluptuosamente nos braços de Linda.

IV

Depois que o criado me serviu de café, resolvi-me a escrever uma carta que, com a liberdade de minhas intenções, occasionasse a nossa completa harmonia ou o golpe de um rompimento decisivo:

«Linda

Desta janella, descerrada para o oriente, contemplo o verde da montanha, o azul do firmamento, o roixo das flores, a amarellada folhagem e o escuro de um despenhadeiro.

A tinta verde, que symbolisa a esperança, convida-me a subir pela alta montanha de cujo cimo o olhar desvendaria um soberbo panorama, aformoseado pelos tons azues do ceu despido de nuvens, alagado de luz, de muita luz.

Animado por uma palavra de ventura, eu quisera galgar as difficuldades e alcançar o paiz do amor, que é tão longe para os infelizes, tão longe para os naufragos do coração, tão longe para os sedentos de felicidades.

É basta um sorriso desfolhar-se gentilmente de teus babios para surgir á meus olhos essa região de eterna alvorada em que as aves, como illusões cantando-me n'alma, desprendem alegres trinados dos beiraes dos ninhos; em que as florestas, como milhares de felises sonhos enchendo de praser as horas de somnos, transbordam de canticos e hymnos; e em que os

perfumes selvagens, como os aromas da epiderme feminina embriagando os sentidos, despertam n'alma do viajante a delicia de viver.

Mas, desta janella, vejo tambem aquellas flores roixas, em expressão de agonia; mais além, oscillam as folhagens amarellas, em destaque evocativo de desesperos; e, ainda mais ao longe, descubro a escuridade de um despenhadeiro, suggerindo-me a idéa de morte. São elles, o amor e a morte, que soffregamente percorrem o mundo, na vertigem de uma carreira sem termos, impavidos e soberanos.

Estamos, porem, em clara manhã de maio: os raios do sol broslam de ouro as velhas arvores copadas; as aves proclamam, em vibrações harmoniosas, a felicidade da existencia; as ventanias espalham pela terra as sementes fecundas; e uma larga expansão de vida derrama-se por toda a parte victoriosamente.

É a lei universal da transfusão dos seres em outros seres, embriagados de volupias, de essencias e de claridades.

E, lá n'um recanto obscuro, descendo pela montanha e refrescando as plantas, um regato desliza de brando por sobre as pedras, enchendo de vozes a calma ditosa da natureza.

Ha tambem corações cujos sentimentos possuem poderosas raises que, desvairadas de sede, procuram outros corações, em lusca da agua do amor. É a agua lustral, pura e vivificadora, que minh'alma, febrilmente sedenta, te supplica, ajoelhada a teus formosos pés e beijando-te as mãos delicadas.

José Pantaleão.

Suspendi então a penna, sem coragem de assignar José Pantaleão de Souza. O meu nome, desde que não fosse escripto por estenso, parecia-me causar sempre uma impressão de anonymato, ou pseudonymato, ou, no minimo, de rasteira vulgaridade. E, embora certo de um effeito galhofeiro, produsido pelos dois vocabulos «José Pantaleão», ali os gravei resolutamente, lançando ao desprezo aquelle «Souza» que me dava a idéa de pertencer a qualquer vivente, sobretudo de progenitores desconhecidos.

Fôra-me grande, porem, o esforço de transvasar n'uma carta a minha febre que ainda se me fez mais intensa pelo intimo desejo de revelar a potencia de meus dotes artisticos, postos em jogo n'esse lance de verdadeira audacia.

Eu pensava que a gloria litteraria consistisse em suggestionar a leitora, dominada pelos fluidos das phrases e submettida passivamente á minha vontade. Desde que ella fosse rebelde, ficar-me-iam para sempre destruidas as aspirações de celebridade. Si ha romancistas cujas historias fasem chorar; si ha poetas cujos versos fasem gemer; deveria tambem haver mis-

sivistas cujas cartas fisessem amar. Era este o meu caso.

Senti então um profundo terror de entregar á Linda aquella folha de papel que, sendo-me devolvida, me causaria um abalo mortal, inspirando-me ainda maior desprezo ao sexo feminino e convencendo-me da incapacidade de ser comprehendido e sentido por uma viuvinha encantadora. E, analysando as provaveis consequencias d'esta primeira investida, gastei as horas do dia em passeios por logares solitarios' evocando no silencio da matta as perfidas imagens de minha esposa e do proprietario da "Venda dos Dois Continentes."

E á noite, depois de ter sido mais uma vez vencido por Linda na partida de bilhar, premeditei partir no dia seguinte para o Rio de Janeiro, dando-lhe tempo suficiente de estudar a resposta á amorosa missiva que, continuando

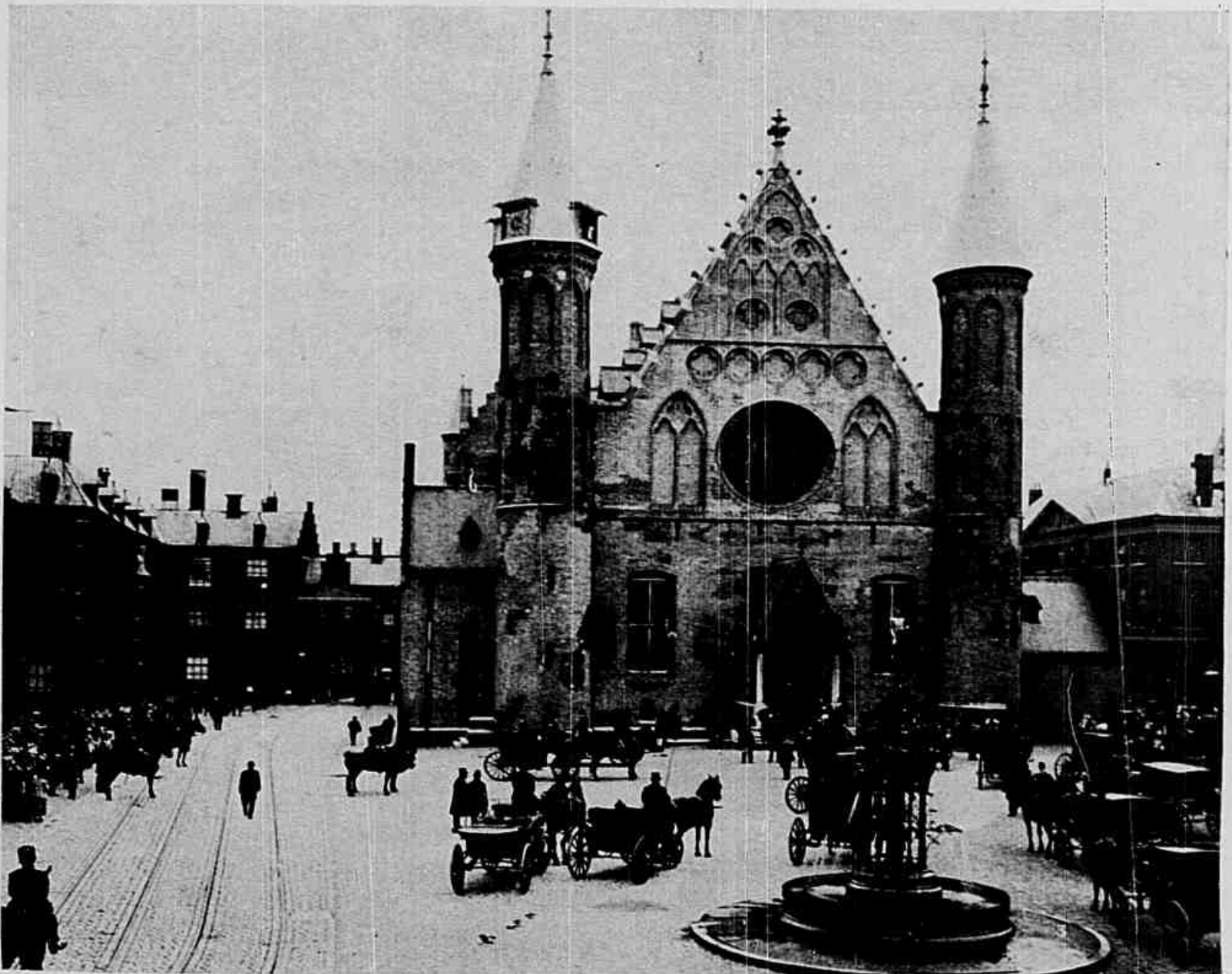
guardada no bolso de dentro do paletot, parecia ter o pezo de um remorso trancado n'uma consciencia.

Foi, pois, ás cinco horas da manhã seguinte que, passando por defronte do quarto em que ella estaria a dormir e a sonhar, me baixei com extraordinario cuidado e, collocando a carta por debaixo da porta, impelli-a vigorosamente, ouvindo-se em seguida o rumor de objecto a deslizar por sobre o soalho.

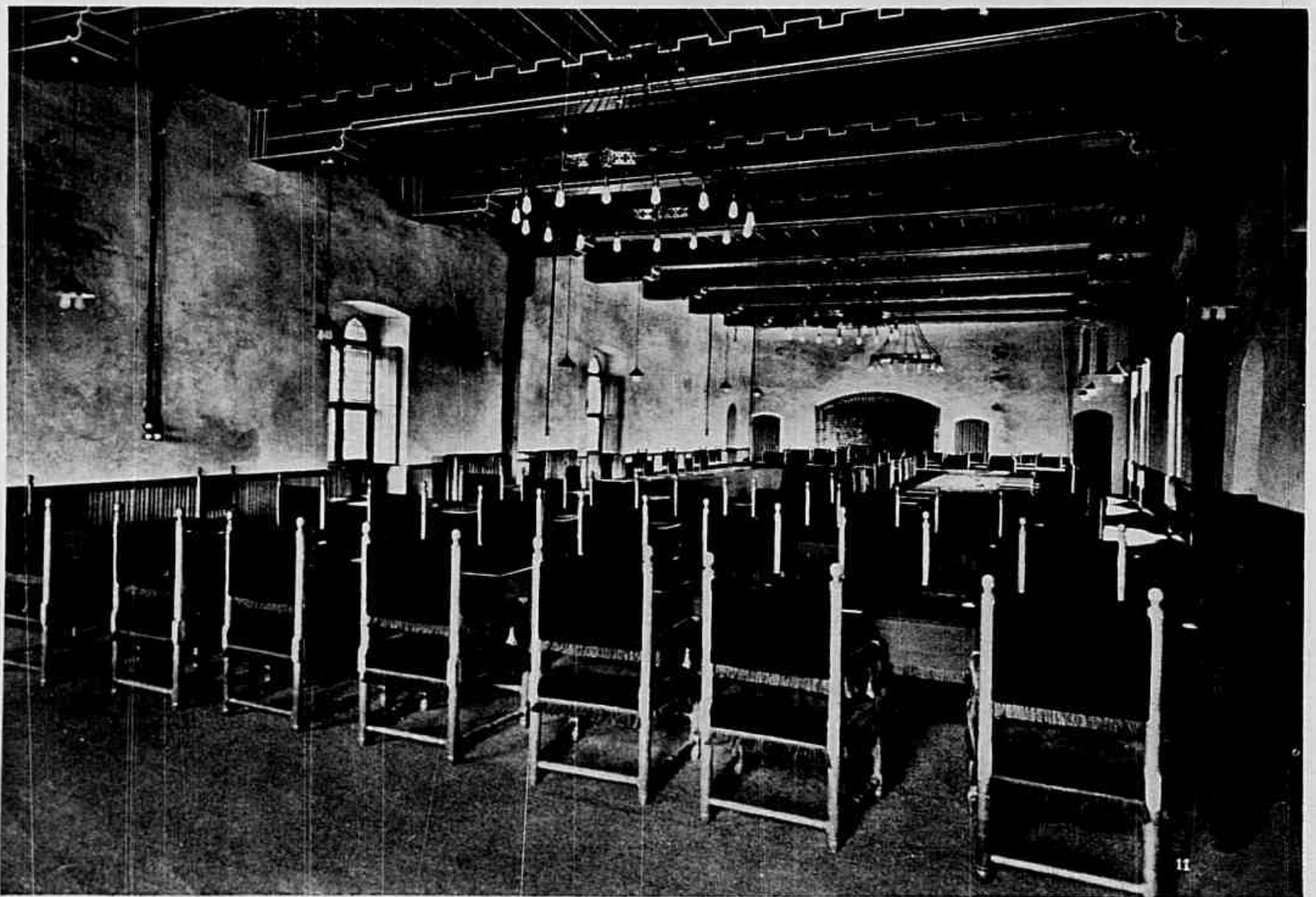
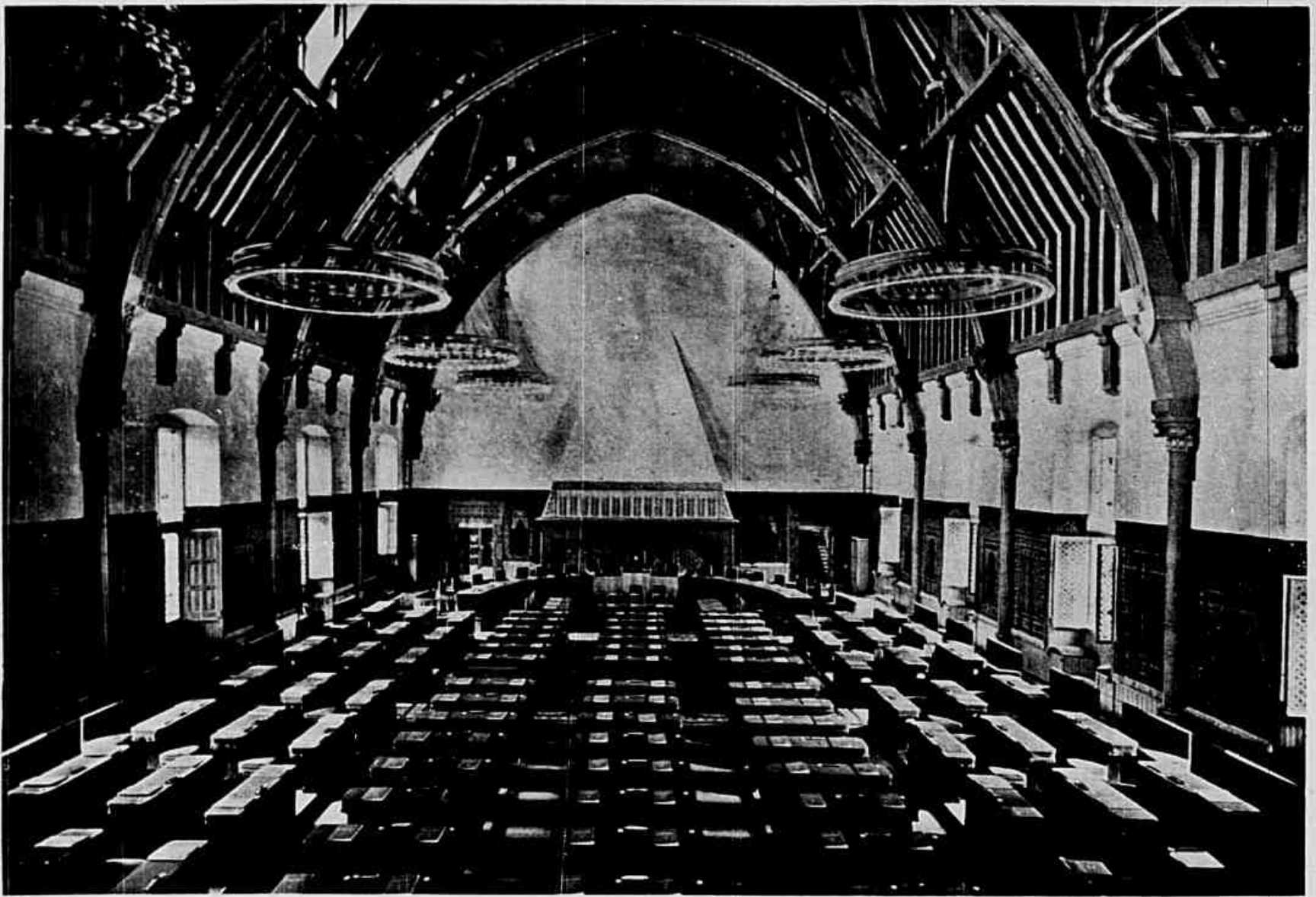
Ergui-me rapidamente, medroso de ter sido visto por algum vulto importuno e, a passos rapidos, alcancei o bonde, sentindo-me ansioso de chegar á estação de Mendes, entrar no vagão da Central do Brazil, desembarcar na Capital e, á tarde, voltar em busca de uma derrota ou de uma victoria.

CUNHA MENDES

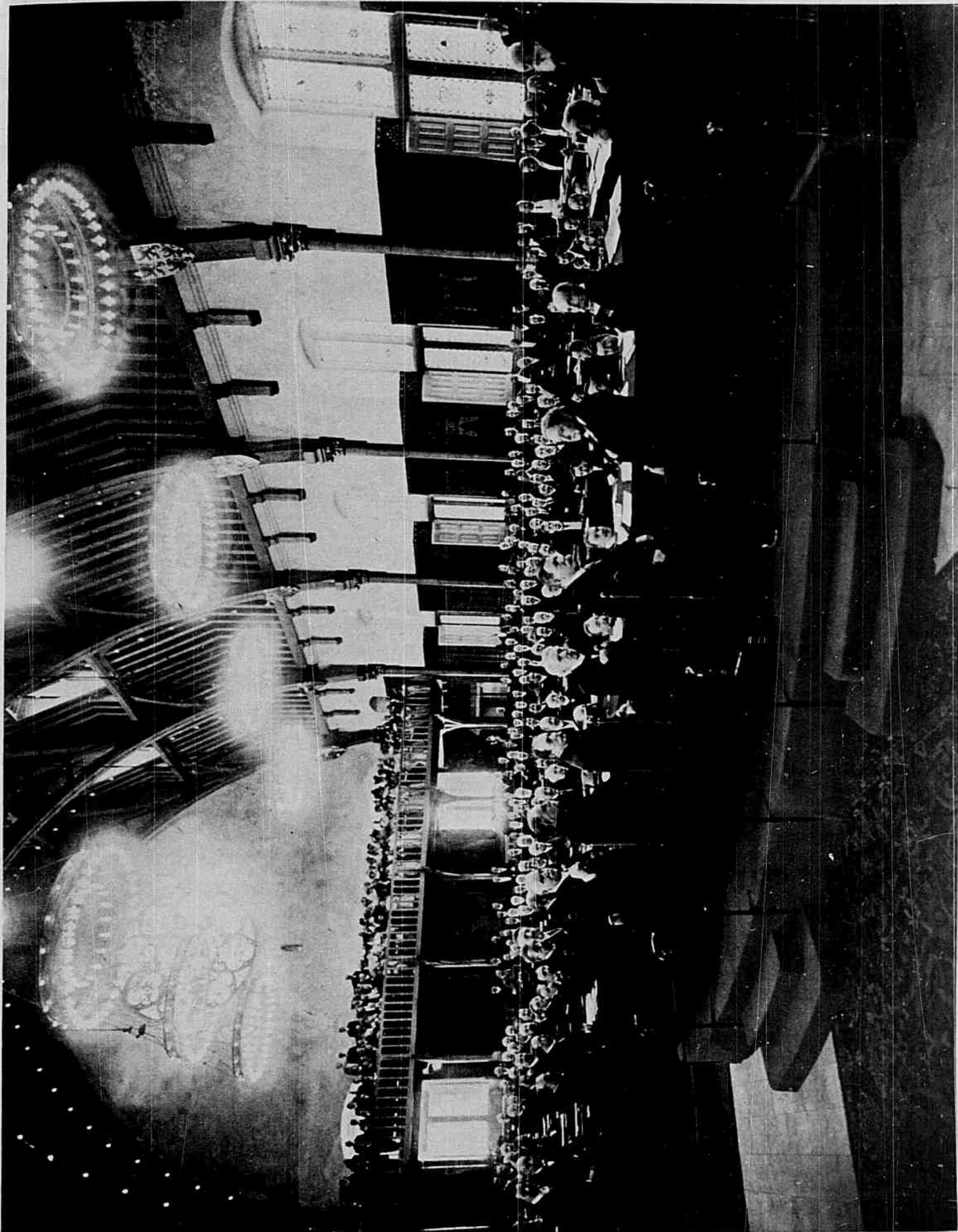
Continua



O EDIFICIO EM QUE FUNCIONA A 2ª CONFERENCIA DA PAZ EM HAYA



SALAS DAS COMMISSÕES



A CONFERENCIA EM SESSÃO PLENA - NO GRANDE SALÃO

UM GRANDE GUERREIRO

E

UM GRANDE DIPLOMATA

QUANDO alguém fala nas *conquistas da paz*, ha muito quem veja nisso apenas uma metáfora. Uma metáfora bonita; mas emfim uma simples figura de retorica.

Em todo cazo, mesmo admitindo que por meio de convenções, tratados, negociações diplomaticas, seja possível que uma nação obtenha certas vantajens, o que alguns dos que não creem na evolução para a paz dizem é que nunca se viu nação alguma constituída exclusivamente por meios pacíficos.

É verdade, ou quazi verdade...

Quazi verdade porque a recente separação da Noruega foi, de fato, a constituição ou pelo menos a reconstituição de um estado por meios inteiramente pacíficos. Um acontecimento dessa ordem seria difícil em outros tempos.

Mas nada ha de admiravel que todas as nações atuaes tenham uma tradição de lutas guerreiras, porque todas ellas se constituíram em tempos em que a força primava o direito; mas primava de um modo absoluto. Já não é exatamente o que hoje acontece. É verdade que estamos ainda lonje do rejimen do puro direito. Mas as guerras vão diminuindo de ferocidade. Vão tambem diminuindo de frequencia. Quem percorre a historia de todos os seculos até o seculo 17 e mesmo um pouco adiante, vê que o estado de guerra era permanente. Quando uma nação parava, outra começava. De um modo geral, tomando-se qualquer data até aquelle seculo, póde-se afirmar: neste ano estava travada uma guerra entre taes e taes nações. Havia sempre, em curso, ao menos uma!

Agora, entretanto, longos anos se passam sem que as nações civilizadas se empenhem em luta alguma. As tres ultimas grandes guerras—Hespanha e Estados Unidos, Inglaterra e Transvaal, Russia e Japão—foram circumscritas a essas nações e separadas umas das outras por periodos de paz.

Mas emfim, para fazer uma prova brilhante do que alcançam os recursos da diplomacia e do quanto são ás vezes falazes as conquistas da guerra poder-se-ia tomar, para exemplo, um grande guerreiro e um grande diplomata.

Passaram de moda, ha muito tempo, os paralelos historicos. Realmente elles nada provam, mórmente quando se tomam um pouco ao acazo os dois vultos cujo confronto se empreende. Mas ha figuras típicas, figuras que sintetizam

grandes categorias. Napoleão é evidentemente uma dellas. Quem menos saiba de historia, sabe que elle conquistou grande parte da Europa. Fala-se com assombro na epopéa Napoleonica.

Que rezultou della para a França? Nada. A guerra fez a sua grandeza em um dia, desmanchou-a no dia seguinte. Venceu: um tropel de batalhas atravez de toda a Europa, cidades e paizes conquistados, milhares de existencias perdidas. Mas veio emfim uma batalha a mais —e porque um general não chegou a tempo para impedir uma manobra do inimigo, todo o esforço colossal de anos de luta, anulou-se inteiramente. Waterloo, por si só, apagou centenas de combates...

...mais un jour de bataille,
ne pouvant plus mordre ses freins,
moourante, elle tomba sur lit de mitraille
et du coup te cassa les reins.

Em face desse quadro—o quadro do guerreiro por excelencia—valeria a pena por o de um diplomata, que só pelo trabalho de gabinete, calmo e sereno, só pelo estudo, houvesse feito para o seu paiz algumas conquistas dignas de nota.

Esse diplomata, o Brazil o pode apresentar. Porque elle está vivo; porque isso torna confundivel com a lisonja qualquer calma apreciação dos seus atos, vale a pena limital-a a uma questão pozitiva.

Que foi que Napoleão deixou á França, de todas as suas conquistas?—NADA!

Que foi que o Barão do Rio-Branco deu ao Brazil com as negociações sucessivas de Missões, do Amapá, do Acre e da Colombia?—Uma extensão de territorio MAIOR QUE A FRANÇA.

É interessante comparar, diante de um mapa geografico essa extensão com a de varios paizes. Por si só, ella é superior á superficie:

- da Abissinia;
- do Afganistan;
- da Alemanha;
- da Republica Argentina;
- da Austria-Hungria;
- da Belgica;
- de Costa-Rica;
- da Dinamarca;
- da Republica Dominicana;
- do Equador;
- da França;
- da Grecia;
- de Guatemala;
- do Haiti;
- da Hespanha;
- da Holanda;
- de Honduras;
- da Inglaterra;
- da Italia;



- do Japão;
- da Noruega;
- de Nicaragua;
- do Paraguay;
- de Portugal;
- da Roumania;
- de S. Salvador;
- da Servia,
- da Suecia;
- da Suissa;
- da Turquia;
- do Uruguay.

Para que se veja bem, por uma comparação grafica o que valem as aquisições do Barão do Rio-Branco, vae adiante o confronto entre as superficies da Inglaterra, da Alemanha, da Alsacia-Lorena e do que a diplomacia do Barão do Rio-Branco tem conquistado para o Brazil e que se decompõe assim:

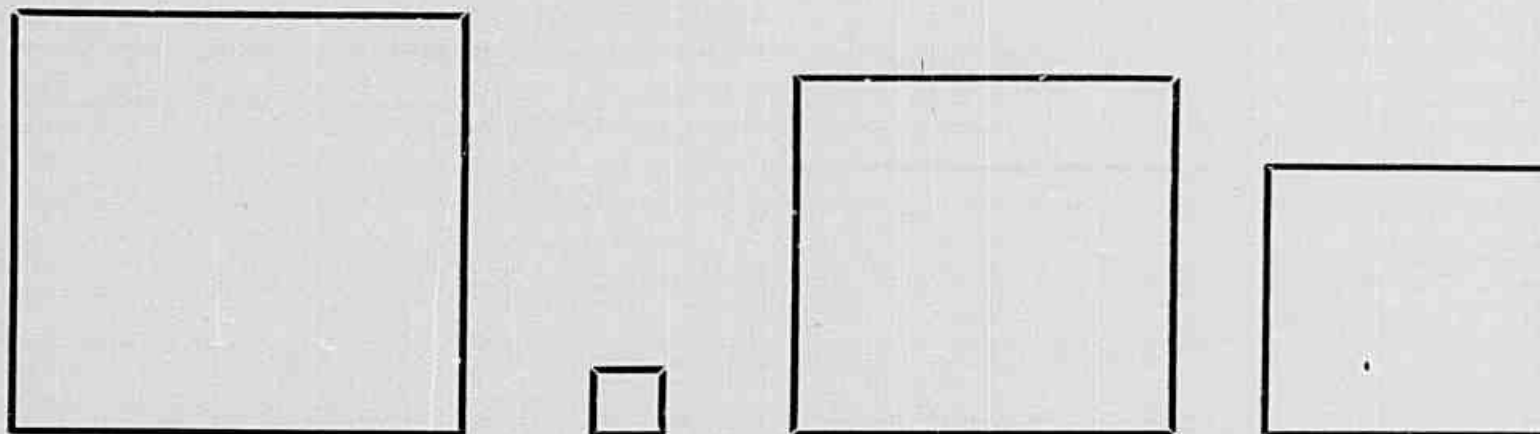
- Missões.	30.621 km.2
- Amapá	400.000 km.2
- Acre.	191.000 km.2
- Colombia.	120.280 km.2
Total	741.901 km.2

A Alsacia-Lorena está nesse quadro, porque ella serve para pôr em destaque a natureza das aquisições feitas pelo Brazil. É, sobretudo, por cauza daquelle minuscuro pedacinho de territorio que a Europa inteira está em armas, ha mais de trinta anos. A conquista ou a perda

de colonias remotas não tem a importancia da dos territorios contiguos ao territorio propriamente nacional,—territorio, onde está a séde, o *coração* da nacionalidade. A colonia é uma «couza», um «objeto», suscetivel de ser dado, trocado, arrendado ou vendido. O territorio do proprio paiz é, por assim dizer, carne e sangue de cada nação. Ai qualquer mutilação é dolorosa, qualquer aumento glorioso. A vantagem das vitorias diplomaticas que temos obtido é que ellas tem ido acrescendo o territorio nacional, alargando-lhe os confins, não com terras distantes e selvajens, mas com terras ligadas ás nossas, incorporadas ao nosso patrimonio, intimamente, indissoluevamente.

Qualquer insistencia neste confronto arriscar-se-ia — ainda uma vez se pôde repetir — a parecer uma lizonja. Mas o curiozo, si a nossa estatistica o permitisse, seria pôr, lado a lado, a obra dos dois Rio-Branco — o autor da lei de 28 de setembro e o filho. Valeria a pena saber qual foi a natalidade dos filhos de escravos de 1871 a 1889 — largo periodo de 18 anos, e pensando que elles, durante esse periodo, só por cauza daquelle lei naceram livres, mostrar, que si um dos dois estadistas deu ao Brazil uma extensão territorial igual à de grandes nações da Europa, o outro já lhe tinha dado cidadãos livres em numero superior ao que começou o povoamento de muitos paizes do mundo.

M.

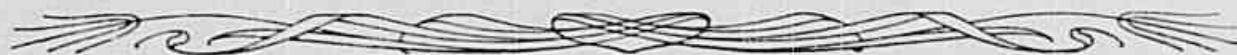


O que a diplomacia do Barão do Rio Branco tem adquirido para o Brazil. 741.901 km.

Alsacia Lorena 14.513

Allemanha: 540.658 km.

Inglaterra: 31.950



O Aranhão da Escola

O escandalo que precedeu á abertura do *Salão* deste anno pertence ao registro das chronicas, é de natureza a não ser esquecido.

Pelo regulamento da Escola Nacional de Bellas Artes o director desse instituto deve convocar, com prévio annuncio, a reunião de todos os que pretendem expôr para eleger os membros do jury de admissão e recompensas. Mas, segundo o que se diz e é acreditavel porque essas cousas raramente são falsas, pretendendo certa parte da corporação daquelle instituto distribuir a sua graça a quem lh'a conquistara por sympathia, o director fez vista grossa sobre o regulamento e, muito em compadrio, realisou a *eleição* arranjando dois affeioados seus para o jury.

Os expositores, porém, e com elles os alumnos que concorriam ao premio de viagem, engasgaram-se com o arranjo e logo protestaram contra o caso singular, e dahi resultaram espartas ou esquadras explicações, tristemente publicas, troca de officios entre auctoridades competentes, contestações e provas, que levaram o Sr. Ministro do Interior e justiça a proceder com a energia necessaria á questão.

A solução do caso estava, como era claro, na renuncia *voluntaria* dos dois *eleitos* por camaradagem. E assim foi.

A' primeira vista isso parecerá uma questuncula corriqueira, já algum tanto sedicã. Mas se me dão licença, eu direi que o caso é mais um symptoma dos vicios que corróem aquella instituição, vicios inherentes ao seu funcionamento e á sua propria estructura.

Ha muitos annos, foi isso no roceiro tempo d'El-Rei D. João VI, a discordia, a malquerença, a intriga, alli appareceram com a indebita intervenção do visconde de São Lourenço nas cousas da Academia. De então por diante aquelles males não mais cessaram de influir na vida administrativa do instituto. E, em 1857, o governo imperial compellido pelos constantes e sequentes reclamações e luctas, resolveu cortar o mal pela raiz afastando da sua direcção os profissionaes. Assim, naquelle anno, foi escolhido para o cargo de director da então Imperial Academia de Bellas Artes o Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

Esse Dr. Thomaz Gomes era um distincto medico do paço imperial, formado em Montpellier. Apesar de homem de sciencia, professor da Escola de Medicina e reputado clinico, dava-se ás bellas-lettras sem ser estranho ás suas irmãs, dellas letras, que são as Bellas

Artes. Por fallecimento do Dr. Thomaz Gomes e pelos mesmos motivos, que prevaleceram na sua escolha, foi nomeado o conselheiro Antonio Nicolau Tolentino, em 1874.

O genio bondoso, conciliador e o trato delicadissimo desse conselheiro não conseguiram impedir o progredimento daquellas tres pragas, ás quaes já me referi e que alli entraram com o artista Simplicio pela protecção do Exmo. Sr. Francisco Bento Maria da Silva Targini, o nomeado visconde de S. Lourenço. Apanhando a morte, por sua vez, o bondoso conselheiro Tolentino, veiu substituí-lo o Sr. Dr. Ernesto Gomes Moreira Maia. No em tanto nem o Dr. Thomaz Gomes e conselheiro Tolentino, nem o Dr. Maia, tiveram forças ou meios para extinguir as pragas.

Em fins de 1887 o descontentamento lavrava pela maioria dos estudantes da Imperial Academia. Mas, esse descontentamento, provinha mais directamente da organização absolêta do regulamento do que, propriamente, das suas nugas e quizilas, a que estavam acostumados todos os artistas daquelle tempo. A indole pacifica e affectiva do Sr. Maximiniano Mafra, prestimoso e por varios serviços benemerito secretario da Academia, encarregava-se de remediar os damnos causados pelas intrigas, despeitos e invejas, que alli reinavam.

Urgia, entretanto, remodelar a instituição, dar-lhe um regulamento de accordo com a época moderna, refundir os seus moldes, e inutilisaraquelle compadrio humilhante. E em prol dessas ideias a mocidade academica levantou-se combatendo o estacionarismo e catturice da Academia.

A proclamação da Republica, em 1889, veiu trazer largas promessas a essa mocidade. Pensaram todos que a mudança do regimen governativo implicava reforma radical na vida das nossas instituições, e como era preciso cada qual concorrer com a sua intelligencia e actividade para melhorar o quanto pudesse ou estivesse nos limites do seu saber, tres artistas, os Srs. Montenegro Cordeiro, Decio Villares e Aurelio de Figueiredo, apresentaram ao Ministro do Interior um projecto de organização do ensino das bellas artes, algum tanto calcado nos principios da escola comtista, mas innegavelmente utilissimo e sério, dado que elle soffresse pequenas modificações.

Não só a titulo de curiosidade como necessario ao assumpto vou transcrever esse projecto.

Ante, porém, de o fazer, devo dizer que em quanto aquelles artistas, sendo o primeiro positivista orthodoxo, o segundo meio positivista por fantasia e o terceiro nem «carne nem pei-

xe», como diz o povo e cuja significação é corrente, confeccionavam o proveitoso plano de reforma, outros artistas, entre os quaes os mais laureados da nossa arte, taes são os Srs. Rodolpho Amoedo e Rodolpho Bernardelli, iam trabalhando em outro projecto, orientados pelo ensinamento official das Academias da Europa, particularmente de Pariz.

Vamos ler o projecto Montenegro. E' um documento de meditação, e inspirado na verdadeira base do ensino democrata.

«Considerando—assim começa:

1º Que o Governo da Republica tem manifestado, pela energia e segurança de muitos dos seus actos, sinceros desejos de corresponder patrioticamente a todas as necessidades sociaes que determinaram o seu glorioso advento;

2º Que é um dos elementos fundamentaes e indispensaveis do bem publico a diffusão, em todo o paiz, do ensino das artes, como meio, e dos mais efficazes, de erguer o nivel moral do povo, offerecendo, ao mesmo tempo, a todos que forem dotados da capacidade esthetica, ensejo de aproveitarem-n'a em beneficio da Patria;

3º Que jámais se obterá tão elevado intuito com o regimen mantido durante o *Imperio* que, monopolizando o ensino das artes na Capital, constituia um ataque odioso á Liberdade, porquanto, só os ricos e protegidos das ex-Provincias podiam vir dedicar-se aos referidos estudos;

4º Que a base desse monopolio é a Academia de Bellas-Artes — instituição caduca e retrograda—só prejudicial á sociedade e aos artistas e fatalmente condemnada:

I—porque a sua importancia torna-se flagrante quando se compara a somma immensa por ella consumida, desde a fundação até hoje, com a proverbial e geralmente lamentada pobreza e injustificavel atrazo das artes plasticas entre nós;

II—porque conservou as artes em tão grande abatimento e desprestigio que os raros artistas que surgiam, ficavam deslocados na sociedade, sem destino util e proveitoso, á mercê do acaso e expostos a todos os vexames e graves inconvenientes da venalidade;

III—porque este estado de cousas incutia no publico tal desconsideração pelas artes plasticas que era motivo de justo desgosto para uma familia o perceber em um dos seus filhos vocação para taes artes.

5º—Que, sendo organico o vicio de tal instituição, é inutil pretender corrigil-a com reformas illusorias e superficiaes porque serão fatalmente ephemerass;

6º—Que a condição essencial para a digna existencia e fecundo desenvolvimento das artes é a plena liberdade concedida, não só aos artistas como aos aspirantes á esse titulo;

7º—Que em todos os tempos os grandes mestres das artes se formaram por criteriosos exercicios feitos livremente, sob o regimen de uma digna imitação, nos *ateliers* dos verdadeiros artistas;

8º—Que a arte, tendo por fim supremo cultivar em nós o instincto do aperfeiçoamento, impõe a todo o governo bem esclarecido e realmente preocupado com a regeneração do povo, o dever de estendel-a a todas as classes e idades, o que só será obtido por meio da diffusão do ensino nas escolas publicas em proveito da infancia e pela manutenção de museus permanentes por todos os Estados confederados em proveito dos adultos;

9º—Que o governo resolverá este inadiavel problema, aproveitando todas as forças existentes com utilidade geral e de modo mais simples, concedendo pensões aos estudantes de pintura e esculptura que, offerecendo as competentes provas de moralidade, se mostrarem habilitados, em prévio concurso, a leccionar os rudimentos destas artes, nas differentes escolas publicas de ambos os sexos que lhe forem designadas;

10º—Que muitas vantagens dahi resultam para a Patria:

I—Corresponder o governo á necessidade urgentissima de popularisar os rudimentos das artes, sempre grandes onus para o Estado, sem os males fataes das academias com suas corporações de especialistas estreitos, e sem desviar as crianças dos demais estudos.

II—Offerecer inteira liberdade aos aspirantes ás artes que aprenderão como e quando lhes convier, com o professor que lhes inspirar confiança, e sem sujeitarem o caracter aos corruptores processos do regimen academico.

III—Garantir aos mesmos uma posição na sociedade, honrosa e aproveitavel, incutindo-lhes a dignidade que resulta do emprego da actividade em um trabalho reconhecido util e honesto, ao mesmo tempo que os afastará das seducções e perigos da ociosidade, permittindo-lhes mais commodamente proseguirem em seus estudos.

IV—Preparar tambem os professores e professoras das escolas publicas em taes materias, pois, devendo elles presidir as aulas artisticas, irão se preparando, pouco a pouco, para substituir os professores especiaes, fiando assim aptos a apresentarem um typo mais completo do guia mental da segunda infancia e fazendo jús a uma gratificação nos seus honorarios, desde que se achem preparados para desenvolverem o cultivo esthetico dos seus alumnos.

V—Attender á necessidade urgente de propagar com a maior rapidez o ensino das artes pelos differentes Estados confederados, pois estes poderão requisitar da capital os

alumnos pensionistas que se acharem em disponibilidade, ficando, como é natural, as despesas de transporte e pagamento dos ordenados por conta dos cofres particulares de cada Estado;

11º— Considerando finalmente que prestam um serviço á Patria, atendendo a todas as necessidades sociaes do momento, e guiando-se unicamente pelo mais puro e elevado espirito republicano que só o verdadeiro civismo inspira, pedem-vos a decretação do seguinte projecto de reforma do ensino das artes plasticas:

Art. 1º. Fica extincta a Academia de Bellas-Artes e fundado com o material existente o Museu Nacional de Pintura e Esculptura.

Art. 2º. Ficam consequentemente demittidos todos os actuaes professores, conservando o Estado os honorarios dos que não tiverem outro meio de subsistencia, enquanto persistir tal situação, e aposentando com ordenado por inteiro aos que por idade avançada não poderem mais tentar nova profissão...»

Seguiam-se mais nove artigos com seus respectivos paragraphos, providenciando sobre a organização do Museu, estabelecimento de concursos de viagens, pensões, etc.

A longa transcrição que fiz, teve por fim, aproveitando a oportunidade de demonstrar a importancia deste documento, offerecer uma critica serena da organização da extincta Academia, que se acha synthetizada nos ponderados considerandos do projecto.

O excellento plano Montenegro-Decio e Aurelio não logrou attenção do governo que pensou de modo diverso e, respeitando os moldes archaicos disfarçados em reformas, pôz o condemnado instituto em anachronismo com os puros principios da Democracia.

Então o auctor destas linhas, por esse tempo muito moço e illudido com os homens e as cousas do seu paiz, e os demais com a tola preocupação de se interessar pelas bellas artes sem ter por si a responsabilidade profissional, reunindo-se a um grupo de jovens artistas, os mesmos ou quasi todos os que fizeram o movimento reaccionario, tentou organizar o ensino-livre das Bellas-Artes no Rio de Janeiro!

Isso merece uma exclamativa, certo que a merece e das maiores; mas é preciso que se saiba que a minha pretensão não foi tão descabellada que me julgasse, só por mim, capaz de tamanha empreza.

Para leval-a por bom caminho eu e os meus companheiros fomos pedir ao prestigio e experiencia do Sr. Decio Villares o imprescindivel apoio á nossa causa. Era prudente e assizado. O Sr. Decio, artista dos mais notaveis entre os que melhores temos tido, sobre

não concordar com a reforma da Academia possuia amisades e sympathias de amadores dinheirosos.

O Sr. Decio aceitou-nos, chegou a manifestar pela nossa causa certo enthusiasmo, e após duas ou tres solemnes conferencias, a que assistiram pessoas que nos podiam coadjuvar, começou teimosamente a nos exigir orientação positivista nos projectados cursos! *Incidit in Scyllum capiens vitare Charybdim.*

Estava perdida a nossa esperanza. Desistimos da tentativa e desanimados, cada qual foi tratar de sua vida como poude. Foi doloroso, não ha duvida... Mas, que podiamos fazer? O auctor destas linhas viveu sempre sò, arredio ás *coteries*, e inconciliavel com as rodas escolhidas pela Fortuna; ao demais, faltho de recursos pecuniarios e obrigado a duplicar esforços para manter uma familia numerosa, os deveres o chamavam para outra dedicação; aquelles moços eram pauperrimos, alguns nascidos n'obscuridade tinham a obrigação de proverem a subsistencia dos seus tectos... A debandada foi tristissima; mas, á rarissimos, faltou a coragem da resistencia, Essa deve ser lembrada, chegou a ser extraordinaria, quasi um martyrio... e, em algum dia eu a contarei, ao menos para ser lida por meia duzia de moços.

Emquanto assim procediamos, a commissão nomeada pelo governo para elaborar o regulamento da reforma, e composta dos Srs. Amoêdo, R. Bernadelli e Dr. Moreira Maia, entrava em discordancia, chegando o ultimo desses membros a negar sua assignatura ao trabalho apresentado por aquelles seus companheiros, Teve o governo de substituir o Dr. Maia pelo Sr. Decio Villares, o signatario do projecto Montenegro!—e durante o tempo em que se ageitavam nessa elaboração singularissima, a Academia era acintosamente combatida por esse grupo de artistas que, ajudado por alguns capitalistas, fundaram um *curso-livre* no barracão construido pelo Sr. Aurelio de Figueiredo para a exposição da sua grande tela encommendada pelo governo do Amazonas.

Afinal, em Dezembro de 1890, foi promulgada a reforma da Academia, ora chamada Escola Nacional de Bellas Artes. Questão de rótulo.

Aqui temos em rapidas linhas a historia dessa reforma. O nome artistico do novo director da nova Escola, ex-Academia, e o cultivo mental do seu vice-director, cargo novo entregue a uma das glorias da nossa arte, seriam o bastante para attrahir a «mocidade de bellas-artes» se ella, em uma grande parte, não protestasse contra a fórma caracteristicamente official dada ao instituto. Era uma

questão de principios e não de pessoas como muita gente suppunha.

Em todo o caso, o professor Amoêdo, nomeado vice-director da Escola, dedicou-se inteiramente á sua organização e taes foram os bons resultados do reformado instituto que por algum tempo, se julgou extinta a praga ali commodamente aninhada. Póde-se dizer que o sr. Amoêdo foi o cerebro e o coração da Escola. Ella vivia e agia pelo seu immediato, solícito concurso. A primeira exposição realisada pelo renovado instituto deve-se a elle, que se desdobrou em actividade para que ella fosse promettedora de melhores tempos.

Mas, o illustre professor estava illudido, o mal não podia ser vencido, a sua causa residia na natureza, no organismo do instituto, Era um meio official, com cargos decorativos e seductores contactos com a alta administração nacional. E, sejamos francos, não ha natureza mais feminilmente sensível á exhibição que a dos artistas... se até os homens de sciencia tem a sua quêda pela joalheria das commendas!...

O artista que uma vez entra na sociedade e ouve a bocca de uma mulher bonita elogiá-lo e recebe o aperto de mão affavel de um alto personagem, está perdido. E' preciso que elle tenha a envergadura dum Miguel Angelo, ou a timidez de um Delacroix para escapar á tentação.

A posição do sr. Amoêdo na Escola começou a causar encommodos, acabou por contrariar os que viam nelle o professor querido, o artista consagrado. E as murmurações, as historiasinhas, os casos de outro dia, entraram a fazer um borbórinho de locutorio cónventual, e isso num crescendo que chegou ao desastre do alijamentó do professor Amoêdo na eleição de 1906.

De então para cá tem sido a vida da Escola o que estamos presenciando.

Reeditam-se os mesmíssimos processos de elogios capciosos e descreditos disfarçados. A imprensa diaria, sem saber o que se passa nos seus editoriaes, publica noticias em cujas entrelinhas está a agulhêta de Pravat (não leiam depravada) esguichando imperceptivelmente o caustico das vinganças. Não se teme de falseiar a verdade das chronicas, attribuindo a esse o merito que se devia dar áquelle; e, como todos os meios servem para a guerrilha damninha do afastamento e d'annulação, não se attende aos assumptos nem as oppor-tunidades para elevar um nome e deprimir outros.

E' uma guerrasinha de *beatas*, que sáe da Escola e vem para a imprensa, para as calçadas, para os interiores completar a sua obra destruidora de concurrencia e ambições.

E o caso da eleição para o jury do *salão* de Setembro não foi mais do que uma face, um modo, dessa terrível guerrilha de *cochixos*.

E que papel representa nisso o sr. director da Escola, o illustre esculptor Bernardelli?

Por mais que se procure desresponsabilisar o Sr. professor R. Bernardelli dos acontecimentos que se estão amiudando, a sua posição se compromette de vez a mais, porque, ou é nullo o seu cargo ou a sua intervenção nelles é de maior relevancia. Mas, o que é claro, o que é evidente, é que a Escola não satisfaz as exigencias do ensino moderno, volta ao reprovado nepotismo e recae nos mesmos defeitos da antiga Academia, se não vae por peor declive, por quanto mais do que já foi, ella hoje se transformou em sachristia de irmandade, cheia de mexericos, murmurações e represalias para o proveito dos que ambicionam os cargos figurativos, as investiduras de maior apparatus, o poderio... O poderio!... de que e para quê?...

A tolíce humana é mais desmedida que o orgulho.

Nem um despeito, nem a menor, a mais leve prevenção, despertam-me estas linhas; traço-as por sentir que um artista do valor do sr. professor R. Bernardelli, que podia viver cercado das sympathias e da admiração dos seus patricios, se deixe levar por essa deleteria influencia de pequeninos ambiciosos.

Lamento-o, e o faço com uma sinceridade que não tem muita gente, por que não só o nome glorioso do esculptor do *Christo e a Adultera* é envolvido numa viscosa tecedura de pretensões e vinganças, como tambem a esculptura vae perdendo o mestre que a honrava, pela seducção das gloriolas do officialismo, sem duvida agradavel a estreiteza mental dos mediocres, á maleabilidade dos bajuladores e toleima dos pretenciosos; mas incompativel com a nobreza de character de um grande artista.

O caso que precedeu á abertura do *Salão* de Setembro basta para o esclarecer sobre a sua situação na Escola. O sr. professor Bernardelli está emmaranhado numa teia, que prejudica grandemente o artista e desmerece, diminue, desformisa o homem.

Agosto de 1907.

GONZAGA DUQUE.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2^{1/2} e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande Loteria Extraordinaria

EM 28 DE SETEMBRO

3 premios de 50:000\$000

Por 8\$000 divididos em decimos de 800 reis

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VEDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :
Srs. LEVY IRMAOS & C^a, em Pelotas.
Sr. ISIDORO MAX, em Porto-Alegre.

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros Mutuos
Sobre a Vida

Auctorizada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896.



SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS



Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 4.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 6.000:000\$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

♣ ♣ ♣ EQUITATIVA ♣ ♣ ♣

Os sorteios tem lugar em 15 de Abri
e 15 de Outubro de todos os annos.

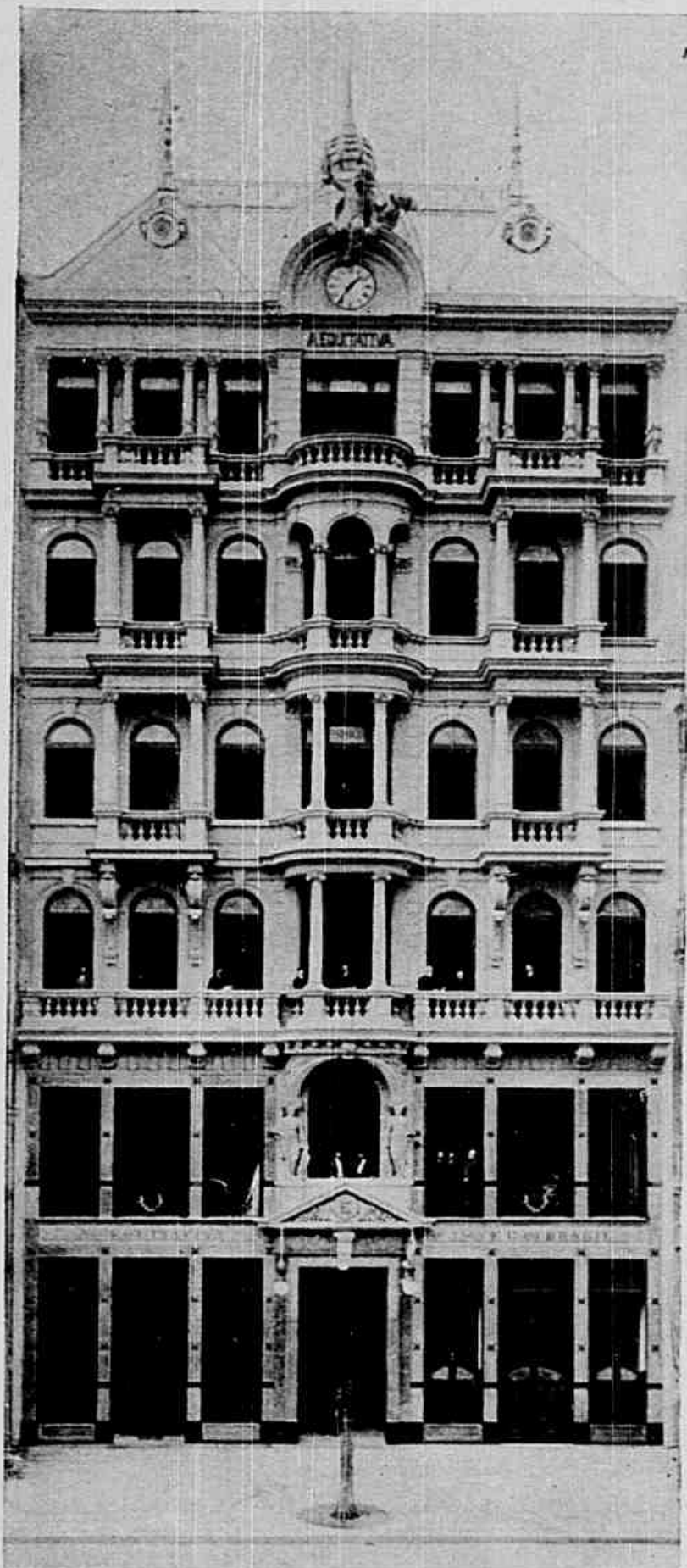


Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO



125, AVENIDA CENTRAL, 125

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000\$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

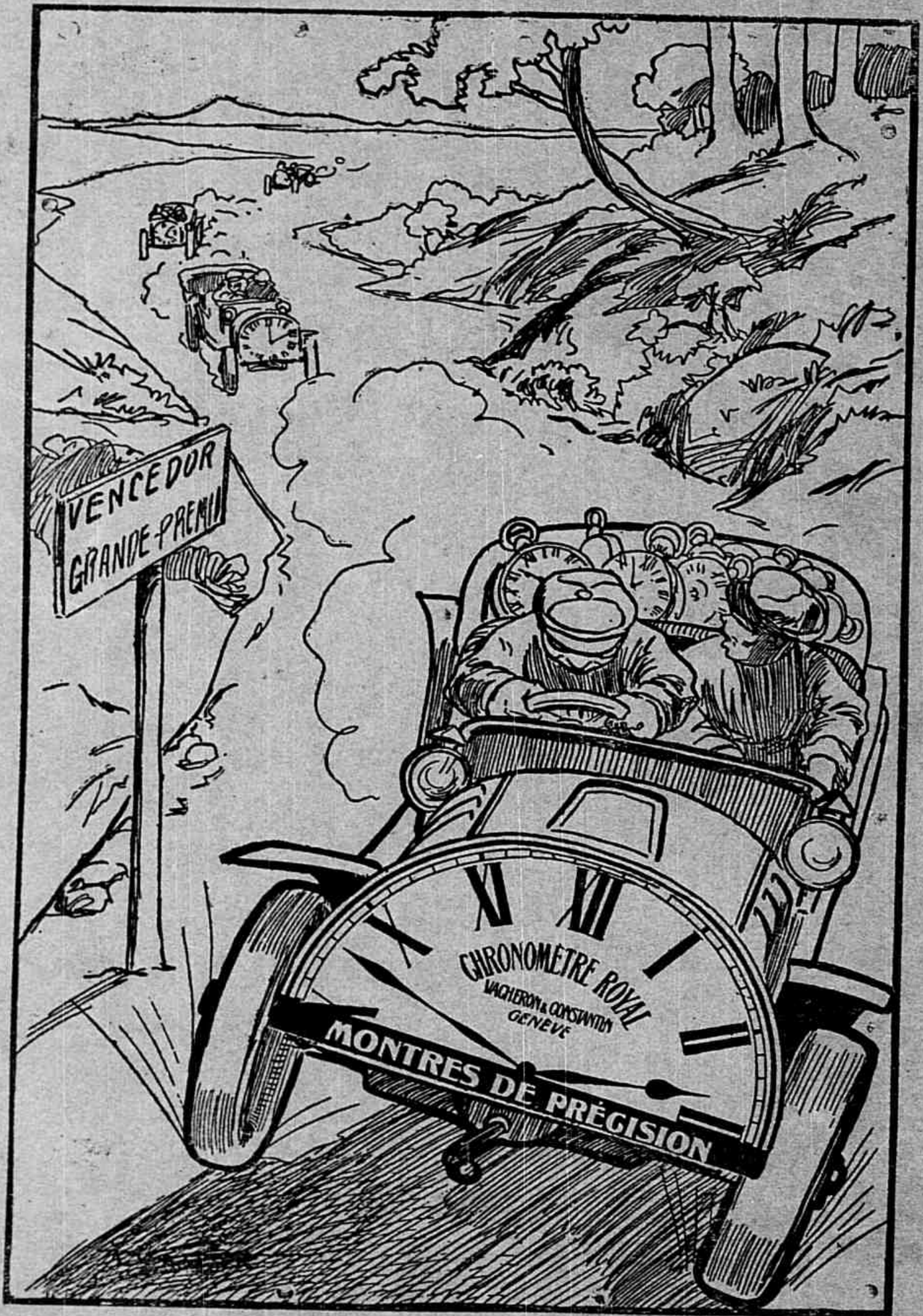


DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto de Magalhães



O 1º Relógio do Mundo



GRAND PRIX, MILAN 1906